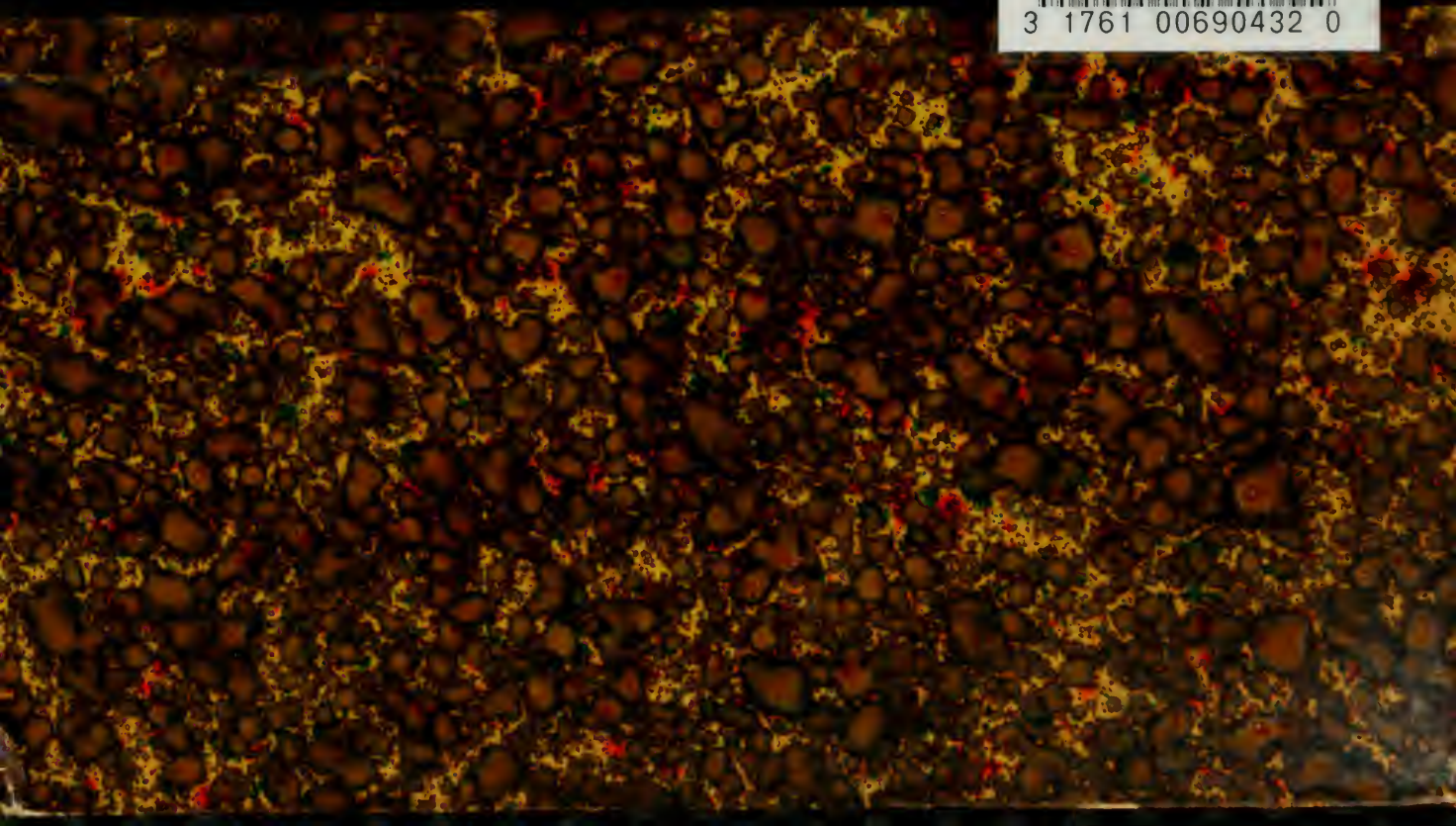
UNIVERSITY OF TORONTO
3 1761 00690432 0



ROMANCES NACIONAES

ROMANCES NACIONAES

A FILHA DO REGICIDA

ROMANCE HISTORICO

POR

CAMILLO CASTELLO BRANCO

LISBOA
LIVRARIA EDITORA DE MATTOS MOREIRA & C.ª
68—Praça de D. Pedro—68
1875

A propriedade d'este livro pertence a Henrique d'Araujo Godinho Tavares, subdito brazileiro.

PG
4261
P45
LIBRARY
DEC 28 1967
UNIVERSITY OF TORONTO

Typographia Editora—Praça do D. Pedro, 67

A seu filho Jorge Camillo

A FILHA DO REGICIDA

I

Ainda os membros dispersos do cadaver de Domingos Leite Pereira apodreciam nos postes, quando sahiu uma procissão de triumpho a desempestar especialmente as ruas dos Torneiros e da Fancaria.

No intuito de *expiar o sitio*, segundo a pia phrase de fr. Francisco Brandão, ergueu a piedade um altar encostado á seteira por onde o regicida abocára a escupêta, e ahi foi arvorada aquella milagrosa imagem do Crucificado, que despregou a mão revolucionaria no dia em que o duque bragantino foi acclamado rei.

Dá o chronista-mór do reino rasão plausivel do altar provisorio n'estes tortuosos termos: *Foi para que, com a duplicada presença de Christo sacramentado e crucificado, reconheça Castella que para uma de suas traições se nos duplica Christo para defensa.* Se Cas-

tella percebeu estes escabrosos dízeres do collaborador da *Monarchia Lusitana* tanto como nós, decerto não reconheceu o que o frade lhe inculcava, e sobejamente demonstrou no seu proceder subsequente pouquissima reverencia aos avisos do céo.

Defronte d'aquelle altar, na outra esquina da Fancaria, arvoraram o espeque rematado pela cabeça de Domingos Leite, que parecia olhar para Jesus Christo com as palpebras rôxas e entre-abertas; e a primorosa esculptura do Redemptor, olhando para o povo, parecia chorar. O povo, porém, depois de fazer reverencia a Jesus, voltava-se contra a face esqualida do justiçado, e clamava fremente de rancor:—«Estás nas profundas do inferno, patife!»

E os gaiatos aporfiavam em acertar-lhe com pelouros de lama, lucrando applausos e gargalhadas do auditorio os mais certeiros. E, assim que a noite se fechava, e a lampada do altar vasquejava os lampejos finaes, ninguem se affoitava a transitar n'aquellas ruas de encruzilhada, desde que se divulgou que os demonios, a horas mortas, marinhavam, como bugios, pelo barrote onde a cabeça do regicida apodrecia.

Volvidas algumas semanas, a esposa de D. João IV —aquella christianissima hespanhola que recusára receber as supplicas da duqueza de Caminha, e repellira desabridamente o arcebispo de Lisboa, D. Rodrigo da Cunha, que lhe exorava sua piedade para os réus menos delinquentes—mandou arrasar as casas infectas do sacrilego attentado, e erguer sobre os alicerces uma egreja redonda, com feitio de Pantheon, galante, embrincada, elegendo-a para sua sepultura. Ahi lhe anoiteceu a noite perpetua no seu leito de jaspe, até que

a terra se abriu em 1755, e sorveu no mesmo hausto o pó da rainha Luiza de Gusmão e o pó do esquartejado Domingos Leite, revolvido na vaza do Tejo onde o carrasco lhe arrojára as cinzas.

O nome que andava glorificado nas graças da plebe era o de Roque da Cunha, a quem chamavam o salvador do rei e da patria. Quem o não conhecia diligenciava conhecel-o. O gentio rodeava-o nas ruas, acompanhava-o em grita enthusiastica, esperava-o na testada de sua casa, e seguia-o triumphalmente quando se recolhia.

Logo que os cegos vendilhões das gazetas apregoaram a *Relação* escripta pelo chronista-mór—na qual o nome de Roque se baralha com o de S. Roque—(1) subiu de ponto o respeito ao assassino de padre Luiz da Silveira, e até pelo homicidio de Pedro Barbosa de Luna lhe davam os patriotas tumultuosos parabens.

Era o heroe do dia. Galaneava trajos muito á fidalga, corveteava o seu cavallo em repellões de galharda ginêta pelas sonoras calçadas de Lisboa, e já desviava os olhos desdenhosos das importunas acclamações dos gaiatos.

Não obstante, a gente honesta esquivava-se do contacto do delator, e propriamente o rei nunca mais proferiu o nome do seu salvador em presença dos ministros. Sabiam o monarcha e os juizes, da sincera confissão do réu, que o seu intento, na terceira vinda a Lisboa, não fôra matar D. João IV; mas sim levar sua filha para Castella ou Hollanda. Reconheceram a verdade d'esta confissão, confrontando-a com a serenidade e

(1) Veja-se no tom. I, a *Nota final.*

firmeza que o réu mostrou ao declarar que teria matado o rei no dia 20 de junho, se não receasse matar simultaneamente pessoas innocentes; e, depois, lhe não offuscasse os olhos e turvasse a alma a deslumbrante visão de sua filha. Estas circumstancias certo é que não atenuavam o crime, nem convinha exaral-as na sentença. Todavia, na opinião do monarcha e dos desembargadores, Roque mentira, accusando o proposito regicida do seu companheiro na terceira vinda á côrte.

Como quer que fosse, o sentimento popular, de algum modo respeitado por narradores servis, chegando, rodados dois seculos, ao gabinete d'outro Roque, manifesta-se tão devoto do traidor que no'l-o pinta *cheio de confusão e honra*. (1)

D. Vicencia Correia, mãe de Roque, e esposa do Guedêlha, sabendo que Domingos Leite Pereira era morto por traição do filho, ganhou tamanho horror ás suas proprias entranhas onde o monstro se gerára, que nunca mais quiz ver ninguem senão frades, e deu comsigo onde Deus sabe. Só assim morreria de vergonha quem vivêra oitenta despejados annos, e os começara no reinado do cardeal D. Henrique, prosperando atravez do reinado dos tres Filipes. De seu marido, o desembargador Francisco Leitão, nada apuramos digno de escriptura. Por lá se finaria em Madrid o saudoso viuvo em regelada decrepitude, privado dos mimos da consorte que, ao parecer d'elle, na vida longa que disfructára, apenas, prevaricou em aggravo da natureza, dando á luz uma fera ante-nupcial.

(1) *Historia da feliz acclamação do sr. rei D. João IV, por Roque Ferreira Lobo. Lisboa 1803.*

II

Quando Bernardo, portador do recado de seu amo, chegou a Guimarães, já na terra corria o boato da prisão de Domingos Leite Pereira; mas o delicto arguido lá, como em Lisboa, era o assassinio de certo clerigo por ciumes honrados. Motivara esta supposição correr o processo muito em segredo em quanto houve esperanças de descobrir cumplices no interrogatorio coadjuvado da tortura. A tentativa do regicidio divulgou-se publicamente quando a sentença foi lavrada trez dias antes do supplicio.

Antonio, o cuteleiro, assim que lhe constou dos boatos a prisão do filho, — e por isso recebeu os pesames dos visinhos, que applaudiam os brios do seu conterraneo — ajuntou o dinheiro que pôde, entroixou o fardel de viagem, e estava a ponto de partir para a côrte, quando chegou o velho Bernardo estropeado do caminho e alquebrado de afflicção.

O confidente de Domingos Leite, posto que não soubesse tudo, sabia mais que o vulgo, e previa resulta-

dos funestissimos. Conjecturava elle que a prisão procedera de causas formidaveis, lembrando-se que o amo, n'aquella noite de 19 de junho, lhe dissera: «se eu ámanhã fôr preso ou morto, vai tu a Guimarães, e dize a meu pai que morri ou vou morrer em desaffronta da minha honra.»

Quando Bernardo entrou na cutelaria da rua de Infesta, a mãe de Domingos Leite entrava ao mesmo tempo, lavada em lagrimas; porque, estando a rezar na igreja da Senhora da Oliveira, um conego a chamára á sacristia, e lhe dissera que, estando no Porto, no dia anterior, ouvira ao chanceller da Relação futurar a morte de Domingos. O marido escutou-a afflicto, mas duvidoso; e Bernardo, sem interpôr vans esperanças, deu a Antonio Leite o recado tal qual seu amo lh'o dera dois mezes antes.

—Mas então que fez meu filho?!—soluçou o artifice.—Hão de condemnal-o á morte, não sendo elle quem matou o padre?.. Que crimes tem o meu Domingos que mereçam a morte? Diga vocemecê, se os sabe...

—Eu não os sei, sr. Antonio—respondeu Bernardo. —O recado que seu filho ha coisa de sete semanas me deu foi o que eu lhe disse. Não o tornei a vêr desde 19 de junho. Quando a 2 d'este mez soube que elle estava no Limoeiro, ainda fui á cadeia a vêr se lhe fallava; mas logo me disseram que o preso estava no segredo. O povo fallava na morte do tal padre... No sei mais nada... O meu dever era partir logo a dar esta má nova a vocemecê; oxalá que eu cá possa voltar com melhores noticias. Ámanhã, se Deus quizer, volto para Lisboa; e de lá participarei o que souber...

—Eu vou tambem,—disse o cuteleiro.—Ali tem vo-

cemecê em cima d'aquella arca os alforges já arranjados para o caminho.

—Que vai o mestre Antonio lá fazer, se lhe não deixam vêr seu filho?—objectou Bernardo, transido da suspeita de que o velho iria assistir ao supplicio de Domingos Leite.

—Que vou lá fazer?!—replicou Antonio.—Vou levar-lhe o caldo e o pão á grade da enxovia; que talvez meu filho não tenha quem lh'o dê. Que vou lá fazer?! Essa pergunta não se faz a um pai, sr. Bernardo!. Ainda que o meu Domingos sahisse do Limoeiro para a forca, eu havia de sahir-lhe ao caminho para lhe dizer: «se vais morrer porque eras honrado, vai com Deus, e lá está o Supremo Juiz que te receba. Teu pai, meu infeliz moço que tão cedo morres, cá fica para te chorar, e mais a pobresinha de tua mãe. Ora agora, se és malfeitor, se mereces o castigo, pede a Deus que te perdôe; que eu cá ficarei a chorar a deshonra que nos deixas...—E, enxugando as faces ao canhão da véstia, proseguiu:—O meu rapaz era bom... Quem o deitou a perder foi aquelle Roque da Cunha que eu lá fui topar á beira d'elle em Madrid... Quem sabe, sr. Bernardo, se o tal Roque o arrastou... Quando me lembro umas palavras que lá lhe ouvi e mais a um desembargador, contra el-rei nosso senhor... Querem vossês vêr...—exclamou de salto o cuteleiro batendo na testa—querem vossês vêr que o meu desgraçado filho, sedusido pelos traidores, veio a Lisboa tratar de alguma conspiração contra el-rei? Se assim é..., então, ó desgraçada mulher, estamos sem filho!

E, exclamando, abraçou-se n'ella, e assim se ficaram soluçando anciadamente.

Bernardo quizera consolal-os; mas o consternado ancião acreditava secretamente na desgraça que para o pai do preso era sómente desconfiança. Cogitava em armar disfarces que desviassem de Lisboa o cuteleiro; cumpria-lhe, porém, ou dar força ás suspeitas de Antonio Leite, prefigurando-lhe o espectaculo da execução do filho — o que seria, sobre inutil, descaridoso e horrivel — ou então inventar cousas vans e frivolas.

Era impossivel despersuadil-o.

Na madrugada do dia seguinte, 11 de agosto, sahiram para Lisboa.

III

Ao cahir da noute, chegaram ao Porto, e pousaram na estalagem do Coutinho, no largo de Nossa Senhora da Batalha. (1)

Antonio Leite, quebrantado de forças, de angustia e de horriveis presagios, atirou-se vestido sobre o enxergão que lhe deram, e pediu a Deus duas horas de dormir que o restaurassem. Bernardo, mais robusto e menos succumbido, porque a sua dôr seria menor incomparavelmente, sentou-se á banca onde ceavam outros passageiros vindos da côrte.

Entre os quaes havia dois que conversavam com um do Porto, que os visitara na estalagem. E como entre elles se proferissem os nomes de Roque da Cunha e padre Silveira, o velho creado de Maria Isabel Tragamalhas applicou o ouvido.

(1) N'aquelle anno e nos successivos vinte annos havia na mesma praça, simplesmente denominada hoje *Batalha*, cinco estalagens de que tinha privilegio exclusivo um Gaspar Coutinho.

O mais velho dos viandantes, que no trajo e na gravidade do aspecto denunciava fidalgo provinciano, dizia:

—Está vocemecê illudido como muita gente de Lisboa, a respeito do crime de Domingos Leite...

—Sim—condescendeu o do Porto—V. S.ª tem razão de saber as coisas de fundamento, porque lá está na côrte seu primo, o sr. Thomé Pinheiro da Veiga, procurador geral da corôa, que tudo sabe em rasão do seu officio.

—O negocio é mais de costa arriba—tornou o fidalgo de Barcellos, bamboando a cabeça e gesticulando sinistramente aos olhos de Bernardo.—O padre Silveira não é nada no crime do Domingues Leite. Por causa da morte do tal padre não iria nunca para a India o escrivão do civel nem o seu amigo Roque, e muito menos para a forca... e para a forca vae o Domingos Leite tão certo como eu vou ámanhã para Barcellos, se Deus quizer...

—Para a forca! — exclamou Bernardo, cravando os olhos no fundo escuro da casa onde ceavam, tremèndo que o cuteleiro podesse ouvir no seu quarto o que alli se dizia.

E, como a exclamação do velho rompesse em meio do geral silencio dos muitos commensaes, convergiram para elle todas as attenções.

Estava já de pé o velho, com os tremulos braços apoiados na meza, e os olhos espantados e lagrimosos fitos no rosto do hospede.

—V. S.ª—balbuciou Bernardo—tem a certeza de que será enforcado o sr. Domingos Leite?

—O *senhor!*...—atalhou com azedume o interrogado—é tratar com muito respeito um faccinoroso que tres

vezes tentou contra a sagrada vida d'el-rei nosso senhor! Tenho a certeza, tenho, sim, de que o tal *senhor* Domingos, filho d'um serralheiro de Guimarães, hade ir ao patibulo com mais justiça de que lá foram grandes fidalgos ha seis annos. Pois então? que queria vossê, homem? Acha que o regicida, nascido portuguez e vendido a hespanhoes, em vez de ir á forca, deveria ser despachado com uma boa commenda? Dê-nos lá o seu parecer!...

—Senhor!—volveu o velho curvando-se respeitosamente—eu fui doze annos escudeiro e mordomo d'esse infeliz que está preso, e por isso o trato com a cortezia de criado. Se tem grandes crimes o meu pobre amo, decerto não tem o de se vender aos hespanhoes...

—Não?! — acudiram ao mesmo tempo o maior numero de convivas.

—Não, meus senhores, não. Juro aos ceus que meu amo não tentou contra a vida d'el-rei porque os castelhanos o mandassem.

—Quem o mandou então?—perguntou bruscamente o fidalgo minhôto.

Bernardo ia responder com o arrojo da verdade, ia, talvez, accusar D. João IV de adultero, ia louvar a honrada tentativa de seu amo, quando um relampago de reflexão lhe mostrou aberto o abysmo em que se despenhava inutilmente.

O fidalgo insistiu na pergunta: e, como o ancião mostrasse que as lagrimas lhe tolhiam a falla, a curiosidade maliciosa augmentou em alguns dos passageiros, em quanto outros mais compadecidos attribuiam a tresvalio de velho e bom creado a destemperada negativa

do crime que o parente do procurador geral da corôa alli affirmára, e já publicamente se dizia.

Mais brando na modulação da voz, perguntou o primo de Thomé Pinheiro:

—Então vossê era criado do Leite, quando o prenderam na Povoa de S. Martinho?

—Não, meu senhor. Fui despedido do serviço da Sr.ª D. Maria Isabel, quando meu amo estava refugiado em Hespanha.

—Quem era essa senhora *Dona* Maria Isabel?!—tornou o fidalgo accentuando ironicamente o *dona*.

—Era a mulher de meu amo.

—*Dona?!* Pois a mulher de Domingos não era uma fulana *Traga-malhas*?! D'onde lhe veiu o *dom?*

—Eu ouvi-lh'o dar a um ministro d'el-rei nosso senhor—respondeu o velho disfarçando o sarcasmo.—E depois que o sr. ministro lhe deu *dom*, que havia de lhe dar eu, que era seu criado? Além d'isso a filha de meu amo era...

Ia Bernardo dizer que a menina, filha de Maria Isabel, era açafata; mas reteve-se, alumiado por um segundo relampago, que lhe mostrou o despenhadeiro.

—Que era a filha de seu amo?—insistiu o fidalgo.

—Era... não sei o que eu ia dizer... — tartamudeou Bernardo— Esta minha cabeça já não atrema... Tenho muitos annos e muitos desgostos...

Volveram as lagrimas a encobrir-lhe o disfarce da imprudencia.

—Onde está agora a mulher do Leite?—perguntou o portuense que alli fôra visitar o de Barcellos.

—Ha coisa de mez, vivia ella em Alcantara, muito perto do paço, em grandes casas, e bem servida—res-

pondeu o fidalgo — Lá me disseram no mosteiro do Calvario que Maria Traga-malhas estava gosando os seus grandes haveres; mas tão reclusa, que raras vezes se mostrava. De formosura não havia na côrte quem lhe levasse a palma, ouvi eu dizer aos melhores juizes na materia. Quem ha de saber onde ella agora pára é aquelle velhote que não acaba de chorar desventuras que as lagrimas não remedeiam... Sabe onde está a sua ama?

—Não, meu senhor.

— Está no convento — respondeu um recemvindo, que assistira á ultima parte da conversação.

Era o dono das cinco estalagens de Nossa Senhora da Batalha, o abastado Gaspar Coutinho, um dos burguezes mais discretos e respeitados da cidade.

—Como sabe vm.cê, sr. Gaspar, que ella está no convento?—perguntou o fidalgo.

—Logo conversaremos em particular, sr. Alvaro Pinheiro — disse o sisudo estalajadeiro, gesticulando de modo que o interlocutor intendesse a gravidade das revelações.

Terminou a palestra com o adiantado da hora. Bernardo foi de mansinho escutar a respiração do seu companheiro de jornada; e, ao approximar a candeia da cabeceira do catre, como que estremeceu, e se quedou attonito a contemplar um objecto que em verdade não dava razão a tamanho espanto. Era uma faca de mato, do feitio das que ainda hoje se fabricam em Guimarães, e se usam nas cosinhas onde ha grandes massas de carne a espostejar. A lamina media duas fartas pollegadas no centro. O punho era de osso tòscamente desbastado, com chapa de ferro no vertice, e um an-

nel ou braçadeira de cobre na ponta em que terminava o espigão e principiava a folha. A bainha era de moscovia, orlada de cobre no invasado e terminada em ponta do mesmo metal. Estava a faca muito perto da cabeça de Antonio Leite, sobre o travesseiro, e encostada ao espaldar torneado do leito.

Aquella temivel arma parecia estar annunciando desgraças futuras a Bernardo. Figurou-se-lhe que a tragedia d'aquella familia iria além do patibulo de seu amo. Farejou sangue, e sangue da vingança, o lance desesperado que poria o pae afflicto em frente de Roque da Cunha, que a plebe victoriava nas ruas de Lisboa, quando Bernardo sahia caminho de Guimarães. Depois, relançando a vista de sobre a robusta faca para o braço nu do cuteleiro, achou que ella era talhada para o pulso grosso e cabelludo do alentado velho. N'estes enleios, que certamente o não prenderiam em diversas circumstancias, o encontraram os olhos de Antonio Leite, despertados pela claridade da luz, ou por sobresaltos de sonho máu.

—È dia?—perguntou o velho estrouvinhado.

—Não, sr. Antonio. Deu agora meia noute. Basta sahir ao romper da manhã. Ainda podemos descansar duas horas bôas.

—Que faz vm.ce a pé?

—Venho de ceiar e conversar com os passageiros. Quiz vêr se vm.ce dormia, e fiquei aqui estarrecido a olhar para esta faca. Nunca vi tamanha peça! Isto é obra lá da sua officina?

—Sim, senhor. Era eu aprendiz quando amanhei essa coisa que nunca fez mal a ninguem...

—Nem fará, se Deus quizer—accrescentou Bernardo.

—Nem fará, se Deus quizer—repetiu Antonio Leite, e ajunctou:—Mas não sabe um homem quando Deus quer que elle seja bom ou máu, sr. Bernardo...

E, fallando assim, sentou-se na cama, deixou cahir a cabeça sobre os braços cruzados no peito, e rompeu em torrentes de lagrimas.

—Porque chora assim, sr Leite? — disse Bernardo, pendurando a candeia no velador de páu, e sentando-se na borda do catre.

—Não m'o pergunte... Eu estou sem filho, e a minha desgraçada mulher está viuva... Se m'o matam, e me não convencem de que o seu crime era de morte, ha de haver alguem a quem eu peça a vida de meu filho...

—Ahi está!...—murmurou Bernardo— O meu coração é prophetà!... Ainda agora, esta faca parecia dizer-me essas mesmas palavras que eu lhe estou ouvindo... Ó senhor Antonio, fallemos muito baixinho, que estamos em uma estalagem, e podemos ser escutados. Ora diga-me: se, por desgraça, meu amo e seu filho fosse condemnado á morte, a quem iria vm.ce pedir contas da injustiça cruel que o condemnou?

—Em Lisboa lh'o direi, sr. Bernardo... — E, feita uma curta pausa, accrescentou: — Vm.ce conhece bem meu filho? conheceu-lhe o genio? Julgava-o capaz de vingar seu pae, se lh'o matassem?

—Era, não duvido.

—Pois, se não duvida, basta dizer-lhe eu que sou pae d'esse nobre rapaz que vingaria a minha morte.

—Sim; mas...

—Mas quê? Vm.ce não me disse que meu filho o

mandára a declarar-me que morria em desaffronta da sua honra?

—Sim, senhor.

—Então é claro que, se o matarem, matam um homem honrado; e eu quero morrer com elle, vingando-o. Pois que vou eu fazer a Lisboa? Salvar meu filho? não; que tanto monta um pae a chorar aos pés dos juizes como coisa nenhuma. Se não houve piedade para os grandes que conspiraram contra el-rei, como hade havel-a para o cuteleiro! Eu não vou chorar, como as mulheres que não tem outra respiração...

—Então a que vai, sr. Antonio?

—Vou ser homem...

—Contra quem?

—Em Lisboa lhe direi... se o souber.

—Olhe que os filhos do ministro Lucena não vingaram o pae...

—Nem o deviam vingar, se elle era traidor ao seu rei; nem eu vingarei meu filho, se por traidor o enforcarem; mas meu filho não está preso por traidor á patria; meu filho mandou-me dizer qne morre em desaffronta da sua honra. Vocemecê o declarou por ordem d'elle.

—Sim... não ha duvida... mas... se o rei...

—Diga...—instou pressurosamente Antonio Leite—É o rei que o manda matar porque Roque da Cunha matou o padre? quer dizer isso?

—Não.... quero dizer que.... a justiça...—gaguejou Bernardo.

O conturbado velho não sabia o que lhe cumpria dizer. Nem a sós com o pae de seu amo ousava proferir o nome do rei. E' que ainda tinha nos dedos mal

cicatrisadas as feridas e as deslocações das phalanges nos tractos que a justiça lhe dera para confessar o escondrijo de Domingos Leite.

Bem ou mal reflectido, Bernardo, forçado pela insistencia do cuteleiro que o pungia a esclarecel-o quanto aos crimes do filho, cuidou fechar a pratica dolorosa dizendo que na côrte se contava que Domingos Leite fôra denunciado pelo perfido Roque da Cunha de tentar contra a vida do rei.

—E meu filho tentou matar o rei?!—exclamou Antonio Leite, levantando a voz.

—Jesus!—murmurou Bernardo.—Falle baixo, pelas cinco chagas de Christo! Olhe que nenhum de nós está livre dos tormentos, se essas suas palavras chegarem aos ouvidos da justiça. Eu já sei como doem as torturas. Aqui as tem escriptas n'estas mãos por amor de seu filho... Não tenho apêgo á vida; mas tremo de a perder ás gotas de sangue, sem poder melhorar a sorte de seu filho com os meus tormentos. Sr. Antonio, eu, ha sete semanas, podia dizer-lhe que o sr. Domingos Leite queria matar um homem que era o amante de sua mulher; hoje não sei a rasão verdadeira por que o prenderam... O que sei é o que em Lisboa diziam pessoas de credito; e era que Roque da Cunha o entregára á justiça, dizendo que o infeliz tentava contra a vida d'el-rei.

—E está em Lisboa esse Roque da Cunha?—perguntou serenamente o cuteleiro.

—Está. Diz lá o povo que o salvador do rei foi elle. Eu o vi rodeado de povo, e levantado ao ar nos braços das regateiras, no mesmo dia em que seu filho entrou no Limoeiro.

O dialogo prolongara-se até ao alvorecer da aurora. Á primeira luz, os dois caminheiros sahiram da estalagem. A energia do velho de Guimarães desdizia da fraqueza do dia anterior. A ancia de chegar a Lisboa não lh'a estimulava a esperança de ainda vêr seu filho. Agitava-o outra ideia, outro intento que lhe abrazeava o coração e ressequia as lagrimas. O seu plano era matar Roque da Cunha antes que seu filho sahisse do Limoeiro; dar ao condemnado a certeza de que o traidor o precedêra na morte. Desde que este pensamento lhe deu á alma a vida da febre, nunca mais chorou. Alimentava-se sobre posse para não desfalcar as forças; receiava fraquejar na lucta peito a peito. Não o aterrava o morrer; mas sim o medo de ir a terra sem levar nos braços o cadaver de Roque.

IV

As revelações promettidas pelo estalajadeiro ao fidalgo de Barcellos, quando se tratava do destino de Maria Isabel, interessam tanto a nós como ao intolerante almotacé do *dom* barateado á mulher de Domingos Leite.

Depois de encarecer o segredo e pedir a maior discrição ao hospede, referiu Gaspar Coutinho o seguinte:

—Por volta das dez horas da noite de 7 d'aquelle mesmo mez, pararam á porta d'esta mesma casa duas liteiras das quaes desembarcaram, primeiro um homem que eu logo conheci de o ver em Lisboa entre as pessoas principaes do reino; e, em seguida, saltaram de outra liteira uma dama com uma menina. O homem, que era o sr. Antonio de Cavide, o ministro mais particularmente privado d'el-rei, pediu-me as chaves de dois quartos que eu preparára desde manhan por ordem do sr. regedor da justiça. Em um dos quartos entrou a dama com a menina; e no outro recolheu-se o sr. Antonio de Cavide. D'ahi a pouco chegou um creado de pé

com um macho carregado de bahus, que o ministro entregou á minha guarda, recommendando-me que pagasse aos liteireiros, que eram de Coimbra, e os despedisse. Por volta das onze, chegou o sr. regedor da justiça, entrou no quarto do ministro, fecharam-se por dentro, e lá se demoraram até alta noite.

Em quanto os dois senhores conversavam no primeiro andar—proseguiu o estalajadeiro—minha mulher, que tinha visto e admirado a belleza da hospeda, subiu ao segundo andar a ver se podia perceber aquelle mysterio, ouvindo alguma palavra que entre si dissessem as duas creaturas. Abriu subtilmente a porta de um quarto chegado ao d'ellas; e, ajustando a orelha ao tabique, percebeu que tanto uma como outra estavam chorando. A menina acompanhava os soluços da mãe com um chorar de creança, que ás vezes era interrompido por beijos, e algumas palavras ditas tão afogadamente que mal se entendiam. O que minha mulher percebeu foi que a creança se chamava Angela.

Sahiu minha mulher do quarto pé ante pé, e veio contar-me o que ouvira. Disse-lhe eu que tornasse lá, batesse á porta, e perguntasse á senhora se queria cear. Ella assim o fez. A senhora mandou-a entrar, e enxugava ainda as lagrimas. Disse-lhe que queria uma agua de gallinha para sua filha, e nada para si. Minha mulher pediu-lhe que tomasse alguma cousa; e tão compadecida o fez, que a triste senhora, precisando desabafar no seio de alguem, desfez-se em pranto, sem dizer palavra...

—Então essa mulher é que era Maria Isabel?—interrompeu o fidalgo.

—Ninguem lhe sabia ainda o nome, nem era cortezia

perguntar-lh'o; mas, n'esta occasião, quando ella chorava, e minha mulher affagava a menina, entrou no quarto o tal sr. Cavide, e, sem fallar, olhou para as duas com maus olhos, e fez signal a minha mulher que se retirasse. Eu, assim que soube isto, descalcei os sapatos, e metti-me no quarto visinho a escutar. Esta curiosidade não era bastante cortez, confesso; mas ninguem resistiria ao desejo de descobrir alguma cousa d'este mysterio, em que se envolviam personagens tão altas como o ministro real e o governador das justiças, o sr. D. João de Menezes.

Quando encostei o ouvido ao tapamento — proseguiu Gaspar, obtido como applauso á sua curiosidade um gesto affirmativo do seu colocutor — continuava entre a dama e o ministro uma discussão muito irritada, mas em voz a custo reprimida. Dizia-lhe elle que não estava em seu poder substituir as ordens de el-rei, o que já muitas vezes lhe tinha declarado.

— Mas eu nada tenho com el-rei — dizia ella.

— Nada tem?! — replicava o ministro com desabrimento — nem sequer como vassalla?

— As vassallas não são obrigadas a prisão nos mosteiros, por simples capricho dos reis. Se sua magestade se aborreceu de mim, é isso razão bastante para que me desterre e prenda em um claustro?

— A sr.ª D. Maria Isabel não vae presa.

— Não vou presa?! Isso é uma zombaria! Pois que vou eu senão presa? Não me ameaçou v. s.ª em Coimbra de me metter em ferros se eu teimasse em o não querer acompanhar ao convento de Bragança? Não me obrigou o sr. Cavide a fechar a bocca em Pombal quando eu quiz fallar a uma senhora que eu conhecia de casa

de meus pais? Se não vou presa, deixe-me; se sou livre, não me arraste ao convento; abandone-me á caridade publica, se sua magestade me mandou sequestrar os meus bens. E porque é isto? que tyrannia é esta? que mal fiz eu ao sr. D. João IV?

— Sr.ª D. Maria Isabel — retorquiu o ministro, quebrando o tom aspero com que até alli contendêra — se a senhora soubesse... se eu podesse confiar na sua prudencia... Não posso, não devo esclarecel-a... Quando a sr.ª D. Maria Isabel tiver entrado no mosteiro, e lá chegarem novas de Lisboa, então comprehenderá a razão da sua clausura, e dará graças a Deus e a el-rei que a retiraram de Lisboa n'esta horrivel conjunctura.

— Pois se hei de sabel-o no mosteiro, quero sabel-o já — tornou ella com firmeza — Dê-me a razão d'este inexplicavel procedimento d'el-rei. Se a razão é justa, hei-de conformar-me e obedecer; irei resignada para a clausura, e até morrerei satisfeita, se o sacrificio da minha vida poupar sua magestade a um leve desgosto.

— Não me tente, senhora, que póde causar a minha perdição — voltou o ministro.

— Perdida estou eu! — bradou ella — Perdida!... e perdida commigo está a minha desgraçada filhinha! Ó Angela, ó Angela, como tu não odiarás a tua desgraçada mãe!

Eu dei fé — continuou o hospedeiro — de ella se abraçar á filha, que chorava em alto clamor; e ao mesmo tempo senti que o ministro, pedindo-lhe que fallasse baixo, abriu a porta do quarto, e foi ao corredor assegurar-se de que ninguem os ouvia.

E, voltando, correu a lingueta da chave, deu alguns rapidos passeios, arrastou uma cadeira para o lado onde ellas estavam chorando abraçadas, e disse:

—Eu julgo-a capaz de praticar um acto das mais funestas consequencias... A senhora é capaz de fugir, é capaz de denunciar a sua melindrosa situação...

—Sou!—assentiu Maria Isabel carregando na palavra com deliberação vingativa.—Sou! Cheguei a ver a morte com a frieza de animo com que vi a deshonra! Morta estou eu ha muito! Que me importa o veneno ou o punhal? Se entenderem que eu na sepultura estarei mais calada que no convento, matem-me! Arrastarem-me cegamente; atirarem commigo e com minha filha a um carcere, sem me dizerem a razão porque o fazem, isso é que não! Tanto me faz ser mandada pelo rei como pelo ultimo dos homens... Pelo contrario, eu poderia supportar as maiores affrontas, se ellas me viessem de um inimigo; mas de um homem que me submetteu aos seus caprichos, cuidando que eu heide expiar na masmorra a honra de ser sua amante, isso, não! não! nunca, sr. Antonio de Cavide!

—Jesus! Jesus! que senhora! valha-me Deus!—exclamava o secretario—Quer então saber tudo?

—Tudo!...

—E, se a sua razão lhe disser que o seu dever é entrar no mosteiro, e não dizer ahi a causa porque lá entra, promette obedecer ás ordens, quero dizer, ás determinações forçadas e dolorosissimas d'el-rei?

—Prometto!

—Jure sobre a cabeça de sua filha! Jure pela felicidade d'este anjo com que o céo lhe hade adoçar as suas amarguras!

—Juro, sim!

—Ouça... Receio que me escutem... Ainda agora re-

paro que esta menina tem seis annos... Se ella tiver comprehensão e memoria...

—Falle sem receio... A minha filha não percebe nada das torpezas que nós percebemos... Decerto que v. s.ª não vae fallar-me de cousas innocentes e puras que caibam no entendimento de minha filha... Póde fallar...

—No mesmo dia em que a sr.ª D. Maria sahiu de Lisboa, era preso na Povoa de D. Martinho Domingos Leite Pereira.

—Preso!? por que?

—Por denuncia d'aquelle funesto homem que lhe emprestou o braço assassino contra o padre Luiz da Silveira. Roque da Cunha delatou ao sr. D. João IV que seu marido vinha de Castella assalariado para o matar. Ao mesmo tempo que sahiam de Lisboa dois fidalgos a prender Domingos Leite, el-rei meu senhor, traspassado da mais viva angustia, ordenava a sahida da sr.ª D. Maria para o mosteiro de Bragança. Motivos justificados, honrosos e prudentes o forçaram a esmagar o coração n'este penoso lance. Que faria a sr.ª D. Maria Izabel, se á sua caza de Alcantara lhe fossem dizer que seu marido entrára no Limoeiro carregado de ferros? Ainda suppondo que esta má nova a não attribulasse extremamente, o conservar-se na côrte daria azo a horriveis commentarios, tão indecorosos para V. S.ª, como esposa de Domingos Leite, quanto dolorosos para sua magestade, que se veria apertado entre duas situações crueis: a de rei para não impedir o julgamento de quem tentava matal-o, e a de amante para se não ver face a face da esposa de um homem destinado talvez a um severo castigo. Medite n'esta conjuntura medonha, minha senhora! De mais a mais, acaso ignora V. S.ª que os seus amores com el-rei

os conhece seu marido tanto como eu? Não sabe que elle veio a Portugal com o proposito de levar a filha, que a senhora tão imprudentemente lhe recusou? Recorda-se que lh'a fui pedir? que o marquez de Gouveia a procurou tambem com esse intento? Quantas desgraças eu quiz evitar, e quantos abysmos a sr.ª abriu, consentindo que sua magestade ordenasse a captura de Domingos Leite em Lisboa e Guimaraens!... Pois se então foi imprudentissima, não se sente agora obrigada a expiar por algum tempo os seus caprichos, e ao mesmo tempo evitar que o nome d'el-rei se envolva n'esta catastrophe?... Que me diz, senhora?

— E, se meu marido sabe que eu era amante d'el-rei, não o dirá? — respondeu Maria Isabel — Tão arriscado está o rei estando eu preza como livre...

— Presa!... sempre a idéa de prisão!... Parece que o seu recolhimento a um mosteiro deveria ser o acto menos digno de reparo, quando das revelações, que lhe acabo de fazer, se deprehendem infortunios tamanhos, successos tão desgraçados que V. S.ª devêra crer esconder-se onde não chegasse a noticia d'elles!... É bem de temer que seu marido diga que não veio a Portugal com o fim de matar el-rei, mas com o proposito de matar sua mulher, ou arrebatar-lhe a filha... Se elle tiver a prudencia de não comprehender na sua confissão o nome de sua magestade, como amante de V. S.ª, devemos suppor que se lhe imponha um delicto comparativamente pequeno, e uma pena correspondente de desterro; porém, se a sua vingança fôr pessoal, vingança de ciumes, já exercida na pessoa que V. S.ª sabe — dada essa deploravel circumstancia — escuso de lhe occultar que seu marido irá ao patibulo...

Se Gaspar Coutinho, assim como ouvira o dialogo, podesse ver os gestos, as alterações de rosto, as suspensões das phrases, a expressão muda das duas phisionomias, dar-nos-hia mais perfeito o quadro. Elle não podia ver que Maria Isabel tinha nos braços a filha adormecida, e que a menina espertava a instantes, sobresaltada, como se o coração alvoroçado da mãe lhe arquejasse no rosto com os seus extremeções e impetos de incutido horror, de lancinante remorso, de secreto brado de deshonra e perdição irremediaveis.

Não derivava uma lagrima sequer nas faces de Maria Isabel. O terror não chora. Como as gotas de peçonha que lhe cahiam na alma, espremidas dos labios do ministro, não achavam fibra de coração nobre onde tocassem e se diluissem em lagrimas suavisadoras, a agonia d'aquella mulher era um spasmo, sem expressão exterior: mas lá dentro bravejava um complexo de horrentes phrenesis, entre os quaes era o remorso o menos dilacerante. Abatida, deshonrada, desprezada, perdida, morta, mas a sobreviver-se, a contemplar-se infame! Não saberemos descrever todos os volvulos da serpente que ali a tinham amarrado n'aquella estupida immobilidade diante do ministro, que poucos mezes antes a arguira de não saber comprehender a mulher que todas as fidalgas da côrte invejavam! Eil-a ali — a amante de D. João IV — ali! com a filha amada nos braços; a imagem de um patibulo diante de seus olhos; o pae d'essa creança a subir-lhe os degráos; a imagem do homem que, nove dias antes, lhe encostára a fronte no regaço, esse amante desfigurado agora em juiz, pelo resplendor da realeza, covarde porque era rei, desamparando-a quando o affecto do amante, ou sequer a

piedade do homem lhe eram tão precisos! E, depois, o patibulo d'ella tambem ali em seus braços! A filha, que ella tres mezes antes levára a repellões, porque choráva de saudades de seu pae, porque pedia que a levassem para elle, porque ali estava a pezar-lhe no seio como lhe pesaria a lousa de uma campa, se a sepultassem viva!

Antonio de Cavide inferiu da mudez espasmódica de Maria Isabel que não havia já temer reacções nem repugnancias. Felicitava-se, pois, por ter abraçado o expediente energico, abafando-a de subito, anniquilando-lhe as forças do orgulho e as resistencias que o despejo contrapõe aos respeitos sociaes. Não se enganára em parte do seu juizo; mas o triumpho, se o era, foi-lhe amargo.

A mulher de Domingos Leite levantou-se, e foi depôr no leito a filha. Voltou depois á saleta, fitou com terrivel fixidez a cara do ministro do seu real amante, e perguntou-lhe:

—Parece-lhe que el-rei terá a crueldade de deixar enforcar o marido da mulher que foi sua concubina, mediante as solicitações do sr. Antonio de Cavide?

—Já lhe disse, senhora, que seu marido, se tiver juizo, não será tão rigorosamente condemnado. Se se provar que elle não premeditou matar o rei, mas sim...

—Não o percebo...—atalhou ella com soberbo desdem.—Que querem então de mim? Explique a minha posição com a maior clareza... Se meu marido fôr condemnado á morte, eu serei a viuva d'um assassino enforcado, os meus bens e os de minha filha serão con-

fiscados... e depois? morrerei á fome, ou terei cada dia dois pães esmolados por sua magestade? Não seria melhor—proseguiu ella, com os olhos brilhantes de coriscos e os labios frementes de raiva—não seria melhor que me deixassem seguir a carreira da devassidão onde entrei levada pela mão de V. S.ª? Eu não tenho vaidade nenhuma em que me apontem como comborça do sr. D. João IV. Convença-se d'isso, e faça-me a mercê de me julgar distincta das outras amázias que V. S.ª lhe agenciou...

—Senhora!...—interrompeu Cavide, batendo rijamente o sobrado com o pé.

—Veja se me amordaça em nome d'el-rei!—vociferou com magestosa ira.—Então não vê em mim aquella mulher que foi pedir a el-rei que a deixasse ir chorar aos pés de seu marido, ou morrer ás mãos d'elle? Se havia culpas na minha vida, não as resgatava eu submettendo-me á piedade ou ao furor de meu marido? Porque me não deixou ir esse homem...

—O' senhora!... que inuteis exclamações!... que demencia... Não ha desproposito assim!... Pois a senhora não conhece que...

—Conheço, conheço que me prostitui, induzida por V. S.ª, que me levou ao paço, e me leva hoje ao carcere. Estou muito humilhada, muito miseravel, muito infame; mas ainda ha um homem que deve baixar os olhos envergonhados diante de mim! E' o sr. Antonio de Cavide, que viu as minhas lagrimas de mulher rica e honesta antes que a pobreza e a ignominia me fizessem chorar!...

—Ora, sr.ª D. Maria!—retrucou o ministro com esgares de aborrecida impaciencia.—Estou satisfeito! O

seu nascimento e a sua educação desculpam as petulantes insolencias com que premeia a minha delicadeza. Se eu tivesse a indole correspondente á minha cathegoria, não estivera agora aqui feito alvo das injurias de tal pessoa. Estranho-a, porque ainda não lidei com mulheres da sua laia...

—Pois não costumam ser boas — sobreveio impetuosa Maria Isabel—as mulheres com quem os rufiões ganham as suas altas cathegorias!...—E crescendo para elle com o braço estendido para a porta, apontou:—

—Retire-se! Como já sei o meu destino, irei sósinha bater á porta do convento, e direi: «Abram, que eu sou a amante d'el-rei! Sua magestade entrega-me a Deus, ou por que lhe não sirvo, ou por que, passado o ataque de tedio, poderei servil-o. Respeitem-me, como em Chelas é respeitada a Justa Negrão. Nós, as mancebas d'el-rei, não temos direito á liberdade para que possamos sujar nos labios de outros homens o rosto immaculado com que sahimos do real serralho!» Eu direi isto, sr. ministro. A porta do mosteiro abrir-se-ha. A prelada dar-me-ha o logar mais honroso no côro. Eu contarei ás noviças as coisas bonitas da vida da côrte; e, logo que meu marido tiver bebido o calix da morte que el-rei, e v. s.ª e eu lhe demos, vestirei o habito de religiosa, e orarei perpetuamente pela vida e prosperidades d'el-rei nosso senhor.

N'este lance Ângela despertou, sentou-se no leito, e chamou a mãe com alvoroço.

A mãe correu á beira do leito, clamando:

—Que é? que tens, minha filha?

—Sonhei...—balbuciou a menina.—Sonhei...

—Que sonhaste, Angela...

—Vi o pae... a chorar... e a chamar-me... eu queria correr-lhe para os braços, e não podia...

A creança abraçava-se ao pescoço da mãe com ancioso terror; e Maria Isabel, em fim... chorava!

V

Referiu Gaspar Coutinho que a sua hospeda não seguira jornada no dia seguinte, como estava pactuado, em rasão d'um ataque febril que a prostrára. Accrescentou que Antonio de Cavide a tractára com desvelada caridade, apesar dos insultos, e se acompanhára ao lado da enferma de um respeitavel sacerdote, conego da Sé portuense. Que este padre ponderara tanto no espirito de D. Maria, e tão secretos veios de lagrimas lhe explorára do coração, que parecia milagre do ceu o reviramento que fez no animo d'aquella brava mulher. Finalmente, concluiu o estalajadeiro as suas gravissimas confidencias, contando que Maria Isabel se entregou sem resalva á direcção do venerando conego, dispensando-se da companhia do ministro. Por maneira que, no dia 9 d'aquelle mez de agosto, o conego em uma liteira, e Maria com sua filha em outra, sahiram para Bragança, depois que Antonio de Cavide retrocedera para a capital.

Deixemos o fidalgo de Barcellos a calcular quantos

beneficios lhe póde grangear a sua interferencia em segredos de tanto momento, e sigamos as liteiras. Não demoremos a ouvir, nas paragens, as praticas do virtuoso conego com Maria Isabel. Avaliemos a insinuante religiosidade da palavra pela submissão com que a pecadora o attende. E' mavioso e compungente o quadro da creança, sentada nos joelhos do sacerdote, acariciando as faces do ancião que converte o anjo innocente em mensageiro de sentimentos que restaurem o espirito de sua mãe. Quando duvidava da efficacia de seus conselhos, pedia á creancinha que resolvesse sua mãe a obedecer-lhe.

Chegados a Bragança, o conego apresentou ao ouvidor da comarca uma carta do governador das justiças do Porto, D. João de Menezes.

A prelada do mosteiro benedictino de Santa Escolastica estava já de sobreaviso com aposento preparado para uma senhora illustre que se recolhia com sua filha. O ouvidor e vigario geral não lhe disseram quem fosse a dama; todavia, o tom mysterioso da reserva, incutira no animo da abbadessa desconfianças não remotas d'alguns amores de altissima cathegoria. Imposeram-lhe que refreasse a natural curiosidade em indagar da propria dama os motivos da sua reclusão. Recommendaram-lhe o maximo esmero nas commodidades domesticas das reclusas, concessão plena de acções, exceptuados os colloquios em grade ou portaria com pessoas não abonadas pelo ouvidor ou vigario geral. Por conta do primeiro ficavam correndo as despezas, sem limites nem condições.

Antes de recolher-se ao mosteiro, Maria Isabel recebeu do conego portuense, a quem se affeiçoára filial-

mente, o regulamento que lhe cumpria seguir no mosteiro: Silencio absoluto a respeito dos actos da sua vida; não nomear seu marido; não mostrar se não a Deus o coração magoado das saudades de quem quer que fosse; esconder nos reconditos arcanos de sua alma o amor e o nome d'el-rei; sacrificar a paixão, e todos os sentimentos bons e ruins que lhe competem, á futura felicidade da filha; immolar-se, emfim, para com esse sacrificio applacar as desgraças sobranceiras, e rehaver ainda annos de socegada vida, no mosteiro ou fóra d'elle.

A mulher de Domingos Leite Pereira escutava os dictames e promettia observal-os, sem impostura; mas tambem sem enthusiasticos enlevos de reformação. O que lhe quebrara o alento não fôra tanto a iniciação religiosa do padre como a fadiga de luctar com a desgraça inflexivel, e o cahir em fim vencida e esmagada debaixo d'aquelle cadafalso que Antonio de Cavide lhe pintára. Sentia necessidade de ser desconhecida. O cenobio do mosteiro, um recanto escuro onde a esquecessem com sua filha, pintava-se-lhe o mais válido refugio na sua dôr exacerbada pela ignominia de não poder carpir-se e confessar-se á piedade alheia.

Abriu-se-lhe a portaria do mosteiro no dia 15. A prelada conduziu-a á sua casa, ornamentada com distincção das outras residencias de seculares, nomeou-lhe criadas que a servissem; mas todos estes actos de urbanidade eram praticados sem mais dispendio de palavras que as urgentissimas, com bastantes cortezias de pescoço, e o lançar de olhos tão descahido e humilde que tudo aquillo tinha um ar da santa obediencia claustral.

Todas as religiosas visitaram ceremoniosamente a recolhida; mas de nenhuma ouviu Maria Izabel expressões que lhe permittissem esperar uma confidente para o desafogo, nem braços caritativos que lhe dessem amparo. Cumpridos os deveres da cortezia, deixaram-na sosinha nos seus silenciosos apozentos, a olhar para a filha, que se lhe escondia no seio, amedrontada das freiras que passavam como sombras d'almas deplorativas pelos dormitorios, e tremia de pavor quando ouvia a murmurosa toada dos psalmos penitentes no coro.

A companhia da menina, que lhe parecêra bastante a povoar-lhe a soledade da cella, já agora lhe acerbava aquella extranha sequestração da vida. Angela não conhecia o travo das lagrimas de sua mãe, não podia dulcificar-lh'as; e, se lh'as intendesse, pensava Maria Izabel que sua filha devia odial-a; e via-se já na sepultura amaldiçoada por ella.

Aquelle sonho de Angela, na estalagem do Porto, acudia miudas vezes á memoria da menina para flagelação da mãe. Perguntava a criança onde estava seu pae; e queria que a mãe lhe explicasse o sonho. Maria Izabel admoestava a filha que não lhe fizesse semelhantes perguntas diante das creadas que a serviam. Angela abria os seus grandes olhos, interrogando com expressão de espanto a causa d'esta prohibição. A mãe, como envergonhada de sua filha, estreitava-a ao seio, e queimava-lhe as faces com lagrimas e beijos, escaldados do inferno que lhe estuava na alma.

Ao terceiro dia de reclusão, Maria Izabel foi segunda vez visitada pela donna abadessa.

A prelada, sem lhe demonstrar curiosidade na ave-

riguação das infelicidades que ali a trouxeram de tão longe, teve compaixão da reclusa quando soube que raras vezes acceitava alimento, e que as criadas nunca lhe tinham visto os olhos enxutos. Notou a religiosa que em tres dias o aspecto da dama se desformára como não era de esperar depois de muitos annos de amargura em rosto por tal modo bello, que a todas as freiras maravilhára.

Em termos muito pausados e exteriormente frios lhe aconselhou a prelada que frequentasse o côro, e pozesse as suas tristezas debaixo do olhar misericordioso de Maria Santissima; que os conventos— ajuntou a monja—não eram logares defezos ao contentamento, salvo quando a religião era repellida das condições rebeldes ao arrependimento; que, n'aquellas casas, havia numerosos exemplos de pessoas que para ali entraram como para um tumulo, e lá encontraram em renovos da alma, as alegrias puras e innocentes que o mundo lhes não dera. Em fim, concluiu a prelada, pedindo, e não admoestando, que assistisse aos actos religiosos da communidade, e Deus a faria participante da alegre conformidade das outras senhoras.

A mulher de Domingos Leite sentiu-se menos oppressa desde que se viu observada com piedade pela religiosa anciã, em cujo rosto reluzia a luminosa serenidade da alma.

No outro dia e nas successivas manhãs e tardes, foi ás orações do côro, com a filha que se ajoelhava ao seu lado.

Uma vez, á hora de prima, estando a menina com as mãos postas e os olhos fixos na imagem do Redemptor, Maria Izabel, como visse que algumas freiras contem-

plavam a creança com admiração do seu infantil fervor, olhou muito attenta na filha, inclinou-se-lhe ao ouvido e disse-lhe:

—Reza, reza, meu anjinho! pede ao Senhor por tua mãe...

—E pelo pae — respondeu Angela, sem desfitar os olhos supplicantes da face do Crucificado.

Maria Izabel sentiu-se retransida de agonias incomparaveis a quantas havia sentido.

N'este comenos, soaram sete horas no relogio do mosteiro.

Eram as sete horas do dia 21 d'agosto.

Quando Angela resava a Jesus por seu pae, estava elle subindo ao cadafalso.

VI

Recordam-se d'aquelle fr. Gaspar de Santa Thereza, leitor apostolico do convento de S. Francisco, e tio materno de Domingos Leite Pereira?

Não se esqueceram que foi elle o promotor da ida do sobrinho para a côrte, e foi tambem o sollicitador do funesto casamento com a filha da abastada Tragamalhas, sua confessada?

Não foi descuido nosso, quando escreviamos o *Regicida*, o excluil-o da minima occurrencia nos infortunios do sobrinho. Essa omissão de nossa parte correspondeu ao proceder do frade, e bem assim ao desvio de Domingos Leite da intimidade do tio, a quem de certo o allucinado moço não iria pedir conselho no afôgo de sua colera contra o seductor de Maria Isabel, e ainda menos no plano de vingança contra D. João IV.

Fr. Gaspar, sabendo que Domingos Leite passára a Castella para fugir á justiça, como homicida do padre Luiz da Silveira, reprovou a extemporanea vingan-

ça; mas não lançou de sua affeição o sobrinho que elle duas vezes infelicitára; uma, tirando-o de Guimarães onde podéra viver socegado, honrado e feliz como seu pai; outra, escolhendo-lhe a noiva, e compellindo-o a acceital-a com argumentos baixos, mundanaes, todos escorados nos bens da fortuna. Quer elle matasse, quer mandasse matar o padre Luiz, o acto merecia castigo, ao parecer do frade; mas, se o valimento dos seus grandes amigos na jerarquia ecclesiastica vingassem enfrear a justiça, fr. Gaspar não duvidaria solicitar perante elles a absolvição do homicida, bastando a quebrar-lhe os espinhos dos escrupulos ter elle sido a involuntaria causa das desgraças do filho de sua irmã.

Porém, quando lhe constou que Domingos Leite, em Madrid, se amistára com os traidores fugitivos, e recebera de Filippe IV as insignias de cavalleiro da ordem de Christo, amaldiçoou-o no silencio do seu coração, fechou-se na sua cella, chorou amargamente, e jurou nunca mais sahir a publico, para não escandalisar a cidade horrorisada, suggerindo com a sua presença, memorias do ingrato que, subindo do nada á quasi intimidade de D. João IV, se bandeára com os perversissimos traidores em Castella, contra seu bemfeitor e rei.

A insulação, o recolhimento, a resistencia ás visitas consoladoras de seus conventuaes, a debilidade de espirito rijamente abalado aos setenta annos, tudo contribuira a declivar-lhe a ladeira do sepulchro. Resvalado á morte o julgavam os frades, quando soou a nova da condemnação de Domingos Leite, na ante-vespera do supplicio.

Acudiram ao seu cubiculo os frades mais venerandos do mosteiro desde que a souberam, a fim de ampara-

rem o ancião, quando o ultimo golpe o prostrasse. Deram, entretanto, vigilante recado para que á cella de fr. Gaspar não chegassem os rumores de fóra. Fr. Diogo Cezar, provincial, que então demorava no mosteiro, acceitou a dolorosa mensagem de avisar o tio do padecente, logo que fosse inevitavel o aviso. Quando as procissões e acções de graças estrondeassem nas ruas, e resoassem clamorosas no templo do mosteiro, forçosamente ao cenobio do vêlho havia de chegar a toada sinistra, e a noticia de que o filho de sua irmã pendia esquartejado em quatro postes.

Por volta das onze horas do dia 21, quando a justiça de elrei estava já cumprida, e as egrejas se enchiam de povo a bem dizer a Providencia que abroquelára o monarcha dos tiros do feroz regicida, annunciou-se á portaria do mosteiro o padre Diogo de Areda, illustre prégador da companhia de Jesus. Requereu urgentemente que o levassem á cella de fr. Gaspar de Santa Thereza. Objectaram-lhe que havia todo cuidado em protrahir quanto fosse possivel a desastrosa noticia ao velho.

—É indispensavel que a saiba—replicou o jesuita.—Ainda mesmo que fr. Gaspar esteja moribundo, permitta Deus que elle não expire antes de me ouvir.

Conduzido á beira do catre, o padre Areda segredou-lhe que precisava ficar a sós com fr. Gaspar; e accrescentou para remover hesitações:

—Vossa Paternidade não ignora que eu assisti ao padecente Domingos Leite Pereira no oratorio, fui seu confessor, e o acompanhei até á forca.

Retiraram todos silenciosamente. Fr. Gaspar conhecia o jesuita. Estendeu-lhe a mão descarnada, e murmurou:

—Padre Diogo, que me diz do meu desgraçado sobrinho?... Eu sei que vossa reverencia foi amigo d'elle n'aquelle tempo em que tanto promettiam os seus altos espiritos... Vem dizer-me que elle está perdido?

—Não, sr. fr. Gaspar... Venho dizer-lhe que seu sobrinho está salvo...

—Salvo?!—exclamou o velho, sentando-se no leito, com os braços estendidos para a imagem de Jesus.—Salvo?! provou-se a innocencia de meu sobrinho?!

—Provou-se na presença de Deus—respondeu serenamente o confessor do justiçado.—Seu sobrinho morreu para este mundo infame, e resurgiu no reino dos justos. Domingos Leite morreu innocente do crime que lhe assacou a justiça.—E, levantando-se, acercou-se da cruz, pousou a mão direita sobre a cabeça ensanguentada de Christo, e disse, com os olhos aguados de lagrimas: — Juro que Domingos Leite padeceu innocente.

Fr. Gaspar, com a face cahida entre as mãos, e arquejando na anciedade dos soluços, parecia não escutar as palavras de padre Diogo d'Areda.

Abeirou-se d'elle o jesuita, poz-lhe a mão na espadua e disse a meia voz:

—Fr. Gaspar, anime-se! Peça forças ao divino amparador dos que padecem fomes e sedes de justiça. Ore, e levante-se d'esse quebranto, para ouvir o confessor de seu innocente sobrinho.

—Foi vossa reverencia?!—acudiu o frade erguendo a fronte reanimada.

—Fui; lembrou-se de mim o infeliz: a Deus a elle dou graças por tamanha angustia. Se eu ali não fosse ao oratorio do padecente, se o não ouvisse e acom-

panhasse em sua serena agonia, a esta hora julgal-o-hia tão criminoso, como todos o julgam, exceptuados aquelles que o condemnaram. Fr. Gaspar de Santa Thereza, eu não venho quebrar o sigillo da confissão. Repito o que seu sobrinho disse aos juizes, na presença dos instrumentos da tortura inutil. Domingos Leite Pereira tentou uma vez contra a vida de el-rei, porque o ciume o dementára. Mulher e filha lhe haviam arrebatado. O louco era pae estremoso. Queria que lhe dessem a filha; negaram-lh'a, perseguiram-no, o braço real ameaçava rojal-o até ás masmorras, elle viu no rei um homem, mediu-o pela estatura dos criminosos vulgares, e pensou matal-o...

Fr. Gaspar interrompeu-o com o fim de perceber a historia que de todo lhe era desconhecida. Os amores de Maria Isabel com o rei ouviu-os com tamanho assombro e tanta indignação que, por vezes, lhe coruscavam nos olhos uns relampagos, que não eram simplesmente de reprovação religiosa, mas sim de brava colera.

O jesuita narrou miudamente os successos todos que prepararam a ultima vinda de Domingos Leite a Lisboa, contou da perfidia de Roque da Cunha; e concluiu n'estes termos:

—Domingos Leite encarregou-me de procurar seu tio fr. Gaspar de Santa Thereza e pedir-lhe que, pelo amor que lhe tivera, e como alivio aos tormentos que o esperavam, empregasse todo o seu esforço e valimento em tirar da companhia de Maria Isabel a sua querida filhinha Angela, por amor de quem elle ia padecer tão affrontosa morte. E lhe pedia, por intermedio de seu confessor, que fizesse entregar a menina

aos seus avós, em Guimarães; e, no caso que a vergonha lh'os houvesse já matado, a recolhesse seu tio em alguma casa de misericordia, ou a fosse alimentando e educando com os seus poucos, mas bastantes recursos em annos tão tenros.

—E onde está a filha de meu sobrinho?—perguntou o frade, convulso e arrebatado, querendo sacudir-se do catre, por se sentir fortalecido de estranho vigor.

Padre Diogo explicou o que sabia das confidencias do padecente, bem como das informações da casa professa de S. Roque, onde havia chegado, atravez de mil precauções, o segredo da longa residencia do rei em Alcantara, e as suas nocturnas sahidas por uma das portas escusas da tapada.

—Porém nem a filha de seu sobrinho—accrescentou o jesuita—nem a viuva estão em Lisboa. Muitos dias ha que ella foi encontrada em Pombal, por uma senhora minha conhecida que a tratára em Lisboa. Vigiava-a n'essa jornada, cujo destino ignoro, o ministro Antonio de Cavide. A meu juizo, Maria Isabel foi levada a algum convento da provincia. Conventos são o purgatorio das barregans dos monarchas. Se eu colher as informações, que mandei averiguar no Porto pela nossa casa da companhia, avisarei vossa reverencia. Entretanto, lembrar-lhe-hei, como auxiliar, o grande amigo, que foi de seu sobrinho, sr. marquez de Gouvêa. Esse poderá, primeiro que eu, informal-o.

O padre sahiu, cumprida a mensagem; e fr. Gaspar de Santa Thereza, envergando o habito, passou ao dormitorio; e, amparando-se pelas paredes, com espanto da fradaria, foi pedir licença ao prior para se ausentar

do mosteiro por algum tempo, até que o estrondo do desastre de seu sobrinho se aquietasse.

Não lhe impugnou o prelado a licença; antes mui satisfatoriamente lh'a cedeu para remover de sua vista o lugubre espectaculo do velho a carpir um sobrinho execrado pela unisona voz das multidões.

—Procede ajuisadamente vossa reverencia — obtemperou o prior. — Ares patrios e socego muito devem convir ás tribulações do seu animo. Alem d'isso, seria grande obra de misericordia acudir vossa reverencia, n'esta conjunctura, ás afflições dos paes de seu sobrinho.

—Eu não posso per em quanto—disse frei Gaspar —saber a qual das nossas casas irei pedir uma cova. Voltarei a receber a benção de nosso reverendissimo padre prior, e a ordem para o guardião que houver de receber-me.

E, n'esse mesmo dia, ao empardecer da noite, transpoz o limiar do convento; e, aconchegando das faces o capuz do habito, encostou-se no braço de um leigo, e dirigiu-se ao palacio do marquez de Gouvêa—tão sincero quanto inutil amigo de Domingos Leite, chegada a suprema hora da catastrophe.

Quando o frade se annunciou, estava o marquez opprimidissimo, encerrado, simulando graves achaques physicos para se não avistar com el-rei, nem ter de ouvir glossar a desventura do seu secretario, cujos talèntos e pundonor elle, applaudido por D. João, encarecêra n'outro tempo diante dos cortezãos invejosos.

O marquez mandou entrar no seu quarto o tio de Domingos Leite Pereira, e colheu-o nos braços, com tão estremecida compaixão que o velho rompeu em soluçante chôro, bradando:

—Senhor marquez, eu choro de alegria!... Meu sobrinho está no ceu... mataram-m'o innocente!... Elle não veio para matar el-rei, nem se vendeu aos castelhanos!... Vinha buscar a sua querida filha; e do oratorio me mandou pedir pelo seu confessor que a tome eu nos meus braços e a vá levar a seus avós... Mataram, snr. marquez, mataram um pae extremoso que vinha arrancar uma creança aos exemplos da mãe prustituida!...

—Sei tudo, frei Gaspar! tudo sei!—disse o mordomo-mór. — Fallemos muito em segredo!... Ou havemos de nos conformarmos com as protervias do mundo—e com esta principalmente que excede quantas vi em minha longa vida—ou daremos azo a maiores fatalidades. Morreu innocente Domingos Leite, quanto á ultima tentativa de crime que lhe imputam; mas elle mesmo confessou com heroico destemor que mataria o rei, em dia de Corpus-Christi, se sua filha lhe não apparecesse quando apontava a escopêta. Quem apregoar a inculpabilidade de seu sobrinho n'esta terceira vinda a Portugal, terá de ir em uma masmorra provar que a pontaria feita contra el-rei era um acto inculpavel. Por tanto, sr. frei Gaspar, não intentemos tardios embargos á sentença que o condemnou. Haja-se vossa reverencia com muito siso; não clame contra a injusta morte. Guarde-se dos odios que refervem nas praças contra seu sobrinho. Quem hoje o lastimasse, correria perigo do ser retalhado nas garras da plebe. Eu mesmo tenho receado que algum inimigo emboscado me aponte ás vaias das regateiras d'Alfama que hoje voltaram da Ribeira espumando injurias contra os traidores. E vossa reverencia sabe que meu avó era hespanhol. Quanto ao

cumprimento da petição do infeliz pae, sou de voto que vossa reverencia o cumpra; mas sem perigo de sua pessoa. A viuva de seu sobrinho está no mosteiro de benedictinas em Bragança. A filha está com ella. O meu parecer é que, em tal lugar, não deve frei Gaspar temer que o exemplo da mãe prejudique a filha. Deixal-as estar em paz, pelo em quanto. Porém, se um dia, Maria Izabel voltar á vida que viveu, então virá acertada a interferencia de frei Gaspar na separação da menina.

—Pelo que observo, e ouço a V. Ex.ª—disse o frade com azedume—a expiação da mulher do enforcado é um mosteiro rico, uma casa bem adornada com as pompas de manceba de principe, e n'isto cifra o castigo da mulher que levou seu marido ao patibulo! E nada mais! As freiras rodeiam-na de attenções, o mundo inveja-lhe a tranquilla velhice, os abutres do remorso não ousam espicassar-lhe o coração defendido pela sombra de D. João IV; e, afinal, recommenda-me V. Ex.ª que me esconda, e não ouse sequêr dizer que a adultera vive e está socegada á sombra das telhas sagradas, e meu sobrinho está, feito pedaços, cravado em mastos ás esquinas das ruas! Bem! o mundo é isto, sr. marquez!... Nosso Senhor Jesus Christo me leve d'esta vida, e eu irei dizer a meu sobrinho, «não pude cumprir tua vontade. A egreja abriu-se para receber e defender a mulher que te matou. Eu nada pude fazer. Tua filha lá está com ella: roguemos ambos a Deus que a chame para nós!»

O marquez de Gouvêa dispendeu-se em mui sensatas advertencias a frei Gaspar, que dava ares de o não ouvir. Assim que se lhe ageitou modo de se despedir,

sahiu, e foi ainda pernoitar ao seu convento. No dia seguinte, pediu licença para se passar ao mosteiro da ordem em Bragança; e, despedindo-se de cada frade com profunda commoção, mas sem lagrimas, pediu a todos que lhe rezassem uma missa por sua alma quando soubessem que elle restituira a Deus a alma resgatada do seu incomportavel martyrio.

VII

A jornada de frei Gaspar, no trajecto das 75 leguas que o distanciavam de Bragança, não se fez com os vagares uzuaes em viandantes da ordem franciscana. Tinha pressa febril; e as forças não lhe permittiam imitar os pedestres prodigios do seu patriarcha. Encavalgou os melhores machos que se lhe depararam no transito; e, quando chegou a Sortes, duas leguas áquem de Bragança, despediu os arrieiros, e entrou, a pé, na portaria do convento de S. Francisco, acompanhado do seu leigo. Era no dia 30 de agosto d'aquelle anno de 1647.

Ainda em Bragança não constava o supplicio do regicida. Os frades inquiriram do famoso leitor apostolico ácerca de um prêzo, filhote de Guimarães, delatado por um honrado cumplice, que o remorso levára aos pes d'el-rei. Fr. Gaspar de Santa Thereza pediu que o deixassem descançar; e ao outro dia, querendo Deus, satisfaria a justa curiosidade de seus irmãos. E,

chamando o guardião de parte, pediu-lhe que solicitasse a devida licença para, no dia immediato, entrar no mosteiro de benedictinas a cumprir obrigações que eram parte da sua missão á provincia.

A conversação do frade com os seus hospedes deixou-os por vezes suspeitosos de perturbação intellectual. A espaços, frei Gaspar desvariava por assumptos alheios da palestra, ou observava taciturno, com olhos esbugalhados e tregeitos estranhos, o que quer que fosse que se lhe pintava á fantasia. O leigo contou ao guardião que frei Gaspar, desde que sahira de Lisboa, todas as noites ardia em febre; e, quando se erguia para continuar a jornada, mal podia ter-se em pé, e, sustendo a cabeça entre as mãos, queixava-se de zunidos, e dizia que receava morrer apoplectico.

Impetrada a licença, frei Gaspar, depois de abençoar as freiras que sahiram a comprimental-o no pateo interior da portaria, rogou á prelada que chamasse á casa capitular não só as religiosas, senão todas as senhoras seculares, e até meninas de menor idade, se algumas demorassem no mosteiro.

—Apenas temos uma de menor idade, filha de uma senhora que aqui está desde o dia 15 deste mez, vinda de Lisboa, recommendada pelo sr. vigario geral e pelo sr. ouvidor;—disse a abbadessa, e continuou, justificando-se: — E' contra os estatutos da casa receber senhoras com filhas: mas, o sr. vigario geral removeu todos os meus escrupulos e embaraços, dizendo que eu, em tempo proprio, saberia quanto me cumpria obedecer sem a menor hesitação...

—Bem—volveu o visitador—eu não culpo a nossa reverenda madre, nem tão pouco tenho alçada para de-

vassar na ordem do patriarcha S. Bento das insubordinações contra a disciplina.

A prelada mandou tanger a capitulo, e avisar todas as senhoras seculares que se intendia tambem com ellas a chamada.

Maria Isabel perguntou á escrivã, que lhe levára o aviso, com que fim era chamada.

—Não sei, minha senhora,—disse a escrivã.—Chegou ahi um frade muito velho, que entrou no mosteiro, e mandou reunir todas as freiras e mais recolhidas, e até as de menor idade. E por isso traga a senhora tambem a Angelasinha. Quanto a mim, o frade é algum visitador que anda pelos mosteiros a fazer umas exhortações que são verdadeiramente umas séccas. O que eu admiro é que elle não seja da nossa ordem. O habito é de S. Francisco, e tem uma cara chupada e rugosa que parece uma casca de pêcego de sequeiro. Não se demore, menina.

No emtanto, fr. Gaspar de Santa Thereza orava fervorosamente com o rosto no pavimento do altar-mór.

As freiras, que do côro de baixo o contemplavam, tremiam d'aquelle ascetismo, porque, não estando o mosteiro de Santa Escolastica bem conceituado pelo arcebispo bracharense, receavam ellas que o austero franciscano ali viesse a fulminal-as com os raios da sua santa indignação. Algumas attribuiam já a visita a intrigas das franciscanas, e não fundavam mal a suspeita, sendo o visitador da sua ordem. Outras, de illustre nascimento, dar-se-hiam por offendidas em sua vaidade de filhas de S. Bento, se um franciscano as reprehendesse em capitulo, como se ellas vestissem o pobre habito de carmelitas.

O capellão disse a fr. Gaspar que a communidade o esperava.

— Sem excepção das seculares? — perguntou o frade.

—Estão todas.

—E as creanças?

—Aqui ha tão sómente uma creança: essa já está na casa capitular com sua mãe.

—Pois vamos lá com Deus—disse o frade; e ajoelhando outra vez em frente do altar-mór, beijou o chão, ergueu-se, e entrou de novo ao mosteiro, pela porta gradeada do côro de baixo, onde o esperavam a prelada e a escrivã.

A casa capitular era uma vasta sala desornada, com tres cadeiras de espaldas de moscovia, a do meio mais elevada que as outras, collocadas no topo da quadra. Das paredes adobadas de azulejo pendiam alguns paineis com as veras effigies de algumas santas da ordem benedictina. Sobranceiro á cadeira da prelada, infundia piedoso terror o retabulo do calvario—Christo no derradeiro instante da agonia com os olhos entreabertos, cheios de suavidade, baços, mas radiando ainda uns fulgores de luz divina, que envolvia as almas no ambiente da futura vida.

Assomou no limiar da casa fr. Gaspar, quando a prelada, a mestra de noviças e a escrivã o esperavam de pé, cada qual ao lado de sua cadeira. Ao correr do lado direito da abbadessa enfileiravam-se as professas; do lado esquerdo as noviças; e na extrema inferior d'esta fileira as seculares, que eram cinco, e junto da ultima, que era Maria Isabel, estava Angela.

Todas as vistas convergiam fitas na porta, quando o

vulto do frade, ao sahir do envazamento do corredor pouco alumiado, se destacou de subito na claridade do salão...

Quem mais perto estava d'elle era Maria Isabel. No primeiro momento o que ella sentiu não era ainda a certeza de que fosse aquelle frade o tio de Domingos Leite e o confessor de sua mãe.

As feições alteradas, descahidas, macilentas do velho differençavam-se muito do aspeito alegre, sadio, robusto do franciscano que ella conhecera desde a primeira mocidade.

Aquelle ancião acurvado, livido, com a barba apenas tosquiada, com os olhos orlados de circulos cinzentos, dava ainda assim uns escassos vestigios do frade, que ella nunca mais vira desde que Domingos Leite, dois annos antes, recebera com desagrado as admoestações que o tio lhe fizera ácerca dos atavios com que sua mulher se esquipava a rivalisar com as fidalgas.

Não obstante, Maria, encarando o frade, estremeceu, descorou, e sentiu tamanho sobresalto no coração, que ao respirar d'aquella surpreza, o ar, arfando-lhe o seio, espirou-lhe nos labios com o sonido d'um ai irrepremivel. A secular, mais convisinha de Maria Isabel, deu tento da commoção, estranhou-lhe a pallidez, e ia perguntar-lhe se estava molestada, quando fr. Gaspar, avistando o retabulo do divino martyr, ajoelhou no limiar da porta, abaixou a cabeça e poz as mãos. Abaladas pelo exemplo, a prelada e todas as senhoras, voltadas para o painel, ajoelharam de mãos erguidas, e esperaram que o frade se levantasse para se erguerem e voltarem para elle.

O frade enxugava as lagrimas, ao erguer-se apoiado

no umbral da porta. Acabava de pedir a Deus que o inspirasse. A duvida pungente que o desconfiava da virtude de sua missão áquella casa mortificava-o até ao pranto.

Todas as senhoras, em vista do ancião orando e chorando, sentiram calefrios. Estas grandes e sublimes commoções só a religião as dá. Não respiravam. As delinquentes, sem que o frade ainda proferisse palavra, cuidavam estar já ouvindo na recondita consciencia o grito da reprovação.

Fr. Gaspar olhou de relance para todas as que vestiam habito. A poucos passos distante, viu, sem olhar, que havia uma menina. Alli devia estar a mulher de seu sobrinho—colligiu elle... E não a viu.

Dados breves passos, e arrancando com um profundo suspiro a primeira palavra, principiou fallando assim:

—Sou, reverendas madres, portador de ruins e boas novas...

Articuladas estas palavras, Maria Izabel, cadavericamente livida, encostou-se á parede, como se a empuxassem com subito repellão. Tinha conhecido a voz do tio de seu marido. Já não vacillava. Viu n'elle o accusador, e n'aquelle auditorio outros tantos juizes do seu opprobrio. Esta forte agitação foi percebida. As senhoras mais proximas repararam, e acercaram-se d'ella. O frade, como interrompido pelo rumor e ciciar de vozes, calou-se; e, sem volver o rosto, esperou.

—Que aconteceu?—perguntou a prelada sem mover-se do seu posto.

—A sr.ª D. Maria está incommodada—respondeu uma das seculares.

Angela chorava. E o frade olhou com piedade para a creança.

—Se está incommodada, pode retirar-se, sr.ª D. Maria—disse a abbadessa.

Maria Izabel fez menção de retirar-se. O frade recuou até á porta, estendeu o braço na direcção da livida mulher, e bradou com voz soturna e formidavel:

—Não!

A viuva do regicida retrahiu-se, com os olhos cravados no rosto do frade, que pela primeira vez a encarára a fito.

Houve um demorado ruido de movimento rapido e vozes inperceptiveis, e respirações offegantes. O braço do ancião descera tremulo e vagaroso. Fizera-se já profundo o silencio, a mudez magestosa do terror. Maria Izabel estava de joelhos com as costas voltadas para o frade, e o rosto escondido no peito de Angela.

Fr. Gaspar recomeçou com expressões interrompidas:

—Sou o portador de ruins e boas novas. Como o ecco das grandes calamidades repercute ao longe, não ignorareis, senhoras, que a vida d'el-rei o sr. D. João IV esteve a pique de se perder, ameaçada pela perfidia de um portuguez, que n'este mundo se chamava Domingos Leite Pereira. Os juizes que o sentenciaram á morte affrontosa da forca assim o declararam na sua sentença. Elles o disseram com a convicção dos juizos humanos; porem, vós, oh Jesus crucificado, dizei á minha alma se a vossa creatura condemnada e decepada e estrangulada na forca merecia tal castigo! Dizei-m'o vós, ó divino padecente, se aquelle homem esquartejado e cravado em postes nas ruas de Lisboa deve

ser chorado, como infeliz, ou execrado como facinorôso!

Fez uma longa pausa o frade com as mãos cruzadas sobre o peito, e os olhos absortos na imagem. As freiras choravam silenciosas sem perceberem de que dôr as suas lagrimas procediam. Maria Izabel, retranzida de frio, tiritava; as convulções conheciam-se-lhe no tremor da filha preza nos braços d'ella como a prancha nos braços marmóreos do naufrago.

E o frade proseguiu, com a vista enlevada no Crucificado:

—Se os meus labios desprenderem palavras de iniquidade, Senhor, paralisae a minha lingua! Mas, se no vosso divino tribunal, a alma de Domingos Leite foi julgada e lavada de suas maculas na torrente das lagrimas que vão desde este mundo até aos vossos olhos, ó martyr divino que provaste o travor de todo o fel d'esta vida, então, Senhor, deixai-m'o chorar, deixai que eu vos rogue pelo eterno descanso da alma do inforcado, deixai que eu me prostre a pedir as primeiras orações a favor do innocente!

E ajoelhou com fervido extasis. E simultaneamente se ergueram todas as mãos. Mas foi indizivel o spasmo, o assombro, quando o frade, voltado para a menina, lhe disse com plangente voz:

—Filha de Domingos Leite Pereira, ajoelha, Angela, e reza por alma de teu pae, que morreu enforcado.

Maria Isabel expediu um grito estridulo, ergueu-se com os olhos esvairados, insanos, rutilantes, com os labios arregaçados e trementes como se lh'os erriçassem as crispações electricas, com a filha apertada ao peito em abraço de phrenesi louco. E avançou contra a por-

ta, sem que a retivesse a corporatura erecta e terrivel do frade. Mas elle, travando-lhe do braço da creança, que barafustava em contorsões e gritos, exclamou com as faces fulvas:

—Não! não!... Eu venho arrancar-te a filha d'essas mãos que teceram a corda do enforcado! Foi teu marido, Maria Isabel, foi meu sobrinho que, entre a cruz e a forca, me pediu que viesse eu levantar do abysmo de teus braços esta creança, que elle vinha pedir-te, quando lhe amarraram as mãos, para depois lh'as cortarem com o cutello no pelourinho! Dá-me esta menina, mulher que lhe mataste o pai; dá-me esta innocente para que eu lhe encha o coração das lagrimas do extremoso amigo que morreu por ella!... Dá-m'a, dá-m'a, que eu t'a peço de joelhos, como seu pai t'a pediu!

Ouvidas as ultimas palavras, Maria Isabel cahiu, batendo com a face no pavimento, ao mesmo tempo que o frade lhe arrancava dos braços a filha.

As freiras que, a pouco e pouco, e authomaticamente se aproximaram d'elles, rodearam Maria Isabel, ergueram-na sem alento, e iam transportal-a, quando Angela se desatou dos braços do frade, e correu a abraçar-se, em altos gritos, no peito inerte da mãe. Ainda fr. Gaspar deu alguns passos a seguil-a; mas a prelada, sem perfeita consciencia do acto que praticava, antepoz-se ao frade, e fez-lhe um gesto que o reteve.

E elle, lavado em lagrimas, e com os braços ainda estendidos para Angela, disse quando os soluços o desafogavam:

—Não impeçam que eu leve aquella creança, senho-

ras! Olhem que é a supplica do pai que padeceu sem culpa a peor das mortes. Deixem-me dar ao desgraçado a consolação de ver sua filha a orar por elle nos braços de seu velho tio... A creancinha tem avó, que é minha irmã. Deixem que eu a leve aos tristes velhos que perderam o filho unico!

Embargavam-lhe a voz uns profundos arrancos; o pranto seccava-se logo no rosto escarlate e roxo da congestão cerebral; tartamudeava monossylabos ininteligiveis. Apertava a fronte gotejante de suor com as mãos gèlidas.

Não se tinha já em pé; pediu por signaes que o amparassem. As religiosas aproximavam d'elle uma cadeira, a qual resvalou dos braços d'ellas. Bradou a prelada que chamassem os medicos do convento.

O frade immergira em profundo sopôr, com intercadencias de arrepios convulsos. Quando o primeiro medico chegou, fr. Gaspar de Santa Thereza parecia adormecido com a face amparada nos braços do capellão.

Principiava a prelada a esclarecer o medico por estas palavras:

—Este padre...

—Diga «este cadaver» sr.ª abbadessa—emendou o medico.

VIII

A tumba do convento de S. Francisco, pouco tempo depois, recebeu na portaria das bentas o cadaver do famigerado leitor apostolico de Moral e prègador jubilado padre Gaspar de Santa Thereza.

E, conjunctamente, concorreram ao locutorio privativo da prelada o vigario geral e o ouvidor da comarca, qual d'elles mais espantado das atoardas que circulavam na terra.

A abbadessa, enfiada de pavor, contou o successo miudamente particularisado, ponderou que a desgraça era menor que o escandalo, e protestou nunca mais admittir n'aquella casa secular alguma sem preceder as mais rigorosas informações.

—Mas a final que sabe V. S.ª d'essa mulher?—perguntou o ouvidor, trocando com o vigario geral um volver de olhos expressivo do receio de que ella soubesse tanto como elles.

— Que sei eu d'esta mulher? que querem vossas mercês que eu saiba, ou que mais me é preciso saber? Sei tudo o que o frade disse, e foi de mais.

— Que disse o frade em summa? Vejamos...—tornou o ouvidor.

— Que disse? Em primeiro logar, que Maria Isabel era casada com um tal Domingos Leite que foi enforcado.

— Por que tentou duas vezes contra a vida de el-rei —ajuntou o vigario geral.

— Negou isso o frade na presença de Christo, e invocou o seu sacratissimo testemunho declarando que Maria Isabel fôra causa da morte do maride, quando elle lhe queria tirar a filha. Foi o que eu percebi e todas as religiosas perceberam... Ainda estremeço... estou a ver e ouvir o frade, que fazia terror!...

— E não disse mais nada? —replicou o ministro—Até ahi, sr.ª abbadessa, os desatinos vociferados pelo franciscano explicam a morte subita que o assaltou. O padre tinha a razão perturbada; provavelmente o crime do sobrinho transtornou-lhe o juiso. Era um louco digno de piedade; mas não de credito. Entrou aqui desvairado, quando a febre lhe atacava a cabeça. Figurou-se-lhe a mulher do sobrinho a causa da morte d'elle; injuriou-a e immudeceu quando a morte o colheu na explosão do delirio...

—Mas—atalhou a prelada—Maria Isabel não o contradisse, soffreu sem defesa as mais deshonrosas accusações...

— Ha calumnias tão destemperadas, tão imprevistas, que a victima innocente d'ellas cae fulminada!—explicou o vigario geral, apoiado pelo ouvidor.

— O que é certo é que esta mulher é viuva de um máu homem que quiz matar el-rei!... Vossas mercês não o negam—contraveio a prelada.

—Assim o decidiu a justiça...—obtemperou o ministro.

—Sim? pois se é verdade que ella é mulher de tal marido, declaro-lhes que na ordem de S. Bento não é costume dar hospicio ás viuvas dos facinorosos. Antes de mais nada, vossas mercês que a trouxeram tirem-na de cá; porque todas as religiosas e noviças estão escandalisadas, e eu sou a primeira a mudar-me para Vairão, se a viuva de um inforcado continuar a occupar a casa destinada ás esposas de Jesus Christo.

—Não se altere, sr.ª abbadessa—apaziguou o vigario geral.—Ora attenda V. S.ª Se Maria Isabel é innocente no crime do marido, tão criminosa é ella, como V. S.ª, como eu. Por ventura, a duqueza de Caminha ou a condessa de Armamar são criminosas porque seus maridos foram degolados ha seis annos? Com toda a certeza não. E a prova de que Maria Isabel está innocente tem-a V. S.ª em nós mesmos que a trouxemos aqui. Não é natural que o sr. ouvidor se encarregasse de trastejar n'este mosteiro a residencia de uma criminosa de tal natureza. Está convencida, sr.ª abbadessa?

—Quanto a isso, é possivel; mas a accusação de adultera que lhe fez o frade? E o dizer elle que fôra ella quem tecêra a corda que inforcou o marido? E, além d'isso...

—Ora, minha senhora — interrompeu o ouvidor — não nos repita o depoimento de um mentecapto em caso de tanta gravidade:

—Não me diga que elle estava doido!—objectou a prelada.—As palavras que elle disse parece que sahiam de uma alma que ia ser julgada por Deus. As lagrimas cobriam-lhe o rosto. Quando elle disse que seu sobrinho o encarregava de arrancar a filha do abysmo da mãe, todas nós nos sentimos traspassadas de pavor e compaixão...

—Senhoras, senhoras...—retorquiu o magistrado.—Nada mais facil que o commovel-as um frade em postura de prégador, com o rosto inflammado do fogo da demencia. Em summa, a nossa missão por emquanto reduz-se a pedir a V. S.ª que não dê consideração ás aleivosias involuntarias do frade sandeu; que se haja piedosamente com essa pobre mulher; que a deixe sósinha com a filha nos seus aposentos, se as não quizerem na sua convivencia as senhoras religiosas; finalmente, quando a mal-querença descaridosa se insurgir na casa de Deus contra essa recolhida, nós veremos que remedio se hade dar...

—O remedio é mudal-a — deliberou a prelada com a sobranceria menos propria do habito que da sua illustre prosapia dos Sás, condes de Penaguião; e accrescentou:—Ahi estão em Bragança as Carmelitas, que tem casa de sobra, e não escolhem muito as suas hospedas.

O ouvidor sorriu imprudentemente, e disse com maliciosa brandura:

—Se V. S.ª houvesse de ajoeirar o bom grão do joio damninho, reduziria a pouquissimas ovelhinhas o seu rebanho; salvo, se o habito encobre os defeitos das muitas que hão de ser chamadas para serem pouquissimas as escolhidas.

—Que quer isso dizer?—replicou a irmã do camareiro-mór João Rodrigues de Sá. — Quem são n'este mosteiro as religiosas que não merecem o respeito do sr. doutor? Estou a ver se vossas mercês receiam que esta sr.ª Maria Isabel se derranque em nossa companhia!...

A prelada levantara-se de golpe, tregeitando uns admanes sacudidos e bastantemente distantes da sua jerarquia civil e ecclesiastica.

O vigario geral deitando de travez um lance de olhos reprehensivos ao ouvidor indiscreto, interveio pacificando a prelada com expressões lisongeiras até a humiliação; ella, porém, beliscada no orgulho de fidalga e de dona abbadessa das mais qualificadas monjas da christandade, repulsou as satisfações, e rebateu-as concludentemente declarando-se senhora e superiora n'aquella casa.

—Por tanto, sr. ouvidor — terminou ella — Maria Isabel vae ser despedida d'este mosteiro. Se vossa mercê tem á sua obrigação aposental-a, dou-lhe tres dias para a mudança.

O ministro, a despeito do tom imperativo da irmã do conde de Penaguião, manteve o aspeito risonho, e disse com brandura cortezã:

—V. S.ª não despedirá Maria Isabel...

—Não despedirei? Eu!... cuidei que vossa mercê conhecia, sequer de nome, a minha familia...

—Que eu muito respeito sem a conhecer. V. S.ª não despedirá Maria Isabel—repetiu o magistrado, pegando do chapéu.—As minhas impreteriveis obrigações de ministro não permittem que eu me demore; mas aqui fica o sr. vigario geral de quem V. S.ª se dignará ou-

vir as rasões que eu tenho para suppor que não será despedida Maria Isabel.—E voltando-se ao clerigo, accrescentou:—E' dever de vossa mercê esclarecer esta senhora. A revelação do segredo é honra que sua senhoria merece. Toca-lhe bastante pelo sangue, visto que os Sás e Menezes não são dos fidalgos menos aparentados com os Braganças. Já vê, senhora dona abbadessa, que eu não desconheço inteiramente a prosapia de V. S.ª

E, feita uma respeitosa curva, sahiu, deixando tão enleada a monja quanto embaraçado o padre com o inesperado desfecho.

—Não me intendo com esta meada!—resmuneou a abbadessa, emquanto o vigario geral embebia no lenço as camarinhas do suor.

—Este ouvidor... não no intendo!...—disse o padre.—Quando eu lhe observei que esta senhora não devia entrar no mosteiro sem que V. S.ª fosse informada de certas e melindrosas circumstancias, respondeu-me que o segredo era só nosso, e violal-o seria perigosissima cousa. Agora é elle mesmo quem me incumbe de esclarecer V. S.ª Com toda a satisfação o farei; mas antes quizera tel-o já feito. A recolhida ganharia com isso, e V. S.ª não se teria inquietado tanto. Vae, por conseguinte, a sr.ª dona abbadessa, muito minha senhora, saber um segredo de estado; vae, até certo ponto, participar da confidencia das fraquezas... deixe-me assim dizer, das fraquezas dos reis, que se parecem com as dos outros mortaes. Começa a perceber, minha senhora?

—Acabo de perceber—disse a fidalga, abaixando os

olhos austeros.—Eu suspeitava alta influencia; mas não tão alta...

—Altissima! Ha palavras que se atravessam nos gorgomilos e custam a despegar-se da lingua. A final, os reis são homens; e as mulheres é que sabem reduzil-os e apoucal-os ás condições do commum da humanidade, desde que Bethezabé, mulher de Urias, areou o juizo do rei David. E de Salomão não fallemos. Muitos são os exemplos que temos por casa: não se faz mister il-os demandar em terra estranha. Aqui o que mais é para lastimar muito das entranhas, é que el-rei não resistisse ao que n'estes amores lhe redunda em menos louvor; e vem a ser a triste circumstancia de ser casada esta mulher; todavia, lá disse Camões, desculpando o amor do rei Fernando a Leonor Telles, que tambem era casada:

«Mas quem póde livrar-se por ventura,
«Dos laços que Amor arma brandamente?

Tomou folego o vigario geral, contente do exordio, e não menos da silenciosa attenção da prelada. E continuando, disse:

—O conego portuense que seguiu até aqui Maria Isabel recebeu-a no Porto da mão de um ministro muito privado, o sr. Antonio de Cavide, mantieiro d'el-rei, e alcaide-mór de Borba. (1)

(1) Antonio de Cavide foi escrivão da camara extravagante de D. João IV, seu secretario particular, desembargador do paço, conselheiro da fazenda, commendador de S. Pedro de Babe e da dos Azeites e Lagares da Villa de Soure, alcaide mór de Borba, e provedor das obras da fazenda real, e mantieiro d'el-rei. *Mantieiro* era o fiscal e guarda de todos os aprestos da mesa real.

«D'este ministro é muito valido o ouvidor, que já de antemão, de avenças commigo, aqui procurou refugio á dama, que el-rei mandou sahir da capital, quando o marido, instrumento dos castelhanos, era delatado e d'ahi á pouco preso. Aqui tem V. S.ª a tragedia. O rei, por meios que nós ignoramos, infeitiçou-se d'esta senhora. N'este em meio, quiz a sorte que o marido d'ella lhe ameaçasse a vida. A prudencia, bem que tardia, aconselhou este passo. El-rei sabe que Maria Isabel está aqui, e pensa que a tem resguardada de injurias e do opprobrio injusto que lhe reflecte do crime do marido. Com que tristeza, minha senhora dona abbadessa, não receberá sua magestade a funesta noticia de que a dama dos seus amores foi expulsa d'esta casa? Com que magua não ficará V. S.ª se d'esta mudança vier el-rei a attribuir a tão nobre e discreta prelada o descobrir-se-lhe esta fragilidade mais que muito malsinada nos reis?

A abbadessa dispensara-se de tão comprida argumentação para contemporisar, dado que a rigidez do seu caracter lograsse perfeições raras n'aquelle tempo de extremada desmoralisação monastica.

—Deviam-me ter precavido—disse ella.—Não sei como hade ser isto agora depois que a communidade assistiu ás injurias que o frade lhe atirou á cara. Vou pensar, e vêr o modo como heide applacar a indignação das minhas religiosas. Não serei eu quem dê maiores dissabores a el-rei; pelo contrario, pedirei a Deus que lhe socegue o animo attribulado, e lhe converta em escarmento este revez.

N'esta conjunctura, era procurada na grade a prelada por um postilhão vindo de Lisboa com aviso do ge-

ral dos bentos, afim de se cantarem n'aquelle mosteiro solemnes acções de graças pelo favor que Deus fizera a este reino, preservando a vida d'el-rei nosso senhor das insidias sacrilegas e regicidas de Domingos Leite Pereira, enforcado no dia 21 de agosto, reo confesso e convicto do mais abominavel crime.

IX

Voltaremos opportunamente ao mosteiro benedictino de Bragança.

Ha muito que os dois velhos caminheiros, Antonio Leite e Bernardo, lá vão por essa estrada fora. Ao terceiro dia de jornada, o cuteleiro, bem que o anceio de chegar lhe emprestasse vigor extraordinario, afinal parou exhausto de forças. Foi mister alugarem cavalgaduras em Coimbra, e apertarem o trote para no dia 19 d'aquelle mez de agosto chegarem á povoação chamada *Venda da Palhoça*, quatorze leguas apartada de Lisboa.

Antonio Leite, apenas descavalgou, pediu cama e deitou-se oirado da cabeça e contundido da longa jornada debaixo d'um sol ardentissimo. Bernardo, que em todas as estalagens do caminho indagava noticias de estafêtas e almocréves a respeito dos acontecimentos da capital, demorou-se na cozinha da estalagem, esperan-

do passageiros que jornadeavam de noite para descançarem durante a calma do dia.

Por volta das dez horas parou á porta da taverna um rancho de cavalleiros, trajados á campina. Apearam-se e pediram vinho. Bernardo perguntou a um d'elles se vinha de Lisboa.

—Não venho, vou — disse o campino. — Ó patrão, mande botar uma maquia de fava a cada besta—bradou o viandante ao estalajadeiro.—E depressa, que não ha tempo a perder. Queremos estar ás 7 da manhã em Povos. Quantas leguas fazem cá?

—Sete das que mediu a velha—disse o estalajadeiro.—E então que pressa é essa?

—Hemos de descançar até ás cinco da tarde, e ir amanhecer lá para Lisboa, e esperar na Portella que se abram as portas da cidade.

—Querem vêr que vossês—volveu o locandeiro—vão vêr pernear na forca o tal patifão que quiz matar el-rei?

—E' como diz. Quero vêr a cara ao malvado.

—Eu cá de mim—tornou o taverneiro com patriotica ira—só lá iria, se me deixassem empurral-o, quando a corda o não deixasse ir ao chão!

Bernardo ouvia, mas não via os interlocutores. Encostara-se ao balcão da taverna, afincando as unhas na taboa esforçadamente, porque as pernas lhe tremiam e vergavam.

—Então sempre é certo que o enforcam na quarta-feira?—perguntou o taverneiro.

—Já devia ser no dia 16, segundo lá disse o abbade dos Mulianos; mas como era sexta-feira, e á sexta-feira morreu o nosso Redemptor...

—Então enforcassem-no no sabbado, para não estar aquella peste viva entre os portuguezes—admoestou o taverneiro; e, como visse Bernardo com os braços convulsos encostados ao balcão e os olhos espamodicos e baços, pôz-lhe a mão pesada no hombro, e disse-lhe rindo:

—Ó velhote! parece que a pinga lhe deu na fraqueira! Vá-se deitar, patrãosinho! Vossê já não atrêma de certo com o sobrado! Ó rapaz, vai ensinar a cama a este homem, e tem-me cuidado com a candeia, visto que a d'elle está ás avessas.

Bernardo, com a face lavada em lagrimas, seguiu o rapaz.

—Elle vai muito borracho!—tornou o estalajadeiro—não que a pinga aqui, quando um homem mal se percatà, marinha ás aguas furtadas, que nem pêto real por haste de pinheiro.

—O velho ia a chorar...—disse a estajaladeira.

—Ha vinho que lhe dá pr'áhi; é consoante o signo em que nasceu cada qual—explicou o marido.—Os que tem o vinho triste lagrimejam.

Bernardo, quando o mocinho lhe mostrou a cama de par com a do seu companheiro, tomou-lhe a candeia da mão, e disse-lhe que podia ir com Deus.

—E a luz?—volveu o rapaz.

—Dize a teu amo que eu não estou turvado de vinho. Vai descançado.

O pai de Domingos Leite dormia profundamente. Lá estava á cabeceira a faca pendurada da mesma cavilha em que pendia o rosario com a sua cruz de bronze.

Bernardo sentou-se no seu enxergão com o rosto entre as mãos para abafar os soluços. Ás vezes, olhava para o velho, e dizia entre si:

—Como heide eu impedir que elle siga a jornada! Quando chegar a Lisboa, já está morto o filho. Elle quer matar Roque da Cunha. Será preso e enforcado como o filho.

Em uma d'estas meditações, sobresaltou-se ouvindo passos no corredor. Era o estalajadeiro que, desconfiado ainda da vinolencia do velho, ia vigiar que a candeia estivesse apagada.

—Ainda a pé!—disse elle, observando agradavelmente a compostura do hospede, que se lhe afigurou escorreito, não obstante as lagrimas.

—E' verdade—respondeu Bernardo.—Não appetece a cama com o calor que faz.

—Olhe o seu companheiro como ronca! E nem se despiu!—E reparando no cutello.—Que soberbo facalhão elle aqui tem! Conheço esta peça, que tenho assim uma. D'estas facas só as faz em Guimarães o Antonio da rua de Infesta, o cuteleiro mais famoso do reino.

E, como elle, ao examinar a faca, fizesse algum rumor, Antonio abriu os olhos espantados, cravou-os na cara estranha do estalajadeiro, e sentou-se com impeto na cama, guinando a vista entre Bernardo e o desconhecido.

—Não se assuste, patrão!—disse o estalajadeiro.—É gente de paz. Basta uma faca assim para guardar o dono que dorme. Eu tambem assim tenho uma que vai commigo para toda a parte. Já uma vez na charneca de Ota, onde os ladrões do pinhal d'Azambuja tem os seus piquetes...

—É dia, sr. Bernardo?—interrompeu Antonio Leite, não prestando sentido á proeza que o taverneiro ia contar.

—É hora e meia, quando muito—respondeu o hospedeiro.

—Vossê que tem, sr. Bernardo?!—tornou o cuteleiro.—Chegue-se aqui... A sua cara está cheia de lagrimas...

—Já fiz tambem esse reparo... e, a fallar verdade —interveio o taverneiro—ajuizei mal d'este homem, quando o vi assim a modo de quem se não segura bem nas pernas, e o mandei deitar.

—E bem preciso eu de dormir...—disse Bernardo. —Vá com Deus, patrão, e deixe-nos aproveitar o resto da noite, que temos de sahir cedo.

—Melhor fôra—disse o taverneiro—que vossês tivessem descançado de dia, e seguissem a sua jornada para Lisboa com esses passageiros que...

—Sim, sim—atalhou pressurosamente o velho—mas não podia ser, porque andamos de dia... Com Deus passe a noite...

E quasi o ia empurrando brandamente; mas o taverneiro proseguiu já de fóra da porta:

—Que vossês, se amanhã por noite chegarem á Alhandra, que são nove leguas pequenas, ainda podem, sahindo de madrugada, estar ahi pelas oito em Lisboa, e chegam muito a tempo de vêr enforcar o homem.

—Que homem!?—exclamou Antonio Leite saltando da cama.

—Então não sabe que vae ser dependurado um assassino que veio de Castella para matar el-rei nosso senhor?—respondeu o taverneiro.

O velho interrogava Bernardo com os olhos fulgurantes; mas, proferidas as ultimas palavras do taverneiro, Bernardo cahira de joelhos á beira do seu catre, e rom-

pera n'um alto choro, que em vão quiz estrangular, abafando a respiração contra a côlcha da cama.

—Sr. Bernardo!—bradou Antonio, caminhando para elle, ás apalpadellas, como se o procurasse nas trevas.. —Que disse aquelle homem? não ouviu?... estarei eu sonhando! Jesus Christo, Virgem Santissima, acudi-me! acordae-me d'este pesadêllo!... Eu não ouvi agora dizer que meu filho ia ser enforcado?

O estalajadeiro, ouvindo tão estranhos brados, retrocedêra; e, parando voltado contra o velho que o media com torva olhadura, perguntou:

—Vossê é pai do tal desgraçado?

—Se sou pae de quem?—bradou Antonio arremessando-lhe vertiginosamente a vista esgazeada.

—Pergunto se é pae... sim... eu ouvi-lhe agora dizer que...

O cuteleiro curvou-se sobre Bernardo, ergueu-o empuxando-o pelas lapelas da jaqueta, e bradou-lhe:

—Tenha mais animo que eu! vossê não é pai!... diga-me se meu filho foi condemnado á morte!... foi?

Bernardo ergueu-se, estreitou-o ao peito, e não poude responder. O velho desatou-se-lhe dos braços com violento repellão, e bradou:

—Nada de lastimas! Matam-me o filho? matam-m'o innocente? Acabou-se!... Eu cá estou!

E gesticulava estirando e contrahindo os braços.

—Vamos embora!—rebramiu elle com precipitadas vozes.—A caminho! E é já! já! Quantas leguas são d'aqui a Lisboa?

—Quatorze—respondeu o despavorido taverneiro.

—Ando-as n'um dia. A'manhã estou em Lisboa. E' depois d'ámanhã que enforcam o meu Domingos? Ainda

o verei, talvez que me deixem abraçal-o... e talvez que eu morra abraçado a elle... Homem!—disse elle com a voz descahida, tremula e gemente, segurando o braço do estalajadeiro.—Eu não tenho outro filho... e nenhum pai o teve mais honrado... Vossê sabe que elle vae morrer innocente?...

O estalajadeiro olhava de esconso para Bernardo, que fazia anciosos signaes de silencio ao cuteleiro, insensivel ás cautelas do velho.

—Olhe que meu filho—proseguiu Antonio Leite com vehemencia, picando as palavras com aspirações fortes e compassadas pelo arfar do peito.—Olhe que meu filho era muito honrado, era portuguez como seu avô que morreu na batalha de Alcantara, pelejando por D. Antonio. Meu filho foi um dos que acclamaram D. João IV em Evora... E matam-no! porquê? diga!—E sacudia o estalajadeiro pelas espaduas rijamente.

—Vossê não sabe?—continuou o pai de Domingos Leite com os olhos congestionados e as faces roxas.—O meu filho foi atraiçoado... Foi entregue como Christo aos matadores... E eu vou matar o judas que o vendeu, trespassal-o do peito ás costas com aquella faca. Heide vêr-lhe espirrar o sangue, e arrancar-lhe a lingua... Vamos! que faz ahi vossê, Bernardo? Venha cá...—E repuxou-o com força.—Conte aqui a este homem como era bom e honrado seu amo; diga-lhe tudo!... Pois eu hei-de vêr morrer o meu Domingos?—exclamou elle descahindo rapidamente da exclamação forte ao murmurio soluçante.—Virgem Maria! valei ao vosso afilhado! Ó meu Redemptor!—e ajoelhando beijava o Christo do rozario—não me tireis o meu filho com tão horrivel morte! Abri os vossos olhos sobre o mais

desgraçado dos paes! Meu filho na forca! na forca!... Então não ha Deus!...

E, levantando-se arrebatado, lançou mão da faca, ululando:

—Eu te vingarei!... eu te vingarei!

N'este lance, Bernardo e o estalajadeiro tiveram mão d'elle; a reacção foi curta; os braços do velho esmoreceram, a cabeça descahiu para o lado, e os beiços revibravam ao sopro ardente dos arrancos, que pareciam da morte. Prostraram-o desmaiado no leito.

O estalajadeiro e a familia, compadecidamente, assistiram ao desgraçado com todos os soccorros. Bernardo, fiando na piedade sincera d'aquella gente, contou os infortunios domesticos de Domingos Leite Pereira, pedindo guardassem segredo para que o pae não fosse ainda presa da justiça.

Seis horas depois, já dia alto, Antonio Leite recobrou instantes de rasão, reconheceu que o velavam pessoas caritativas, e ainda respondeu ao interrogatorio do cirurgião. Tentou sentar-se; mas, com só mover a cabeça, lhe sobreveio um vágado e successivas vertigens. Declarou-se, ao parecer do facultativo, uma febre maligna, ou, como hoje diriamos, febre typhoide.

No decurso de quinze dias o infermo raras palavras balbuciou, apesar do esforço empregado em distender a lingua encrostada de negro. A espaços, uma rija convulsão o espertava da somnolencia em que jasia amodorrado. Nos delirios, percebiam-se-lhe dois nomes tãosómente por entre o rumor de sons inarticulados: eram *filho* e *Maria*. Este devia ser o nome da mulher.

O cirurgião considerava-o moribundo, quando, ao

cabo do terceiro periodo os phenomenos precursores da morte, depois de copioso suor e hemorrhagia nazal, se modificaram e denunciaram progressivamente.

Quando lhe disseram que estava salvo, Antonio Leite vagueou em deredor os olhos com ancioso esforço, e como não visse Bernardo, chamou-o.

—Aqui estou, sr. Antonio—disse o velho que estava, aos pés do leito, orando de joelhos.

Abeirou-se Bernardo da face do infermo, e, á frouxa luz da lampada d'um oratorio, no mover dos beiços requeimados, percebeu as palavras: «meu filho?»

Bernardo levou as mãos ao rosto, e murmurou:

—Jesus Christo me valha!

—Morreu...—balbuciou o pae de Domingos Leite, e cerrou as palpebras.

Por cada face lhe derivou uma lagrima vagarosa, e resvalou das maçãs descarnadas do rosto ás barbas alvissimas e empastadas do suor.

A lethargia succedeu ás duas lagrimas, que pareciam ser as ultimas da agonia, e as primeiras que a alma, ao desatar-se do seu abysmo, derrama na presença do seu Criador.

X

Decorridos trinta dias, meado setembro, Antonio Leite, quasi convalescido no seio da condoída familia, disse a Bernardo:

—Agora, amigo, é tempo de irmos cada um cuidar de sua vida. Vossemecê segue para Lisboa, se não quer uma tigela de caldo em minha casa; eu volto para Guimarães, pois que lá tenho ainda a triste mulher a chamar-me.

—Coitada!—acudiu Bernardo.—N'esta carta ultima, diz ella que está bem doente, e sem esperanças de ver alguem dos seus á hora da morte! Demais a mais, um frade de S. Francisco levou-lhe a má nova de que seu irmão o sr. fr. Gaspar de Santa Thereza morrera de apoplexia em Bragança... Digo-lh'o agora a vossemecê, porque o vejo com mais coragem.

—Pois meu cunhado morreu?!—disse o cuteleiro.—Decerto o acabaram as afflicções!... Eu já não posso chorar... Estou de ferro!... Foi a desgraça do sobri-

nho que o matou. E eu, que sou pae, estou vivo!... Deus sabe para que eu estou vivo...

—Para amparar sua pobre mulher que já não tem irmão nem filho...

—Assim será...—assentiu Antonio Leite—assim será...

N'estes dizeres, havia umas vagueações de olhos e pensamentos que a mediana sagacidade de Bernardo não suspeitou.

—Muitos louvores a Deus pela mercê que fez a todos nós—disse Bernardo—apagando-lhe a idéa de ir a Lisboa vingar seu filho, e arriscar-se a morrer sem vingança.

—Isso não!—sobreveio o cuteleiro.—Se eu houvesse de morrer, o traidor não ficaria vivo!

—Mas a vossemecê quem o vingaria?

—A mim quem me vingaria? Todo o homem de alma nobre que dissesse: «Aquelle vae morrer porque matou o traidor do seu filho.» Eu não queria outra vingança... Mas—proseguiu o velho, sacudindo com um gesto contrafeito a idéa importuna—não fallemos n'isso mais. A justiça que desacertou n'este mundo lá está o alto juiz que a concerte. Meu filho é morto, e deshonrado para sempre. Não ha remedio a dar-lhe... E' choral-o e resar-lhe por alma. Vossemecê lá de Lisboa me dirá o que souber d'essa creatura perdida, que por ahi deve viver. Contou ahi um lettrado ao nosso bom patrão que todos os bens d'essa mulher passaram ao fisco e camara real. Se assim é, pode ser que vossemecê por lá tope um dia a filha do meu Domingos a pedir esmola; se a vir, e a esse tempo eu ou minha mulher tivermos vida, mande-nos a menina para Guimarães...

—Não hade acontecer isso, sr. Antonio—objectou Bernardo—a viuva de meu amo hade ser sempre rica...—E refreou a lingua, receando que d'estas palavras ambiguas o velho podesse tirar desconfianças do real amparo de Maria Isabel. Bernardo tremia da tortura, desde que experimentara os rudimentos do cavallete. Se não lhe prepassassem na memoria a cada palavra irreflectida os anginhos, o tôrno e as manilhas denticuladas, com toda a certesa já elle teria aventado ao cuteleiro que a familia de João Bernardes-Tragamalhas era barregan d'el-rei.

—Quer vossemecê dizer—observou o cuteleiro—que a tal rascôa do padre Silveira, como tem o palmo da cara bem ageitado, não lhe faltará desvergonha nem jantar... é isso?

—Sim...

—Pois é tambem por isso que eu lhe peço não se descuide de descobrir o paradeiro d'ella, a vêr se lá descobre a minha neta. Quero crêr que, desde o outro mundo, a alma do meu Domingos me daria um signal de alegria, se visse a filhinha na pobre casa de seus avós, aquecendo as mãosinhas na forja onde elle em pequenino se assentava! Mas...—e, perdendo, a subitas, a placidez de gesto e maviosidade da voz, esfregou os olhos com phrenesi, e resmuneou:—estou a sonhar!... pobre cabeça de velho, que te deram a valer... Parece que ás vezes me esqueço de que meu filho... foi enforcado!... Failo d'elle como se fallecesse amado, tranquillo e honrado na sua cama!...

E afastava-se de Bernardo para chorar sósinho.

Em meio de tantas noites de vigilia e ao fim de vinte acerbos dias, o cuteleiro restaurou-se bastantemente

para voltar á sua terra, dizia elle a Bernardo e ao estalajadeiro cuja familia se lhe affeiçoara familiarmente.

O velho escudeiro pedia-lhe que o deixasse acompanhal-o a Guimarães, e o estalajadeiro teimava que, a não ir Bernardo, iria seu filho conduzil-o em cavalgadura propria e gratuita. O cuteleiro esquivava-se aos favores de ambos, dizendo que lhe era mais consolativo ir sósinho, e a pé, vencendo curtas jornadas. As rasões da recusa eram estranhaveis; mas inflexiveis.

Na vespera da separação, Antonio Leite renovou a Bernardo o cuidado de procurar Angela, e avisal-o do que soubesse. Abraçaram-se então os dois velhos, trocando enternecidos gemidos, e despedindo-se até á eternidade. O cuteleiro agradeceu-lhe em nome do filho a caridade com que lhe assistira em sua doença; offereceu-lhe repetidas vezes parte do dinheiro que lhe sobejava, e apartou-se, emfim, quando ao raiar da manhã Bernardo se metteu a caminho.

O cuteleiro, que devia partir á mesma hora na direcção opposta, queixou-se de uma pontada que o impedia de andar, e differiu a jornada para a madrugada seguinte.

Á noite renovou as despedidas dos seus caridosos hospedeiros; e, ante-manhã, quando o estalajadeiro o foi chamar, já o não achou na cama. O moço da estrebaria disse que dera tino da sahida do hospede, pouco depois das duas horas; que espreitara pelo postigo do seu quarto a vêr se de feito era elle; e que o vira caminhar para o lado de Lisboa.

XI

Roque da Cunha, aproveitando a monção do enthusiasmo popular, requerêra a provedoria da Caza da Indja. O ministro mandou juntar ao requerimento certidão de nobreza, sendo condicional a fidalguia no provimento d'aquelle officio. O filho de D. Vicencia, e neto da Barbara da rua dos Cabides, cuidára que o feito de salvar el-rei bastaria a dar-lhe brazão d'armas. Attribuindo a falta á negligencia do secretario das mercês, requereu o fôro. El-rei, consultado pelo seu ministro Pedro Vieira da Silva, arrugou a fronte e não respondeu. Estava presente o mordomo-mor marquez de Gouvêa, que fez um esgar de repulsão, quando o secretario consultava o rei. O secretario de estado indefiriu a petição.

Roque da Cunha digeriu a affronta; mas arregaçou um sorriso em que espumejava fel.

Na mesma hora, passeando na praça do Paço da Ri-

beira, rodeou-se de transeuntes que o cortejavam, gloriando-se do agraciado semblante com que elle os recebia. Fallavam-lhe como sempre dos seus impagaveis serviços ao rei e ao reino: felicitavam-o pelas pingues recompensas a que tinha direito sacratissimo. Roque escumou o tal sorriso protervo, e disse:

—Não tenho direito a nada, meus amigos! Pedi o primeiro grão de nobreza e não m'o deram. Venha ahi de Castella um bandido dos que lá conspiram no corrilho dos inimigos da patria, faça elle um acto de contricção aos pés do ministro, e será feito cavalleiro fidalgo. Bacoreja-me, senhores meus, que não fiz grande serviço, a julgal-o pelo premio que me negam. Quando se me acabar em Portugal o peculio que minha mãe me deu, pedirei á arraia miuda que me ampare, visto que não posso voltar a Castella.

Sensação profunda no auditorio, murmuração, diatribes contra os ministros, commentarios das regateiras que se abeiravam d'elle, como as duas celebradas *Maranhan* e *Brigida d'Alfama* subiam ao estribo do coche real.

E Roque da Cunha, assobiando um tarambote sevilhano, afastou-se da turba, cavalgou o seu murzello que escarvava impaciente, e enfiou pela rua Nova dos Mercadores, corveteando galhardamente.

As glossas da praça repercutiram no paço.

Vagou n'este tempo o officio de thesoureiro da especiaria na Casa da India e Mina. Requereu-o. A opinião da praça actuára na escrevaninha do ministro: e Antonio de Cavide prudentemente disse ao rei:

—Se vossa magestade desprezar e não despachar de qualquer modo Roque da Cunha, dará a perceber que

o serviço apregoado pelas turbas, ou é fabula, ou a infamia o torna digno de castigo.

Foi provido: era logar rendoso, de responsabilidade e que andára sempre em varões honrados, como premio de serviços grandes na armada e no exercito.

No meado de setembro já Roque da Cunha occupava casa grande e nobre na rua dos Anjos. O officio relacionara-o com a classe abastada dos especieiros. Rivalizavam-se os mais astutos no processo ordinario de o aconchavarem no contrabando da pimenta, do cravo, e da canella. Estiravam-lhe a consciencia até aonde a elasticidade deu de si. Ainda no tirocinio das suas funcções, já lhe surdiam nas salas, alfaias de primeira execução, as poltronas tauxiadas, as porcelanas de colorido brilhante, as alcatifas de pennugem flacida, as molduragens douradas em vidros venezianos, as cortinas de tela, os rodapés de franja de prata, as banquetas vestidas de seda adamascada, em fim, as convidativas delicias que sobredouram, no viver cazeiro, os jubilos da consciencia limpa.

Na socegada molleza de sibarita, Roque da Cunha não accusava perturbações sensiveis no intimo fôro. E' difficultoso devassar de peito a dentro remordimentos quando na cara ressumbram as sadias côres do delactor de Domingos Leite.

Pode ser, porem, que o viver solitario na sua luxuosa casa lhe delongasse as horas de fastio. Os amigos diziam-lhe que os seus robustos cincoenta annos e os salarios do officio abundantissimos estavam pedindo uma consorte, uma companheira complementar á sua felicidade. Pensou Roque da Cunha no alvitre, discutiu-o pausadamente com os amigos especieiros, e de-

fendeu-se de tal desacerto accusando-se de velho para esposa nova, e de velho tambem para esposa velha. Redarguiu o mais novo dos interluctores que tinha uma irmã de vinte e oito annos, tão innocente como bem composta de rosto; e, se a presença d'ella o captivasse, elle se dava como fiador no consentimento de sua irmã.

Descortinou-se-lhe horisonte novo na existencia. Na tarefa borrascosa das suas malfeitorias não houvera remanso para amores. Nunca lhe fôra necessario o coração para se enxarcar no enxurdeiro onde se rebalsavam as fêmeas a seu sabor. Não se lembrava até aos cincoenta de ter olhado com respeito mulher honesta, nem alguma lhe insinuara o gozo puro de a contemplar. Dizia elle aos seus admiradores que a faina da guerra e das lides patriotas lhe não tinham dado vaga a passatempos amatorios, em que a mocidade ociosa desperdiça os brios que deve á patria.

Agora, porem, sentia-se reflorido na florescencia das primaveras todas que não desabotoaram para elle. Abafavam-no festões e aromas. Refestelado nas suas poltronas, scismava com o amor, pasmava-se dos extasis voluptuarios que lhe passeavam a alma por incognitas regiões. N'estes nossos dias, Roque da Cunha seria um homem de bigode tingido, com poesia secreta, e um ideal espalhado pela natureza.

E mais, n'esse tempo de arroubamentos, ainda elle não tinha visto a irmã do mercieiro da rua dos Vinagres, a qual, sem discutir, acceitára matrimoniar-se com o thesoureiro da especiaria da casa da India e Mina, tão pregoado na voz geral como salvador d'el-rei. Vencida pois, estava ella, quando Roque da Cunha a viu e desde logo, com desculpavel sem-ceremonia, lhe disse que

muito lhe queria, e por isso pedia que o casamento se fizesse logo para aproveitar o tempo pérdido.

N'esse dia, voltando elle de casa da noiva, com as competentes, mas serodias exultações, deu de esporas ao cavallo e andou-se espanejando ao sol d'aquelle alegre dia primeiro de outubro, pela margem do Tejo.

Atravessando o Largo da Ribeira viu ainda em pé a maquina que servira á estrangulação de Domingos Leite. Voltou a face, e sentiu um dobrar involuntario de pescoço, como se o peito se lhe retrahisse, e o toque asperrimo e frio do esparto lhe esgarçasse nos musculos cervicaes.

Não reparou, pois, que ao pé da forca estava um grupo de gente da ralé; mas, ao perpassar, ainda ouviu estas vozes:

—E' aquelle! — Elle ali vae! — E' o Roque da Cunha!

—E' o que salvou el-rei D. João!

Passou, como sempre, aborrecido das acclamações da canalha.

Ora, no centro d'aquella mó de plebe, estava um velho, amparado nos braços de duas mulheres, que o haviam erguido do chão lamacento.

Aquelle homem chegára ali, segundo as informações de um gaiato vendilhão de mechas e alfeloa, e estivera quêdo muito tempo a olhar para a forca; e depois, pegou de tremer, de tremer, e foi a terra de joelhos com as mãos na cabeça, e cahiu para diante, batendo com a cara na esquina do tablado sobposto ao triangulo. O rapaz então gritára, as duas mulheres correram a levantar o velho, e o gentio fez-lhe roda.

Era Antonio Leite. O leitor já tinha entrevisto que

este novo martyrio só podia quadrar ao pae do justiçado.

Perguntaram-lhe onde morava para o levarem a casa. Respondeu que o seu mal era passageiro. Que lhe davam aquelles ataques: mas que se sentia já quasi bom.

Disse então o gaiato das mechas que o velho, quando cahira, parecia que estava a resar e a chorar.

—Se estava a resar, não era por alma do grande ladrão que esperneou ali!—disse uma das mulheres que o levantaram.

—Grande ladrão?! — murmurou o velho. — Era ladrão?... quem?

—O' tio!—voltou a peixeira—vossê não sabe que foi aqui enforcado ha coisa de sete semanas um homem que quiz matar o rei?

—Sim, sei... — articulou com abafadora angustia o velho—mas como ouvi dizer que fôra um grande ladrão... cuidei que seria outro...

—E que maior ladrão o quer vossê, tio! Queria roubar o pae dos portuguezes...

N'este comenos, passou Roque da Cunha, como já fica dito. O povo fez o alarido do costume: e Antonio Leite ergueu-se de salto entre o gentio, para ver o homem a quem chamavam Roque da Cunha.

Não descravou d'elle os olhos em quanto pôde alcançal-o.

—È então aquelle...—tartamudeou o velho.

—O homem não é cá da terra!—observou uma das peixeiras — pois vossê não sabe que aquelle senhor foi o que entregou a el-rei o escrivão Leite?

—Sei, sei... mas... nunca o vi... e tinha muita von-

lade de ver ao pé esse grande homem que livrou el-rei...

—Pois, olhe, tiosinho — disse o marinheiro — se o quer ver, faça como eu fiz; va esperal-o á porta da casa d'elle que mora ás *Portas de ferro*.

—Já lá não mora — emendou um carrejão. — Agora mora na rua dos Anjos, ao pé do palacio do chanceller. Ainda lá fui hontem levar-lhe um caixão de louça da India que lhe mandou...

—Na rua dos Anjos?—perguntou Antonio Leite com a simulada curiosidade de bom portuguez.

—Sim. Vossê sabe onde mora o sr. chanceller?

—Sei.

—Não tem que errar. Ao lado de baixo estão uns arcos com duas portas grandes, que são a cocheira do sr. Roque. Se vossê se encostar á casa defronte, vê-o sair todos os dias ás dez horas, quando vai para o seu officio de India e Mina.

—Mas, ó gentes! — disse uma peixeira cruzando os braços, e bamboando a cabeça.—Quem conheceu aquelle Domingos Leite como eu o conheci a morar no Salvador, n'uma casaria, com carroça de seu e lacaios e escudeiro! E a mulher! ai, manas, se vossês a vissem na rua! Aquillo pimponava ahi que nem a mais pintada fidalga? E bonita? isso então, podia-se ver aquella cara que parecia uma rosa! Ella era filha d'aquelle tanoeiro muito rico...

—Do Tragamalhas... diga-me vossê de quem ella era filha!—atalhou o carrejão—era rico como um porco... e muito bom homem.

—Mas a filha—volveu a peixeira—era uma delambida, que, se alguem lhe pedia na rua uma esmolinha, torcia o nariz, e dizia: peça ao lacaio.

—Diabos a carreguem!—praguejou uma velha maltrapida.—Já a filha do tanoeiro tinha lacaio! Por essas e por outras é que o marido aqui veiu dar a casca.

—E que é feito d'ella?—perguntou um dos circumstantes.

—Eu não quero mentir— respondeu a velha — mas rosnou-me cá que ella anda por ahi a correr fadario.

— Elles não tinham filhos? — perguntou Antonio Leite.

—Uma menina linda como um cravo... — disse a peixeira—chamava-se Angelinha... e sabem vossês que mais? o creado de fora disse-me uma vez que a tal pequena era açafata! Vossês não se querem rir!—Quem diabo lhe metteu isso na cabeça a vossê?—perguntei eu ao criado. O gallego, ou minhoto, ou que diabo era, impertiga-se todo e diz:—Então a sr.ª Mariquinhas não sabe que a casa de minha ama vai o sr. conselheiro d'el-rei Antonio Cavide?—Eu fiquei pasmadinha! e ainda agora ando á cata do gallego para lhe perguntar pela açafata e mais pela mãe.

A multidão rareou. Antonio Leite despediu-se das mulheres, que o ergueram do chão, offerecendo-lhes meio tostão em prata a cada uma, que ellas acceitaram com alegre assombro. O rapaz das mechas, vendo aquella liberalidade, seguiu-o, allegando que fôra elle quem chamára as mulheres, quando o vira cahir. O velho gratificou-o com egual generosidade, e pediu-lhe que o acompanhasse até á sua rua, porque receava que lhe desse outro attaque.

—Prompto!—exclamou o gaiato.—Onde mora vossemecê?

—Na rua dos Anjos—disse Antonio Leite.

XII

O alfèloeiro, quando o velho o despediu á entrada da rua dos Anjos, de si comsigo ajuisou que o homem não ia escorreito; por quanto, nas paragens que fazia a cada esquina, esperando que o rapaz o encaminhasse, mostrava ir atarantado como quem não conhecia onde estava.

Antes de o despedir, ainda Antonio Leite perguntou ao gaiato onde era a casa do sr. chanceller; e para lá se dirigiu.

Guiando-se pelas informações do carrejão, procurou a casa de Roque da Cunha, e logo a estremou pelos signaes da arcaria abobadada e dos dois portaes da cavallariça.

No alpendre formado pela abobada estava um creado almofaçando um alasão irrequieto que procurava morder o cavallariço quando lhe passava o ferro nos ilhaes. O velho encostou-se á pilastra de um dos tres arcos, observando a birra do alasão, e ouvindo as

reflexões que outros ociosos faziam á bella estampa do cavallo.

—Este não é mão—dizia o lacaio do chanceller;—mas o murzello em que o teu patrão sahiu hoje, é outra casta de cavallo.

—E o baio?—perguntou o moço do provedor das especiarias.

—Tambem não é mão; mas está velho. Não sei para que teu amo quer trez bestas!

—Eu conheci-o quando elle era meirinho do corregedor, ainda ha menos d'anno, que não amealhava tres cruzados para um burro saloio—interveio um sujeito mal trajado, catadura mesta de victima dos ultimos acontecimentos; e, como ninguem lhe fallasse á mão, posto que um sorriso complacente de inveja o applaudisse na boca muda dos circumstantes, o homem mordaz seguiu seu caminho.

—Coitado!—disse um d'aquelles—é a paixão que falla. Este homem foi escrivão do Soares de Albergaria que mataram no paço quando elle se oppoz á entrada dos fidalgos. Como teve liteira e machos seus, quando lhe chega a saudade, rebenta-lhe a posthema da inveja na sombra de teu amo e d'outros que estão no galarim. O que eu não sei—proseguiu o da reflexão philosophica, selleiro de seu officio—é como teu amo tem tres cavallos e dois creados somente, um de escada assima, e outro de estrebaria.

—Eu tenho um ajudante que foi á terra, e estou á espera de outro, que é meu sobrinho, e mandei vir da terra.

—Da Galliza?—perguntou chocarreando o estribeiro do chanceller.

—Já lhe disse que não sou gallego: sou de Guimarães, nascido e creado no Cano das Gafas.

— Em máo cano foste nado! —tornou o estribeiro.

O de Guimarães fez um gesto de arrieiro ao visinho, dividindo a meio o braço direito no cotovello do esquerdo, e recolheu o cavallo na cocheira.

Os madraços dispersaram quando ouviram o estrupido de cavallo a galope, e conheceram Roque da Cunha.

—Ahi vem teu amo—disse o lacaio do chanceller para o interior da cocheira.

Antonio Leite desviou-se com os outros, e seguiu dois que entraram em uma taverna escura, fronteira da casa de Roque, e tambem alpendrada por arcarias que innoitavam o interior da bodéga. Viu apear o cavalleiro, atirando as redeas ao môço, e palmeando a anca do murzello.

Pediu de jantar, e travou conversação com o taverneiro. Disse que estava em Lisboa a ver se encontrava um parente que viera das terras de Sancta Cruz, e que o não topara ainda; deu-se como natural de Traz-os-Montes, e perguntou onde poderia elle achar estalagem em que podesse dormir melhor que na estalagem da Ribeira.

E, ao mesmo tempo, dava a trocar uma moeda de quatro-cruzados, ave rara nas bancas inxundiosas d'aquelle bodegueiro, o qual, em vista da moeda de quatro-cruzados, reformou o conceito mediocremente lisongeiro que formára do freguez.

—Eu não lhe digo que a minha casa seja a melhor —respondeu o taverneiro, rolando a moeda nos dedos e remirando a cruz de S. Jorge—mas se vossemecê se

contenta com uma cama limpa e comidas bem temperadas, escusa de ir mais longe.

Se podesse raiar alegria na alma do pae de Domingos Leite, diriamos que os olhos lampejaram o clarão interior. E porque não? Um passo dado no trilho da vingança, quando outro fito não desvia a attenção da alma infernada, que é, senão alegria?

Antonio acceitou, e pagou quinze dias adiantados. O taverneiro foi dar-lhe posse do quarto, especie de caverna pestilenciosa, que recebia o ar de uma adufa de rotulas defrontando com as janellas do primeiro andar de Roque da Cunha.

—E' muito bom albergue...—disse o cuteleiro, olhando atravez das rotulas as janellas sacadas da casa fronteira.

—Ali mora o homem que salvou o rei da morte—disse o patrão—é o sr. Roque da Cunha, que está agora como quer. Só cavallos tem tres, e aquella casa por dentro está forrada de seda e oiro. Vejo ali vir os mercadores mais ricos de Lisboa, e, ou eu me engano, ou elle, á volta de tres annos, está podre de rico. Isto de ser provedor das especiarias da India é, a modo de dizer, poder um homem roubar doze mil cruzados por anno sem ser ladrão...

—Mas, emfim...—disse o cuteleiro—se elle salvou o rei da morte, parece que devia o rei dar-lhe tantas riquezas que elle não precisasse roubar.

—Isso, a fallar verdade, assim é; mas quem deixa roubar o fisco, como o outro que diz, dá sem dar do seu.

Parece que o taverneiro não conhecia profundamente o maquinismo das rendas do estado n'aquelle tempo, nem o cuteleiro desejaria a prelecção respectiva.

—O serviço que este sr. Roque fez, na realidade, foi avantajado!—insistiu o hospede.

—Foi, foi—assentiu o outro, alongando os beiços e franzindo a testa—; mas tudo isto que cheira a traição é ruim façanha, não lhe parece?

—Sim... mas...

—Bem sabe vossemecê que fiar-se um homem n'outro homem que diz ser seu amigo, abrir-lhe o seu peito, dizer-lhe que vae fazer uma morte, virem ambos conchavados para o mesmo crime, e depois chegar o Roque adiante a denunciar o amigo, e ir com a justiça prendel-o á Povoa de D. Martinho, isto, homem... é o diabo!...—concluiu o moralisador cossando rijamente o craneo com as dez unhas. E proseguiu:—Muita gente, foi toda a gente ver morrer o escrivão do civel... Eu não fui...

—Vossemecê conheceu-o?—perguntou Antonio, disfarçando a commoção.

—Conheci-o, sim, senhor. Ha que annos! Ainda elle estava na botica da Misericordia. Foi elle que me emplastou aqui n'esta mão uma cutilada que me deram de noite os arruadores. Curou-m'a em oito dias, e não me levou nada. Depois, ainda me fez um favor: já era escrivão e secretario do mordomo-mór, e casado com a Traga-malhas, e muito rico: pois, olhe vossê, não se envergonhou quando eu lhe mostrei esta cicatriz, e lhe disse que lhe devia a elle ter a minha mão sã. Com este Roque da Cunha o vi eu duas ou tres vezes, muito manos, a conversarem á porta de S. Domingos, á missa das dez. E olhe, sabe vossemecê?... eu sabia quem era este e quem era o outro, Deus lhe falle n'alma... Ainda ha gente que lhe conheceu a avó na rua

dos Cabides; vivia de alcofar rascôas, não sei se me intende; e o pae d'este Roque, ainda meu sogro hontem me disse que o prenderam no pinhal da Azambuja, e o arcabuzaram no caminho, quando elle vinha preso e quiz fugir. Que, em fim, isto não é por dizer mal, vossemecê bem percebe; e Deus me livre que elle o soubesse, que era capaz de me botar a perder... Vossemecê faça de conta que eu não lhe disse isto nem aquillo... peço-lh'o pelas almas das pessoas que lá tem...

—Esteja descansado, senhor — atalhou o cuteleiro, retendo-se a custo que o não abraçasse.

O taverneiro foi chamado á tasca. Antonio Leite sentou-se rente com os caixilhos gradeados da adufa, e cravou os olhos no vulto que abrira as portadas de uma janella de peitoril balaustrado.

Era Roque da Cunha, resguardado do ar frio da tarde com um tabardo de escarlatim, debruado de pelliças com agrapins de oiro — galear hespanholado dos fidalgos em casa, indifferentes ao exemplo que o rei lhes dava, trajando no interior do paço gabões de estamenha.

Pouco tempo se deteve, recolhendo ao passo que entraram visitas. O velho encarava-o com o coração a trancos dolorosos debaixo das mãos que o comprimiam. E, emquanto o viu, figurou-se-lhe ver seu filho, ao lado d'elle, como em Madrid, quando Domingos lh'o apresentára com estas palavras: «Este é o meu amigo Roque;» e o infame dissera: «E amigo como poucos, amigo como nenhum, amigo como eu só sei ser, quando os homens cá me chegam ao coração.» E o velho, a recordar isto, via e ouvia o filho; e, por isso, os seus

olhos se afogavam em lagrimas e o coração se lhe estorcia no peito.

E, depois, apertando a fronte nas mãos, dizia entre si: Foi elle que induziu meu filho a tentar contra a vida do rei; e o desgraçado não meditou que o seu crime era imperdoavel! Porque havia meu filho de querer matar o rei a quem tantas mercês devia?... Mas... se meu filho tentava tão grande crime, porque mandou elle Bernardo a dizer-me que morria honrado?... Quem me hade dizer este segredo antes que a morte me côlha? Quem me dera saber, meu Deus, se o meu Domingos morreu innocente! se era justo o castigo, ainda mesmo que Roque o não entregasse...

Atormentado por estas duvidas, ergueu a face com afflictiva impaciencia, e olhou para a alpendrada da casa de Roque, onde estava o creado lustrando os metaes dos arreios. Impressionara-o ouvir dizer-lhe que era de Guimarães. Não o detiveram receios de poder sahir-lhe de rosto o traidor. Nem o seu plano de vingança estava ainda traçado, nem Roque da Cunha, se o visse, poderia reconhecel-o, desfigurado pelas barbas intonsas e pela maceração descarnada do rosto..

Atravessou a rua vagarosamente e acercou-se do moço que, assobiando, brunia com camurça as fivelas de uma testeira.

—Bonita peça!—disse o velho—essa obra é feita em Portugal?

—E', sim, sr.; mas o official seleiro que faz isto é inglez, e mora na rua dos Correeiros.

—Lá me quiz parecer. Tudo o que por ahi ha melhor fazem-no artifices estrangeiros.

—Isso é conforme—replicou o vimarenense. — Em

parte nenhuma do mundo se fazem ferragens melhores que na minha terra.

—Já lhe ouvi dizer que era de Guimarães ha bocado que aqui estive.

—Sou, e tenho n'isso muita honra. Sabe onde é Guimarães?

—Já lá estive; sei muito bem que lá se fabricam boas facas e thesouras.

—E boas colchas e toalhas.

—Tambem é verdade.

—E vossemecê d'onde é?

—De Traz-os-Montes. Veio ha muito para Lisboa?

—Ha vinte annos; tinha eu doze; vim para caixeiro; mas não me dei bem com o modo de vida; queria a minha liberdade; puz-me no andar da rua, e mudei de rumo. Como meu pae era ferrador, lidei sempre com bestas em pequenito, e fiquei affeiçoado áquelle officio. Fui para ferrador; mas doia-me o peito a atarracar o cravo. Mudei de rumo. Fui servir fidalgos como eguariço. Lacaio nunca fui nem heide ser, se Deus quizer. Agora estou aqui em casa d'este...

—Fidalgo?—perguntou Antonio Leite.

—Este não é fidalgo, acho eu; mas dizem que vai a isso. Podera! Pelos modos, se não fosse elle, o rei pateava... diz por ahi o povo... Então vossemecê que faz cá por Lisboa? Eu, quando o vi ha pouco, com essas barbas, cuidei que era ermitão; mas esse gabinardo parece lá da minha terra. Ainda me lembra de meu pae trazer um desse feitio... Vossemecê, pelos modos, veiu ver a corte, hein? Isto é que é terra, meu amigo! mas tenha cuidado com os tostões, se os tem, que os ladrões aqui, em lhe cheirando a gallego, como elles cá

dizem, limpam-lhe a escarcella que nem patena d'altar.

—Não hãode ir ricos...—disse o cuteleiro—Com que então ha vinte annos que vossemecê não viu a sua terra...

—E' verdade. Estive para lá ir, ha seis mezes, de mandado do amo que então eu servia... Deus se compadeça da sua alma, que já lá está bem na flor dos annos e bem desgraçadamente acabou... Estive com a troixa feita para ir levar uma carta de meu amo, que era de Guimarães ao pae d'elle...

—Era de Guimarães o seu amo?—interrompeu Antonio Leite com vehemente interesse, despercebido do criado.

—Era, era... Não me invergonho de dizer que o meu amo era o sr. Domingos Leite que morreu inforcado a 21 de agosto na forca da Ribeira... Vossemecê ficou assim a modo de aboleimado a olhar p'ra mim!... E' o que lh'eu digo. Fui criado do tal senhor que este de cá entregou á prizão... tão certo como eu ser Theotonio.

N'este ponto, o escudeiro de Roque da Cunha trouxe ordem ao cavallariço que fosse dar um passeio ao cavallo baio, que o sr. provedor não sahia de tarde.

O criado recolheu-se com os arreios. Antonio Leite entrou na taverna, e, reclinando-se no catre, começou a gizar o traçado da sua vingança.

XIII

Do plano delineado é melhor esperarem a execução as pessoas impacientes de desenlaces subitos n'estas historias tão murmuradas de futeis. Ninguem quer deter-se a escutar o borborinho das labaredas que queimam os corações. As delongas psycologicas malsinam-se de enfadonhas. Um leitor de novellas presume-se benemerito de que a naturesa se desintranhe em peripecias tragicas para recreio de suas horas de ferias em labutações gananciosas. Pois mortifiquem-se, prestem a sua paciencia á narrativa de obscuras dores que lhes servem de illudir os enfados da ociosidade.

No dia seguinte, assim que Roque da Cunha sahiu para a casa da India, o cuteleiro foi assistir á limpeza dos cavallos. Logo que uma entreaberta se lhe occasionou, prendeu a pratica interrompida, na vespera, pelas ordens do escudeiro.

—A respeito de seu amo, que morreu na forca — disse Antonio Leite — ouvi contar que elle tinha mulher e uma filha.

—Tinha sim...

—E que é feito d'essa gente?

—Vossemecê conhece o rei?—disse-lhe o criado ao ouvido.

—Se conheço o rei? Nunca o vi.

—Pois eu já o vi; mas não o conheço... Queria eu dizer-lhe, meu velho, que, se conhecesse o rei...

—Não o percebo...—volveu Antonio Leite inquieto, mas reportado ao dever da mais dissimulada serenidade.

—Homem! ha coisas que não se dizem, que as paredes tem ouvidos, e n'esta casa é necessaria toda a cautella, percebe-me?

O cuteleiro açamou os impetos da curiosidade, e não provocou explicações.

Volvidos alguns minutos, disse o velho:

—Vim á capital para ver estas grandezas, e vou para a minha terra sem ver nada, por que não as sei procurar, nem conheço ninguem que me guie.

—E vossemecê que queria vêr?

—Eu sei lá, sr. Theotonio!

—Quem lhe disse o meu nome?!

—Foi vossemecê quando hontem disse que fôra creado do tal Domingos Leite Pereira tão certo como ser Theotonio... Então que ha que ver em Lisboa?

—Eu lhe digo... como se chama vossemecê?

—Antonio.

—Por muitos annos e bons. Pois eu lhe digo, sr. Antonio; vá dar um passeio até aos outeiros de Nossa Senhora da Graça, do Carmo, das Chagas e de Santa Catharina. Já viu o Rocio e o Terreiro do Paço, onde está o palacio do rei? E, sahindo pelos Moinhos de Vento,

pelo Val da Annunciada até Andaluzes, isso é que é lindo, principalmente se um homem lançou a fateixa na tasca do Vêsgo, e com duas mãos de carneiro, faz lastro a dois tragos bons de vinho da Labrugeira. São os meus passeios ao domingo de tarde, ou á horta do Chinquilho em Enxobregas. Ahi o vinho é de Pèramanca; é uma pinga que puxa pela pescada marmota, e a engole que nem olho-marinho...

—Ora ahi está onde o sr. Theotonio hade ir merendar commigo ámanhã que é domingo!—disse com alegre aspeito o velho, dando-se uns tregeitos de bom regalão em regabofes de bodega.—Está dito?

—Está dito. Eu peço hoje licença ao patrão, e pago ao ajudante do cavallariço do chanceller para elle me cuidar dos cavallos. Nós vamos d'aqui depois de almoço, embarcamos no postigo de Alfama, e navegamos Tejo arriba até ao Beato. Ahi vamos saber como passa um amigo Carcavellos que vossemecê não conhece...

—Não conheço...

—E' um maganão que se nos mette no bucho e trepa logo ás aguas furtadas. D'ahi até á horta do Chinquilho vai a gente por seu pé, quando não vai no espinhaço dos amigos. Depois, damos fundo no porto do paio do Alemtejo, e ahi, sr. Antonio, quero vêr se um transmontano faz dar o vinho pela barba a um minhoto.

—Até onde chegarem seis crusados!—accrescentou o cuteleiro, puxando a esforços dolorosos umas risadas seccas como se lhe fosse preciso engulir lagrimas candentes.

—Com seis crusados, amigo Antonio, lhe dou eu doze brodios que vossemecê hade ir d'aqui dizer lá na

terra que não ha cidade como Lisboa para quem tem seis crusados!...

Ás onze horas do domingo aprazado, o moço de Roque da Cunha visitava no Beato o encarecido Carcavellos, que o não deixou mentir. D'ahi até Enxobregas, o braço de Theotonio cingia com a mais terna intimidade o pescoço de Antonio Leite.

Em quanto se lourejava um leitão de forno, os dois parceiros, de braço dado, posto que a folhagem do arvoredo esvoaçasse despegada pela ventania, andaram ganhando em longo passeio vontade ao jantar. A intervallos, o pai de Domingos Leite, descuidando-se do artificio com que respondia ao contentamento do companheiro, quedava-se fito na contemplação de si mesmo, e as lagrimas borbulhavam-lhe nas palpebras. Theotonio, se dava tino da mudança, queria saber a rasão d'aquella casmurrice, e tanto instou que o velho, por não ultrajar a sua propria dôr com a mentira, disse que lhe lembrava a miudo um filho que lhe morrera.

O criado de Roque da Cunha condoeu-se d'aquella saudade, e ensinou ao triste pai que o melhor remedio contra as paixões era beber a fróxo, dando-se como exemplo de ter sahido vencedor, pelo systema recommendado, em todas as batalhas com o diabo, pai da melancolia.

—E' verdade—accrescentou elle—que não ha nada mais forte que a paixão de um pai pelos filhos! Eu não tenho nenhum, em boa hora o diga; mas hei visto casos n'este mundo, e sei de um, que tambem cá me faz chorar no interior, quando me lembra. Se vossemecê visse o amor que tinha meu amo, o sr. Domingos Leite, á filhinha! Como elle uma vez chorava abraçado n'ella...

Vi-o eu, na vespera do dia em que fugiu. Ouvi tudo que então elle disse á mulher... Ai! se eu quizesse fallar!... Se eu não tivesse medo que me esganassem com dois palmos de corda, como por ahi fazem sem medo de Deus nem do diabo!... Toca a beber! reine o pagode! (1) Vamos ao leitão, amigo Antonio, e deixe lá seu filho, que foi adiante de vossemecê mais um dia ou dois; que a final, n'estas boas ou más andanças, todos chafurdamos de cabeça a baixo na cova. Este mundo é uma bola que rebola sempre! Quem me diria a mim aqui ha tempos que, dentro em seis mezes, meu amo seria enforcado, e eu estaria a servir o amigo d'elle... que o levou á forca como eu o levo aqui a vossemecê com este braço pelo pescoço á laia d'amigo!... Homem!—exclamou com transporte e parando em frente do velho.—Eu abro-me com vossemecê, porque tenho cá dentro umas idéas a ralarem-me, e nunca as disse a ninguem, porque não me fio no mais pintado. Ás vezes, quando oiço certas coisas, parece que arrebento! Eu queria poder subir a uma torre das mais altas de Lisboa, e berrar d'ahi que todo o mundo me ouvisse, e depois sumir-me nas profundas ou voar por esses ares fóra!

Com estes e outros vagos dizeres em que o enthusiasmo escurentava a clareza das idéas, chegaram á taverna do Chinquilho, e abancaram, face a face, com o leitão e a travessa da alface de permeio. A iguaria succedeu ser uma tão dilecta do cavallariço de Roque da

(1) Não se cuide que a exclamação: «reine o pagode!» é de construcção moderna. No sentido que Theotonio a usava, a empregaram, anteriormente, Fernão Rodrigues Lobo Soropita, e simultaneamente D. Francisco Manuel de Mello nos *Apologos*.

Cunha, que, em honra d'ella, as emborcações do Pêramanca desde o exordio do jantar promettiam desobstruir-lhe interiormente os canaes por onde as coisas que elle dizia abafar na consciencia não podiam escoar-se até á lingua.

Muito de industria, Antonio Leite, durante o jantar, se cohibiu de lhe dar azas a fallar de seu antigo amo. O velho, como visse gente a entrar e sahir, temeu que alguma palavra a respeito de Domingos Leite prendesse a curiosidade de estranhos, quando já a lingua do creado ébrio não se refreasse.

Concluido o jantar, metteram-se a caminho de Lisboa, por caminhos transversaes e mais solheiros, afim, dizia Theotonio, de poderem dar trela á lingua, sem mêdo de olheiros e testemunhas.

—Vossemecê é um homem honrado!—dizia o moço, firmando-se nos cabeções do gabardo de Antonio Leite—E' ou não é?

—Tenho-o sido, e espero em Deus morrer honrado.

—Eu sou seu amigo: mas não cuide que o sou por que vossemecê me pagou o jantar.

—Não me falle no jantar. Eu é que lhe devo o favor de me ajudar a passar um dia satisfeito; e espero que teremos assim muitos.

—Isso hade ser quando eu deixar a casa do Roque. Não posso ter alegria em quanto estiver ao serviço d'aquelle... picaro! Quando me lembro que foi elle quem entregou meu amo... raios me partam, se me não dão ganas de o coser a facadas! Vossemecê, se conhecesse o sr. Domingos Leite, chorava por elle!...

Theotonio passava pelos olhos o canhão da vestia, e

Antonio Leite deixava rolar quatro a quatro as lagrimas.

—Quer saber?—proseguiu elle estimulado pelos signaes de extrema sensibilidade que o ouvinte lhe dava—Meu amo, quando fugiu, deixou cá a mulher. Intende? A mulher, d'ahi a pouco, poz na rua todos os criados que a serviam, menos as criadas. Eu andava embeiçado com uma d'ellas, e sabia tudo que se passava. Depois, sahiu de casa, e foi viver á beira do palacio de Alcantara, amigando-se com o rei. Vossemecê percebe agora a rasão por que meu amo quiz matar o rei? Elle veio cá d'uma vez para levar a filhinha, que adorava; a mulher, assim que o soube, pediu ao rei que o mandasse prender, por que tinha medo que elle a matasse. A Juliana (que era a tal criada) contou-me a chorar que a sua ama era uma vibora contra o marido. Elle tornou a fugir, e passado tempo é agarrado, e d'ahi a poucos dias... inforcam-no!

—Eu cuidava—disse com serena compostura o velho—que Domingos Leite viera enviado pelos castelhanos matar o rei, como dizem uns papeis que se vendem nas ruas. O pae d'esse infeliz quando souber que seu filho se perdeu por tal causa, deve pedir a Deus que lhe perdôe com mais confiança na justiça divina. O crime de seu amo já vejo que era menor do que se diz; mas o de Roque da Cunha, que sabia todos os segredos do seu amigo, esse é que é muito grande. Eu, se fosse o pae de Domingos Leite, matava esse traidor.

—Ora coitado do velho!—disse Theotonio—O pae de meu amo é um cuteleiro da rua de Infesta. Ainda me lembro d'elle. Era mais homem que vosse-

mecê, e diziam lá que onde elle botasse a mão era alma que cahiu no inferno. Mas agora deve de estar muito acabado e talvez tenha morrido de desgosto. Eu já estive para lá ir!... Que vou lá fazer! Vêl-o chorar, sem lhe dar remedio... Mas, quanto ao Roque, olhe que Deus não dorme... Mais dia menos dia, o fim que elle hade ter não o tenham os meus inimigos. Deixe que elle agora vae casar com uma ricassa da rua dos Vinagreiros... Póde ser que o castigo comece então...

—Ou antes...—murmurou Antonio Leite, sem impressionar o interluctor—E a mulher e a filha de seu amo, sabe vossemecê que fim tiveram?

—Disse-me a Juliana que sahiram de repente em calleça para este lado d'aqui: mas onde as levaram ninguem por ahi o sabe. O que sei é que o sr. Cavide as mandou sahir á ordem d'el-rei.

A noite d'aquelle dia colheu-os ainda em conversação na rua dos Anjos. Theotonio, inteiramente acalmado dos calores da digestão, receou ter abusado da lingua, e pediu com juramento ao companheiro que se esquecesse de tudo que lhe ouvira. Antonio Leite apertou-lhe a mão com transporte, e disse-lhe:

—Juro-lhe pela alma de Domingos Leite que vossemecê não se arrependerá da confiança que depositou em mim.

XIV

Por que maneira Antonio Leite effectuaria o commetimento de matar o traidor não o sabia elle; mas a certeza de o matar entranhara-se-lhe tão funda na consciencia do dever, que o acto e a occasião lhe pareciam o menos importante do plano.

Quando chegou a Lisboa, o designio era encontral-o rosto a rosto, na rua, apunhalal-o, e esperar que o aguazil o entregasse ao algoz.

Porém, a interposição de dias, e talvez, o aspecto e organisação da grande cidade que pelo commum acanha os mais valentes no sertão das provincias, modificaram o proposito desesperado, temperando-o com o sangue frio da vingança reflectida. Póde ser que duas razões ainda mais poderosas actuassem no animo do artifice: uma a esposa, que elle deixara retranzida de angustias; outra, a esperança de haver ás mãos a sua netinha.

Como quer que fosse, Antonio Leite via Roque da

Cunha tres e mais vezes por dia. Espreitava-o atravez da adufa com a fixidez da fera na leoneira. Crispavam-se-lhe os olhos, estrallejavam-lhe os dentes; mas Roque da Cunha não soffria quebranto com aquelles olhares.

A convivencia do cuteleiro com Theotonio estreitara-se desde o jantar de Enxobregas. Já o velho se recolhia ao quarto do criado, no fundo da cocheira, e ahi passavam os dois muitas horas do dia. A's vezes, Roque da Cunha, antes de almoço, descia á cavallariça a ver os cavallos, a affagal-os e a examinar a limpeza das ferragens; e acontecia estar então o cuteleiro no quarto do criado, e espreitar pelos resquicios da porta a cara de Roque muito achegada ao tabique. Uma vez apparecera de repente na soleira de uma porta lateral que abria para o pateo interior. Antonio Leite estava meio escurecido pela sombra de uns lençoes de palha postos em mêda. Roque divisou-o e perguntou ao creado:

—Quem é aquelle homem?

—E' um velho que me ajuda ao serviço em quanto não chega o Romão.

—Se elle sabe d'isto, é melhor justal-o.

E deu alguns passos na direcção do cuteleiro, palmeando as ancas dos cavallos.

—E' chegada a hora!—disse entre si o pae de Domingos Leite, empunhando o cabo da faca.

No entanto, o terceiro cavallo, quando sentiu inesperadamente a palmada na anca, recolheu-se convulso, espirrou um bufido estridente, fez um corcovo contra a manjedoura, e alçando-se nas patas dianteiras, pregou um couce de raspão no quadril direito do dono. Roque retrocedeu a coxear, praguejando contra o ca-

vallo, e promettendo esmurraçar quem lh'o vendêra. E claro é que não mais se lembrou de ajustar o criado da estrebaria.

Dizia Theotonio ao velho:

—Vossemecê que respondia, se o Roque lhe perguntasse quanto queria ganhar?

—Para lhe não mentir, meu rapaz, não sei o que lhe responderia. Quando elle me perguntar isso, veremos então o que respondo.

O criado, que não pespontava na decifração de enigmas, fez nenhum caso da resposta abstruza.

Activavam-se os preparos do casamento de Roque. A noiva, com seu irmão, já tinha ido anticipadamente visitar o noivo em sua casa, ver a disposição interior da mobilia, corrigir certa ordem que é do alvitre de senhoras regularisar; emfim, o provedor das especiarias, enlevado no zelo e graça com que a sua futura dispunha e afoufava o ninho dos seus amores, dizia de si comsigo que a sua epoca de felicidade principiara n'aquella hora.

Quando ella sahiu pelo braço de Roque da Cunha com o irmão ao lado, Theotonio foi ter com Antonio Leite ao seu quarto, e disse-lhe com o sobrecenho de um incredulo em influencias providenciaes:

—E o caso é que a noiva é linda! Ora veja! Esta laia de patife topa uma mulher bonita e rica, depois de velho e carregado de crimes! Se um rapaz honrado a fosse pedir, talvez lh'a negassem! Diga-me lá como se intende isso que dizem os prégadores! Os infames arranjam a sua vida como Roque da Cunha, e os honrados morrem no patibulo como Domingos Leite. Sabe vossemecê que mais? bolas!

—Amigo Theotonio—admoestou o velho—não faça juizos temerarios. Ainda lhe não chegou a hora a Roque da Cunha. Espere. Dê tempo ao tempo.

—O' meu amigo... o mal que hade vir a elle...

—Não o queiras para ti, rapaz! — concluiu Antonio Leite pondo-lhe a mão no hombro.—Deixa-me dar-te o *tu* que lá nas nossas provincias os velhos como eu dão aos moços como tu. Rapaz, ouve o que eu te digo: Roque da Cunha está condemnado á morte.

—Vossemecê que me diz? condemnado á morte! não o intendo, assim me Deus salve! quem o condemnou á morte?!

—Foi esse velho que tu conheceste em Guimarães, na rua da Infesta, o cuteleiro Antonio Leite.

—O pae de meu amo?

—Sim, o pae de teu amo, que te abraça em nome de seu filho, por quem tu choraste uma lagrima.

E abraçou-o com arrebatamento estremecido.

XV

No dia 21 de outubro, quando prefazia dois mezes que Domingos Leite fôra justiçado, Antonio antes que rompesse a aurora, foi ao largo da Ribeira, e orou de joelhos ao pé da forca, ainda erguida. Em seguida, evitando o reparo dos transeuntes, voltou a sua casa, fez contas com o estalajadeiro, agradeceu-lhe a boa hospedagem, sahiu e entrou na cocheira de Roque da Cunha, logo que Theotonio abriu a porta.

A resolução com que Antonio Leite se erguera depois de uma noite mais attribulada, era matar Roque da Cunha antes de cazado, por que lhe pungia a consciencia chegar com a punhalada ao coração de uma viuva, de uma mulher que não devia soffrer por causa da infamia de Roque. Resolvêra, pois, matal-o n'aquelle dia, por qualquer forma, em qualquer occasião, visto que, no dia seguinte, se devia celebrar o casamento.

Theotonio, apenas o viu, chamou-o ao seu quarto, e segredou-lhe:

—Grande novidade, sr. Antonio Leite!...

—Que é?

—Cazam hoje.

—Hoje?

—As dez horas. E' o que me veiu agora dizer o escudeiro. Eu enganei-o a vossemecê por que intendi mal o que tinha ouvido dizer antes de hontem a um criado da noiva. Já recebi ordem para ir alugar o coche que hade levar o Roque á igreja. Hade aqui estar ás nove horas em ponto. E agora? Vossemecê quer aqui ficar, ou sahe?

—Vai, que eu espero que tornes—disse Antonio Leite muito absorvido.

O criado sahiu. E o cuteleiro, com a fronte amparada nas mãos, meditou lances exasperados. Escaldoulhe o cerebro o arrojo de galgar as escadas, e procurar Roque no interior da casa que não conhecia. No afôgo d'esta allucinada entrepreza, dois cavallos travaram-se a dentadas, rifando e escouceando com grande estrondo nas vallas de madeira que os separavam. Abriu-se a porta do primeiro patamar, e deu Antonio Leite fé que desciam passos velozmente a escada.

Era Roque da Cunha attraido pelo estrupear dos cavallos.

Entrou fallando ás bestas, e, pegando de uma vara, castigou-as; depois, relançando acaso a vista ao quarto do criado, entreviu o homem que dias antes vira. Acercou-se da porta e bradou:

—Estavas ahi, besta, e não apartaste estes cavallos! Que fazes aqui? Põe-te já na rua, tratante!

—Eu vou sahir, sr. Roque da Cunha;—disse o cuteleiro sahindo um pouco fora do quarto—mas devo pri-

meiro dizer-te, infame, que o pae de Domingos Leite Pereira não pode ser o teu criado de estrebaria.

E, ao proferir as ultimas palavras, fez-lhe um pulo de tigre, remessou-lhe ao ventre a faca, e com tal impulso que venceu a distancia que Roque da Cunha ganhára recuando. O moribundo levou as mãos ao ventre, rugiu um grito rouco, e cahiu de bôrco, batendo com a cara no lamaçal que os cavallos escarvavam. O vingador, suspeitando ainda que a facada não fosse fatal, repuxou-o para o ladrilho, sacudiu-o e voltou-o com prezas de aço, dobrou o joelho, carregou-lh'o sobre o estomago; e, como o ouvisse ainda resfolegar, e lhe visse o tremor das pupillas, bradou-lhe, curvando-se-lhe sobre o rosto:

—A estas horas, faz hoje dois mezes, que meu filho morreu inforcado!

Roque da Cunha ringiu os dentes espumantes, e arrancou da vida, soluçando um suspiro estertoroso.

Antonio Leite metteu a faca na bainha, sahiu da cocheira com exterior placidez, e percorreu sem estugar o passo todos os beccos e ruas que na vespera andára examinando, desde a rua dos Anjos até á estrada da Portella, por onde entrára em Lisboa vinte e dois dias antes.

Caminhava elle ainda na rua dos Anjos, quando os cavallos arrifaram outra vez, e se levantaram a couces, resfolegando bravamente, com as clinas eriçadas: é que farejavam o sangue escorrido do ventre lacerado do cadaver.

O escudeiro, ouvindo agora o estrondo que não tinha ouvido á primeira lucta das bestas, procurou o amo para o avisar; e, como o não encontrasse, desceu

á cavalhariça, cuidando que Roque já lá estaria. Ao ver seu amo por terra, deitado sobre o dorso, e com o rosto salpicado dos escrementos que os cavallos saccudiam das ferraduras nos impetos das pernadas, lançou-lhe as mãos aos braços, e levantou-o para si, cuidando que os cavallos o derrubaram a couces. N'este comenos, entrou Theotonio, e exclamou, vendo o escudeiro com o amo pendente dos braços:

—Que foi isto?!

—Ajuda-me a levantar o amo... Isto foi coice que lhe deu no peito... Ainda está quente, mas já não respira... Acho que está morto... Eu não lhe vejo sangue...

—Vejo eu!—disse o creado.—O sangue escorre-lhe a fio. Já empoçou no chão... Está morto—confirmou Theotonio apalpando-lhe o coração.

—E agora?—perguntou o escudeiro espavorido—que se hade fazer?!

—Eu vou a casa do sr. chanceller... Não podemos tirar d'aqui o morto sem que venha o corregedor...

—Quem o mataria?—perguntou o escudeiro.—Vossê não desconfia de ninguem, Theotonio?

—Eu de quem heide desconfiar, homem! Nem pensemos agora n'isso, que é perder tempo. Dê-se parte á justiça, e ella que procure... E será bom mandar parte á noiva, não acha vossê? Homem! hoje são 21 do mez, não são? Faz hoje ao certo dois mezes que morreu na forca o tal malvado que o nosso patrão denunciou; e hoje... vossê não vê isto? Olhe que morreu á mesma hora!...

Feitas as reflexões chronologicas, que exprimiam mediana perturbação da parte do cavallariço, ia elle a sa-

hir ao mesmo tempo que parava o côche em que Roque da Cunha devia ser pomposamente conduzido á igreja.

De um angulo a outro da cidade divulgou-se a noticia do assassinio mysterioso de Roque da Cunha. A coincidencia dos dias 21, e o estar para matrimoniar-se n'esse dia o assassinado, alimentavam a palestra dos grupos apinhados na rua dos Anjos, depois que a justiça, lavrado o auto, mandou levantar o cadaver emboldriado em sangue e lama. A explicação mais plausivel e seguida era que Roque da Cunha fôra victima d'algum sicario enviado de Hespanha a vingar Domingos Leite. Dizia-se tambem que a mulher do inforcado mandára assassinar o denunciante. Os propagadores d'este boato asseveravam que ella fugira para Castella. Alguem affirmava, n'outra mó de povo, que a morte de Roque era obra dos parentes da familia do padre Luiz da Silveira. Finalmente, attribuia-se tambem o caso a influencia do general Mathias de Albuquerque, o qual em 1641 havia sido insultado por elle quando iniquamente o prenderam como faccionario do marquez de Villa Real, na torre de Outão.

Sem impedimento das varias atoardas, os dois creados soffreram demorados interrogatorios. A suspeita não podia ferir o moço da cavallariça, que chegava de fóra, quando achou o escudeiro a levantar o morto; entretanto, como se espalhou que Theotonio havia sido creado de Domingos Leite, e o escudeiro tinha em favor da sua probidade o abono de pessoas que servira, foi o outro sómente recolhido a segredo, para averiguações, que não se fizeram.

Volvidos poucos dias, deram-lhe liberdade quando

elle esperava ser posto a tormento. Ninguem apparecêra a inquirir da justiça o resultado da devassa, nem a instigal-a. Roque não tinha parentes conhecidos, nem amigos que se inquietassem a descobrir o assassino. Alguns que o frequentavam, por causa da especiaria que lhe condimentava a importancia, queixavam-se de lhe haverem adiantado valiosas quantias. Raros lhe acompanharam a tumba á igreja, e não constava que a noiva arrancasse as madeixas, ao receber a noticia do desastre, quando se estava toucando.

Desde o soberano até aos quadrilheiros da corregedoria ninguem mostrou inquietar-se com a morte do sujeito, um mez antes acclamado pela gentalha. Antonio de Cavide, que tinha occulo de profunda mira sempre assestado ao coração d'el-rei, ao dar-lhe a noticia, accrescentou:

—Será difficil saber quem matou Roque. Este homem, que provou a mão homicida no jurisconsulto Barbosa de Luna, e depois d'isso, como vossa magestade sabe, foi augmentando os inimigos á proporção das façanhas, devia ter muitos a meu vêr. Quem quer que fosse o matador, não devia ser pessoa muito limpa, visto que fez da esterqueira da cavallarice a ara do sacrificio.

O rei não sorriu, e cortou a pratica. Era-lhe penosa. Entre dois cadaveres—o do justiçado e o do esfaqueado—surdia-lhe a formosa imagem de Maria Isabel. O que D. João IV ordenava, com o seu silencio, e sobrecenho aborrecido, era que não se fallasse mais em Roque na sua presença, nem a justiça désse ansa a que o povo inventasse hypotheses.

A curiosidade publica descahira na usual indifferença,

quinze dias contados na transmigração, qualquer que fosse, da alma de Roque. Fr. Francisco Brandão, o chronista-mór, d'esta feita não fez miraculosos confrontos entre o assassinado e o advogado da peste.[1]

A esse tempo, já o cuteleiro dirigia os lavores da sua officina com o socegado semblante de quem cumprira um dever, e esperava altivamente a sentença dos homens, e humildemente a de Deus. Era um homem de tempera d'alma rija como a do braço. Em meio dos seus officiaes, lidava incessantemente, e mais afervorado que nunca. Se lhe diziam que descançasse por que já não tinha filho a quem legar o producto das suas fadigas, respondia que tinha uma neta, e esperava que a bondade de Deus, rogada pela alma do pae, lh'a mandasse, mais cedo ou mais tarde.

[1] Veja a *Nota final* do REGICIDA.

XVI

Retrocedamos.

A prelada do mosteiro bragantino, ouvidas as confidencias do vigario geral, recolheu á sua casa, e chamou as freiras mais qualificadas por nascimento e juizo. Observou-lhes que tanto o ouvidor como o respeitavel clerigo a tinham convencido da demencia do frade, resultante da paixão de lhe inforcarem o sobrinho.

—Sem duvida—ajuntou ella—Maria Izabel é a viuva do desgraçado Domingos Leite; mas, tão innocente era no crime do marido, que sua magestade, afim de a salvar de algum insulto do povo, ordenou secretamente por terceiras pessoas o ingresso da desventurada senhora n'este mosteiro. Recommendo pois ás minhas amigas que se hajam caridosamente com Maria Izabel, tanto por que é inculpavel na perversidade do marido de quem já vivia apartada, como em attenção á vontade d'el-rei e ás pessoas que o representam com as re-

servas necessarias em tão melindrosa conjunctura.—E, concluindo, disse:—Eu sou a primeira a dar o exémplo. Vou d'aqui á cella de Maria Izabel; e, depois que eu sahir, peço que não tenham duvida em acceitar commigo a missão de consolar uma desgraçada.

Maria Izabel, prostrada no leito, e mal recobrada ainda do deliquio em que a transportaram da casa capitular, olhava silenciosa para Angela. A menina encostada á cama, tiritava de medo, como se ouvisse e visse ainda o frade a repuxal-a vertiginosamente pelo braço.

—Filha! — murmurava a mãe, affagando-lhe a face com a mão ardente e tremula.

—Minha mãe... — dizia Angela, aconchegando-se d'ella.

E nada mais. A mãe não tinha que dizer áquella criança de sete annos. A filha não sabia expressar o pavor que a enregelava.

—Ai!... se eu te morro, minha querida filhinha!— exclamou Maria sentando-se no leito, e sacudindo da fronte os cabellos com afflictos gestos.—Que hade ser de ti... se eu morro!...

A menina punha o rosto sobre a cama, e chorava.

—Não tens ninguem n'este mundo... — tornou ella, estorcendo os braços, enclavinhando as mãos em postura não de supplica, mas de desesperação.—Ninguem! ninguem!

—O meu pai morreu, não morreu, minha mãe?— perguntou Angela com o acanhamento do medo.

Maria fitou-a de golpe, e desviando logo a vista com impeto, bradou surdamente:

—Jesus!... Jesus!... quem me dera a morte!...

. Durou duas horas este lance indescriptivel, alternado de desmaios, de gritos abafados com as roupas, de soluços da creança, de intercadencias mudas, e aquelle ouvir dobrar a finados no convento de S. Francisco onde chegára o cadaver do frade!...

. Tirante a criada que servia a recolhida, ninguem lhe entrára a cella, nem as freiras velhas permittiam que lá fosse alguem, emquanto a abbadessa não voltasse da grade. A' sua propria criada havia dito desabridamente Maria Izabel que a deixasse só, que a deixassem todos morrer.

Entrou, porem, a criada, avisando que a sr.ª dona abbadessa a procurava.

Maria sentou-se na cama, compoz o desalinho dos vestidos, e estremeceu na perspectiva das affrontas que ia escutar com a submissão de mulher aviltada e desvalida.

Aproximou-se a prelada, acariciou a menina, e fez signal á criada.

—Vai com esta menina até minha casa, entretem-a por lá, até que eu te mande chamar.

Maria Izabel lançou mão da filha e exclamou:

—Quer tirar-m'a?!

—Não, sr.ª D. Maria. Não seja precipitada. Consinta que sua filha, que já tem sete annos, me não estorve de lhe fallar sem rodeios nem equivocos. A menina vai, e volta já.

—Vai, minha filha—assentiu a mãe ainda receosa; mas obrigada pelo semblante sincero da abbadessa.

Sahiu a creança, voltando-se duas vezes a olhar para a mãe.

A prelada acompanhou-a até á porta; e, voltando a

sentar-se ao lado do leito, disse com pausada brandura:

—Deve estar persuadida que a odiamos pelo triste acontecimento que se deu. Engana-se, sr.ª D. Maria. N'esta casa não ha odios. E, se os ha, por que o demonio em toda a parte os introduz, decerto aqui não vatem contra pessoas tão grandemente mortificadas como a senhora. Quando o cadaver d'esse frade hallucinado sahio do convento, fui eu chamada á grade pelas duas pessoas que me preveniram da vinda da sr.ª para esta casa, sem me prepararem com as antecedencias que me contaram agora. Já não ha segredos para mim. Sei tudo, e compadeço-me da sua sorte, respeito-a na sua desgraça; mas não a louvo. Como nunca me pareceu invejavel a sorte das mulheres que expiam na clausura a vaidade de serem amadas dos soberanos, tambem as não louvo pela culpa que as obriga a esconderem-se dos olhos do mundo. Quem se recolhe a estas casas, depois de ter tido um desvio da estrada do dever, ou vem á força, ou vem chorar e remir peccados. Em nenhum dos casos é louvavel, salvo se as lagrimas do arrependimento lhe lavaram os ferretes do rosto. Não cuide que a venho accusar, sr.ª D. Maria Izabel. Pelo contrario, acabo de prohibir que n'este convento seja accusada. Aqui ninguem sabe o que eu sei a seu respeito; mas sabem todas, a estas horas, que as accusações feitas pelo tio de seu malfadado marido são calumnias forjadas pela demencia. Egualmente sabem todos que a consorte de Domingos Leite não é cumplice nos desatinos d'elle. Tudo mais se ignora, e é necessario que esta ignorancia continue. Venho, portanto, animal-a, confortal-a e pedir-lhe que não se considere sem amigas, quando as precisar.

Maria Izabel apertou e beijou a mão que se lhe offerecia, balbuciando commovida:

—Obrigada, sr.ª D. abbadessa... Eu não viverei muitos dias; mas peço a caridade de V. S.ª para minha filha, que não tem amparo algum em lhe eu faltando.

—Não faltará tão cêdo:... e, se por infortunio faltasse, a sua filha seria adoptada por nós todas. Mas o que nós queremos é que a sr.ª D. Maria Izabel, depois de pagar á fatalidade da sua viuvez de tal marido o tributo das lagrimas vertidas com justificados motivos, se volte para Deus, e lhe peça a luz da graça que lhe hade alumiar a estrada liza e segura do futuro. Se na sua alma ha saudades e paixões, espere que o Senhor lh'as vá mudando em esperanças d'outra vida e desenganos d'esta. Por quanto, minha filha, ha menos que esperar dos reis que d'Aquelle perante o qual os reis são mais severamente julgados que os infimos homens. Eu recolhi na memoria todas as historias antigas que ouvi a meus paes e avós: elles sabiam todos os casos de amores illicitos dos antigos reis; e não sabiam de um só em que ás pobres e illudidas mulheres não coubessem por sorte a soledade do mosteiro, e a privação até dos filhos que eram creados para brilharem no mundo em quanto ellas eram afastadas d'elles, e sumidas nos claustros para que os filhos não se envergonhassem de ver taes mães. Não lhe tocarei mais n'este amargo assumpto, a não ser para lhe pedir que não queira morrer, visto que me não consta que alguem se queira desquitar da vida, quando as mulheres apaixonadas se namoram da morte; e os reis então, esses não podem morrer de paixão, ainda que o desejem, por que devem sua vida ao paiz que os adora.

A prelada sorriu como se tivesse quinhão na herança dos seus tres ou quatro avoengos, avençados com as muzas da delicada mordacidade. Maria Izabel a par e passo que a prelada affeiçoava em sonoras e maviosas palavras os sentimentos de um espirito recto e benigno, sentia-se immergir de sua lethargia, e respirar ambiente de vida nova. Se a paixão pelo rei lhe fosse n'aquella hora a frecha mais pungente, naturalmente os dizeres da prelada acerbar-lhe-hiam a saudade; mas a sua afflição tinha garras mais lacerantes: um abysmo sem fundo, a evidencia da queda irremediavel, a ignominia por cima de tudo, e uma filha adorada a receber na fronte o stigma de sua mãe accusada de lhe haver matado o pae:—esta é que era a horrendissima situação da viuva de Domingos Leite, quando a prelada lhe entrou na cella.

Quanto a saudades e amores, não lizongeemos a memoria de D. João IV. Maria Izabel apenas se lembrava d'elle para lhe dar a primasia no rol dos infames que a perderam, identificando-o n'um grupo de personagens negros em que avultavam o padre Luiz da Silveira, o rutião Cavide e Roque da Cunha. Amal-o? Porquê? Ella despira-o das insignias reaes: vira-lhe a alma na desnudez de sua ignorancia, na esterilidade da educação grosseira, poida do attrito de paixões carnalissimas, em que o duque, no paço de Villa Viçosa, não levava a palma da nobreza aos seus eguariços e azemeis; ouvira-lhe as confidencias de baixos conubios com as actrizes hespanholas, que D. Luiza de Gusmão expulsára do recesso do seu palacio; presentia que o devasso, já ferido da gota e queixoso da ruim secreção dos rins, aguçava os estimulos da lascivia com as historias lubri-

cas dos seus trinta annos; sentia-se nos braços d'elle tão materia, tão despoetisada, que nem pelo coração, nem pelos sentidos, nem pelas pompas se dava por paga do serviço a tal amante. Amal-o! porquê? Não a mandou elle sahir de sua casa, por um emissario de catadura ameaçadora, dentro em duas horas, como quem despede uma creada já paga de antemão pela honra de servir ao sêvo de um cerdo enroupado de escarlata e arminhos! E expulsal-a de sua presença, sem uma expressão de dó, sequer hypocrita, sem uma promessa, sem uma dissimulação de piedade. Ingolphal-a nas estranhezas horriveis de um mosteiro, rodeada de curiosidades insultantes; sob-pôl-a ás injurias d'aquelle frade, mais desamparada que a derradeira meretriz de um lacaio! E, por fim, matar-lhe o marido, e dizer ao mundo: ahi tens a viuva e a filha do inforcado! Não a mates, mas cospe-lhe na cara a infamia do marido; não lhe mutiles as mãos, mas consente que ella se despedace com as proprias unhas; não lhe amputes a cabeça em estrado alto; mas subverte-a sob as abobadas negras e mudas de um mosteiro, e deixa-a morrer para ahi, fibra a fibra; e se ella, no escabujar do delirio, estrangular a filha, applaude tu, ó sociedade, a justiça de Deus, que unge os reis, e collabora com elles!

Amal-o? Como poderia amal-o a viuva de Domingos Leite, se aquella creança, cravando-lhe os seus grandes olhos regorgitados de lagrimas, lhe perguntara duas vezes se seu pai fôra inforcado!

XVI

Tres mezes se esquivou Maria Izabel a sahir dos seus aposentos, tirante as horas passadas no confessionario e no recanto mais sombrio do côro, assistindo aos actos religiosos. Angela, constrangida á reclusão, era simultaneamente inlevo e agonia da mãe. Uma vez, a creança, com uma fixidez de olhar profundo nos olhos da mãe, perguntara-lhe:

—Porque mataram meu pae?

Maria Izabel avincara a testa, e volvêra o rosto.

—A mãe zanga-se commigo!—tornou a menina, com as lagrimas a resumarem.—Eu era tão amiga d'elle!... Chorou tanto a ultima vez que o vi!... Lembra-se... quando elle queria levar-me comsigo, e eu...

—Tu querias ir, Angela?

—Queria... mas a mãe chorava... tive pena... e o pai deixou-me... Nunca mais o vi... Aquelle frade disse que elle foi inforcado... e eu já ouvi dizer a umas senhoras no dormitorio que eu, quando fosse maiorzinha, e soubesse que meu pae morrera assim... havia de estalar

de dor... Foi o que ellas disseram hontem, quando eu estava a pedir pela alma de meu pai ao Senhor Crucificado, que está no fim do corredor. A mãe não soube que elle ia morrer? se soubesse, podia pedir por elle ao rei, não podia? O rei fazia-me tantas festas, chamava-me a sua açafata... se eu lhe pedisse com as mãos postas que não deixasse matar o meu pai...

—Cala-te!—exclamou Maria Izabel com ira e terror. E Angela retrahiu-se tremula. Olhou para as faces lividas da mãe, e teve-lhe medo. Quiz sahir do quarto, cingindo-se atemerisada com a parede; e ella, correndo para a filha, ergueu-a, beijou-a, lavou-a com ardentes lagrimas; e, ajoelhando com ella nos braços, murmurou-lhe como em segredo, com os olhos esvairados, aterrorisando mais a creança:

—Não me falles mais em teu pai, que me matas. Promettes-m'o, Angela!.., Queres que eu viva, minha filha?

—Quero, sim, minha mãe!...—tartamudeou a menina.

—Então não me perguntes nada de teu pai!... Quando poderes entender a desgraça que matou tua mãe, saberás o que hoje não podes comprehender...

.....

Não tentaremos explicar—porque não poderiamos—o susto que, desde esta hora, Maria Izabel entranhou no espirito da creança. Passavam-se segredos inescrutaveis entre a Providencia, e a filha e a viuva de Domingos Leite. Da parte de Angela, um constranger-se e retrahir-se quando a mãe a beijava; da parte de Maria Izabel, um estranho embaraço, o que quer que fosse parecido com o acanhamento do pejo, quando impul-

sos de ternura a levavam para a filha, que a fitava a medo.

Angela passava algumas horas do dia separada da mãe, aprendendo a lêr com uma senhora secular intelligente, que se lhe affeiçoara.

A educanda demorava-se o mais que podia com a mestra, e, de passagem, visitava todas as religiosas que a festejavam. Maria Izabel, vendo-a chegar sem alvoroço nem alegria, perguntava-lhe:

—Porque te demoraste hoje tanto?

Angela nomeava as senhoras com quem estivera, contava o que lhe disseram; e quasi sempre pedia á mãe que a deixasse ir passar a noute a casa das suas amigas.

—Então, não queres estar com a tua mãe?!—perguntava ella sorrindo-lhe, mas com os olhos humidos.

A menina reparava no semblante da mãe, e respondia seccamente:

—Se a mãe não quer, não vou...

—Vai, vai....— acudia Maria Izabel, e dava-lhe as costas.

A menina ia triste, e voltava receosa. A mãe, umas vezes, a recebia com amúos, outras com explosões de carinhos. A filha nem parecia doêr-se muito dos máos modos, nem exultar notavelmente com os bons.

Em face uma da outra, nem as communs frivolidades se diziam. A menina estudava a sua lição de leitura e traçava os seus riscos em silenciosa applicação; Maria Izabel assistia áquelles exercicios com a face encostada á mão, com os olhos na escripta ou no abcedario, e o pensamento ingolphado nas trevas que se espessavam ao longe, na sua mocidade. Nem ao menos tinha para

alivio o retrocesso na vida, em busca das alegrias da juventude. Pode ser que então, em quanto Angela soletrava o *cathecismo*, de Fr. Bartholomeu dos Martyres, a mãe se estivesse excruciando com as memorias da sua educação, dirigida pelo clerigo, imagem execranda que lhe surgia no umbral dos infernos atravessados pela sua imaginação!

Reagindo contra as raladoras tristezas, a viuva do regicida cedeu ás instancias das religiosas que a convidavam a conviver e a distrahir-se. Algumas que secretamente se desgostavam de tal familiaridade, iam levadas pelas mais tolerantes á cella da recolhida. A prelada, com as suas mais intimas e sabedoras do reflexo do throno que lhe aureolava a belleza, eram exemplo bastante a desfazer escrupulos de moral e melindres de jerarquia.

Adoçaram-se as amarguras de Maria Izabel nas distracções da conversação. Os saráos das monjas, n'aquelle tempo, não sei bem o que seriam, nem com que pretexto os convites se enviavam ás cellas. Com certeza não era a chavana do chá: porque, em 1648, não se tomava chá em Portugal. Suspeito, porém, que as confeitarias, já então primorosas nos mosteiros portuguezes, lardeadas das taçazinhas da India opalisadas com os genuinos vinhos d'este abençoado viveiro de chorudos frades e rozadas freiras, seriam o entremeio das palestras nos conventos. Verdade é que as chronicas, d'aquellas arredadas eras, se avolumam em panegyricos de religiosas muito claustraes e jejuadeiras: não obstante, outras chronicas inedîtas auctorisam-nos a conjecturar que as freiras abstémias e recolhidas no cenobio, em asceze nocturna e diurna, formavam o menor numero.

- Ora, no mosteiro de Santa Escolastica havia de tudo. Nem sequer faltavam religiosas, em annos florentes, que esperavam idade madura para sinceramente se devotarem ao Esposo. E estas não eram as mais reprehensiveis; que havia umas tão descuidosas e birrentas, que derivavam das verduras suaves dos vinte ás madurezas não despeciendas dos quarenta annos, e por diante: de maneira que já estavam sorvadas ou resequidas, como pomos inverniços, quando se offereciam aos banquetes dos anjos.

- Havia, por tanto, variadas indoles a offerecerem-se á escôlha de Maria Izabel: freiras estimaveis pela bondade, e freiras seductoras pela malicia. As primeiras acalmavam-na com os seus dizeres sedativos e seraphicos; as outras, ardendo debaixo do habito, abriam-lhe com as suas phrases, ressabiadas de ruins pensamentos, os respiraculos ao fogo mal abafado. Convivia muito com as ultimas, sem desmerecer a estima das primeiras. Entrou na confidencia das amorosas. Leu as cartas incandescentes das mais vaidosas dos seus adoradores. Espreitava-os no raro da portaria quando elles iam á grade. Riase com as mais galhofeiras das gracetas com que eram remoqueados os amores das outras; saturára-se, emfim, da atmosphera do convento. E, ao cabo de um anno, Maria Izabel achava muito supportavel o pezo da sua cruz, e menos má a vida exquisita e mal apreciada dos mosteiros opulentos, bem alimentados de substancias fortes que se digeriam em ocios somnolentos, por parte da virtude, e em ocios mordazes, por parte do vicio.

Todos os mezes o vigario geral fazia entregar a Maria Izabel uma avultada pensão.

Uma vez, a recolhida quiz avistar-se com elle na gra-

de, — honra de que o padre não podéra ainda vangloriar-se.

— Este dinheiro que eu recebo — perguntou a filha do rico tanoeiro — é o rendimento dos meus predios de Lisboa?

— Não sei responder a V. S.ª. O sr. ouvidor recebe estas quantias por ordem do alcaide de Borba, manteeiro d'el-rei, o sr. Antonio de Cavide.

— Não tenho relações com Antonio de Cavide — acudiu Maria Izabel, com sobranceria — Sou rica, herdei de meus pais vinte mil cruzados, não quero tutores, e exijo que me seja entregue a administração do que é meu e de minha filha. As quantias, que recebo desde que entrei aqui, se não provierem dos rendimentos das minhas propriedades, heide restituil-as a quem m'as envia. Não recebo esmolas seja de quem for. Diga isto ao sr. ouvidor; elle que o diga ao sr. Antonio de Cavide, e o sr. Antonio de Cavide que o diga a quem quizer.

Maria Izabel deixou o vigario geral estupefacto da sua arrogancia. De si comsigo dizia elle que a condição humana é de seu natural propensa á soberbia, e muito mais quando o abraço de um rei, comprimindo o espinhaço, dava ao pescoço da pessoa abraçada um aprumo altaneiro. Assim explicava anatomicamente o clerigo, consoante a perpendicular da columna vertebral, o orgulho insolente da viuva do enforcado.

Cumpriu-se o que ella ordenára. O padre communicou ao magistrado a intimação. O ouvidor ao lançarote d'el-rei. O rei, lendo a carta do ouvidor, carregou o sobr'ôlho, e disse:

— Tenho mais mêdo d'ella do que tive do marido. Esta mulher é má e perigosa. Se ella fosse boa e humil-

de, é provavel que me não desse cuidado. Não posso esquecêl-a, porque a temo, e... porque... não posso esquecêl-a. A violencia da separação não me causou abalo; mas... a dôr, e o pezar de ser rei, quando o meu dever de homem era tão diverso... isto lhe confesso, Cavide, tem-me feito passar muitas noites sem provar descanço... é dôr que hade ir commigo á sepultura... e não tem muito que andar...

—Não permitta Deus!...—respondeu compungidamente o manteeiro, pondo os olhos no tecto.—Esqueça-se vossa magestade de que é rei, se mysteriosamente pode ser homem. Que a sr.ª D. Maria tem genio irritavel sei-o eu como ninguem. Muito pela rama tive a honra de referir a vossa magestade as injurias que lhe ouvi na estalagem do Porto. Quanto a ser perigosa, não occultarei a vossa magestade que muitas vezes hei pensado com inquieto receio nas resultas d'este succeso. E, a não ser isso, eu esconderia dos olhos de vossa magestade a carta do corregedor de Bragança.

—Como concilia Antonio Cavide—atalhou o rei—a minha posição de soberano e ser homem mysteriosamente?... Não o percebi... Explique-se.

—Se vossa magestade permitte...

—Explique-se.

—A sr.ª D. Maria Isabel, passado algum tempo, e talvez desde já, poderá viver com tanto resguardo em Lisboa...

O rei, sorrindo, atalhou:

—Valha-o Deus, Cavide! Não sabe que a rainha me tem cercado de espiões, e que o seu odio a Maria Izabel é tal que assim como desabafa, injuriando-me, se a empolgasse a ella ao alcance da sua colera, a mandaria matar!

—Sei, real senhor; mas as cautellas baldariam a perspicacia dos espiões...

—Não me tentè, Cavide...—replicou o rei com desalento; e proseguiu, feita uma grande pausa, com exaltação:—Esta mulher... o amor d'esta mulher foi uma dôce peçonha que me cahiu no coração... Dominou-me, e muito mais que as outras, porque nunca se humilhou; nunca me deixou sentir que eu, ao lado d'ella, era rei. Dizia-me, quando eu a accusava de altiva, que a mulher amada de um rei seria vil, se fosse humilde. Quando eu lhe queria acalmar as impaciencias amorosas com as razões da minha qualidade de rei e marido, respondia-me que não se obrigava a respeitar as condições do meu estado, e pedia carinhosamente ao meu proprio coração que a defendesse. Que mulher! que magia se apoderava de mim, se eu pensava em lhe cortar as azas para não voar a alturas onde eu nunca permittira que se alassem as outras! O mesmo era invocar a minha dignidade e sentir-me abatido diante dos olhos severos do seu rosto cheio de tentações! Ainda assim, quando ella partiu, cuidei que o tempo e a necessidade m'a olvidariam. E' passado um anno, cortado de mortificações, alterado de successos desgraçados, e sustos da sorte que nos esconde a varia fortuna da guerra; pois, creia, Cavide, invoco a imagem d'ella, quando fujo das secretas tribulações, e me escondo em mim proprio. Que é isto, senão um castigo do céo! Com que razões me heide eu desculpar, se Maria Izabel não tem outro merito senão o da sua rara formosura, rara e orgulhosa! Por acaso, Antonio de Cavide, lhe escreveu ella?

—Nunca, real senhor.

—Pediu-lhe que proferisse o seu nome na minha presença?

—Não, meu senhor.

—Ahi a tem! Soberba quando eu a adorava, soberba quando se persuade que eu a não amo. Outra qualquer não teria instado, supplicado ao menos uma palavra minha, uma desculpa?

—Assim me quer parecer, meu senhor.

—Que faz ella, pelo contrario? o que eu leio n'esta carta do ouvidor. Quer os seus bens para pagar d'elles as prestações que recebe, e que regeita se são esmolas, sejam de *quem* fôr. Este *quem* sou eu, tractado com um desdem que não está longe do desprezo. E agora? que responderá Cavide ao ouvidor?

—Não ousarei responder sem previo conselho de vossa magestade.

—Se lhe diz a verdade, tem de lhe dizer que os haveres de Maria Izabel eram os haveres de Domingos Leite...

— Confiscados e extinctos — accrescentou o alcaidemór de Borba.

—Se lhe diz que...— o rei sincou nas reticencias, e o ministro acudiu:

—Eu direi confidencialmente ao ouvidor, se vossa magestade fia tanto d'elle como eu, que persuada a sr.ª D. Maria Izabel que os seus predios são administrados por sua conta, que as prestações derivam dos rendimentos d'elles; e, no entanto, faremos que, em tempo opportuno, alguem em nome d'ella requeira a restituição dos bens, e vossa magestade deixará que se faça justiça como já se fez aos filhos de Lucena e á viuva do duque de Caminha, em pró dos quaes os ministros de vossa magestade lavraram accordam.

—Lembra-me, Cavide, o que é justiça fazer-se: mas é cêdo, muito cêdo. A rainha sahiria contra a restituição: porque diz ella que eu estive nas fauces da morte duas vezes por amor d'esta mulher: e já lhe ouvi lamentar Domingos Leite, como victima de uma nobre paixão por tão indigna mulher; e quando um dos juizes do interrogatorio, não sei qual, revelou á camareira-mór que Domingos Leite confessára que não vinha a matar-me, da vez que o prenderam, mas sim a roubar sua filha á mãe, a rainha verteu muitas lagrimas, e exclamou que Domingos Leite merecia ser vingado no pescoço de sua mulher. Veja isto!... E deu-me a perceber Antonio de Cavide que Maria Izabel poderia voltar com todas as cautellas!... Eu sei que a prelada é irman do Penaguião, e que duas sobrinhas que andam no paço recebem de lá todas as semanas uma carta de sua tia, que vai fechada ás mãos da rainha. Já vê que, no momento em que Maria Izabel sahisse do convento, sabia-se logo no paço; e d'ahi imagine o resto.

—Eu poderia — remediou o rufião, espacejando mui reflectidamente as palavras—eu poderia intender-me com a sr.ª D. Maria... e aconselhal-a nos passos a dar para illudir a prelada... Como ella não está captiva em sua liberdade, começaria dizendo que tencionava retirar-se para Castella, onde tinha protecção. E' de crêr que a prelada denunciasse o proposito ao ouvidor; este, porém, não daria pêzo á denuncia; tambem é natural que a prelada avizasse as sobrinhas do intento da sr.ª D. Maria Izabel; mas sua magestade a rainha minha senhora talvez que estimasse semelhante passo por lhe advir d'ahi á fugitiva maior culpa aos olhos de vossa magestade. Feito isto, iria a sr.ª D. Maria caminho de

Castella, e retrocederia com os disfarces melhormente escolhidos para Lisboa. Depois...

—Conversaremos — atalhou o rei. — Esperam-me na sala do despacho.

XVII

O ouvidor de Bragança transmittiu a Maria Izabel as informações do ministro respeitantes ás prestações. A Traga-malhas questionou com o jurisconsulto o direito de administrar o que era seu. Não lhe impugnou o magistrado tal direito, nem ainda a liberdade de sahir do convento, emquanto outras ordens lhe não viessem da côrte.

—Ordens de quem?!—perguntou asperamente Maria Izabel.

—O seu coração lhe responda, senhora minha...—respondeu sorridente o doutor com palaciana galanteria.

—O meu coração está mudo—redarguiu ella.

—Mudo! em idade tão eloquente!

—Mudo, sim, que o odio é uma mordaça!

—Odio! tão crú sentir em tão bello aspeito!—volveu o requebrado ouvidor.

—Pois se não quer que seja odio, será um sentimento menos cruel e mais offensivo: é o esquecimento. Diga-o a quem quizer vossa mercê.

Este dialogo passou ao segredo de Antonio de Cavide: mas o alcayote sonegou-o ás tristezas de seu real amo, como cumpria a tão discreto amigo.

Por aquelle tempo as grades do mosteiro de Sancta Escolastica enviscavam os corações dos fidalgos de Bragança e arrabaldes. Os Colmieiros, os Sarmentos, os Marizes, os Cabraes e outros apellidos illustres, alli tinham as suas nobres primas, e por lá passavam manhãs e tardes, escravos, infeitiçados d'aquelles amores de convento, os mais prestigiosos e ardentes, extaticos e implacaveis.

João da Veiga Cabral, já sargento-mór de batalha antes dos vinte e cinco annos, e mal ferido na defeza heroica de Olivença, recolhêra-se a sua casa, em Bragança; para convalescer-se do quebranto em que ficára dos ferimentos.

Era um bizarro e gentilissimo fidalgo, com uns brilhantes olhos que pareciam ainda alumiados pelos relampagos da artilheria, e uma irrequieta mobilidade de gestos que desmentia a pobreza do sangue derramado nas successivas pelejas de seis annos.

Tinha João da Veiga tres irmãs no mosteiro, professas n'aquelle anno de 1649, amigas muito dilectas de Maria Izabel, e suas confidentes. Como visitasse a miudo as irmãs, ouviu, promettendo inviolavel segredo, a historia da viuva do regicida, no episodio dos seus amores com o rei. Já é de vêr que a filha do tanoeiro, contando ás intimas a sua vida recondita, não havia de dizer que se desgraçara por amores com um furriel, calumniando-se, e desdenhando a fatal paixão de D. João IV. Ella percebêra que as pessoas inteiradas da sua tragedia não eram as mais esquivas em lisongeal-a.

Amante d'el-rei, como Maria Paes fôra amante de Sancho II, como Thereza Martins, amante de D. Diniz, como Thereza Lourença mãe de D. João I, como D. Maria Manuel amante d'el-rei D. Duarte, como Ignez Pires mãe do Duque de Bragança, como Anna de Mendonça, amante de D. João II, como Izabel Moniz amante de D. João III, etc.

No mosteiro sabiam-se estas lendas; e algumas freiras, das mais enfronhadas em fidalguia, desvaneciam-se com o parentesco d'aquellas senhoras e reaes comborças.

Que pejo lhe embridaria, pois, a lingua á filha de João Bernardo Traga-malhas?!

Sabia toda a communidade que a regia cabeça do sr. D. João pousára no regaço d'aquella dama, e que talvez ella—presumia-se—com suas lindas mãos lhe annelasse os cabellos da fronte e as guias do bigode.

Que Maria Izabel era a mais esbelta senhora do mosteiro, diziam as tres Veigas Cabraes, bellissimas meninas. Confessada por ellas a primazia da outra, o encarecimento não podia avantajar-se mais.

—E irei para o exercito sem a vêr?—perguntava João da Veiga.

—Talvez, porque ella nunca cedeu aos convites que tem recebido de outras pessoas.

—E de mais a mais—accrescentou uma das tres irmãs—se a visses, morrerias de amor: não deves querer vel-a, porque desertas; e...

—Terás um rival temivel—ajuntou a mais espirituosa—Lembra-te da morte do marido, mano João...

—Lembro-me da morte do marido para lh'a invejar, se elle morreu por ciumes do amante—disse o sargen-

to-mór da batalha—Seja como fôr, se conseguir que eu a veja, e, se ella é tão bonita como vós, heide pedir-lhe licença para invocar o seu nome nas batalhas, visto que o de S. Jorge é muito inglez, e o de S. Thiago é muito castelhano.

As tres freiras, muito risonhas, contaram a passagem a Maria Izabel, e lealmente confessaram que disseram muito em segredo a historia dos seus amores.

Deu-se uns ares de mimosa magua, fingiu-se vexada da confidencia; e, quando as freiras cuidavam ter frustrado o pedido, disse Maria Izabel inesperadamente:

—Heide vêr vosso irmão antes de elle partir. Quando vier despedir-se, vou comvosco á grade.

E foi.

João da Veiga já tinha visto em Lisboa aquella mulher, em uma janella da rua dos Torneiros, no dia da procissão de Corpus-Christi, dois annos antes, quando elle ia no prestito com o seu regimento. Contemplou-a assombrado. Perguntou quem fosse. Disseram-lhe que era a mulher de um portuguez foragido em Hespanha.

Passou; e nunca mais a vira; se não alli, nas grades do mosteiro, com os resplendores da formosura realçados pelo timbre da voz, pelo somno languido, pelos olhos de uma profunda escuridade, morbidos de tristeza.

O militar disse-lhe que, não podendo haver duas bellezas perfeitas, era ella a mesma senhora que vira em Lisboa.

A conversação, assim começada n'esta elevada temperatura, esfriara na expressão, á medida que se inflammava nas mysteriosas intimidades que os olhos dialogavam. Apartaram-se melancolicos. Elle disse que ia pa-

ra as fronteiras, e, pela vez primeira, levava medo á morte. Ella fitou-o com maviosa magua, e supplicou voltada para as irmãs:

—Peçam-lhe que não vá...

E, como arrependida da indiscrição, cobriu o rosto com as mãos, e murmurou:

—Ai! que estouvada!

.....

E o sargento-mór não foi apresentar-se ao general; antes, alegando recahida de padecimentos, protrahiu a licença.

Todos os dias visitava as irmãs. No mosteiro já se rosnava que Maria Izabel, desacompanhada das senhoras Veigas, dava grades ao irmão d'ellas. A prelada preveniu-a das murmurações; a viuva não dissimulou, antes acceitou a responsabilidade do innocentissimo acto. Redarguiu a irmã do conde de Penaguião que as acções de cada pessoa eram bôas ou más consoante a maneira como os outros as conceituavam; quanto, porém, á sua ida ás grades de João da Veiga, a opinião da communidade e de fóra não innocentava o acto, antes o qualificava de relações namoradas. Sorriu-se Maria Izabel, e retorquiu:

—V. S.ª bem sabe que eu não fiz votos.

—Assim é;—tornou a prelada—mas peço-lhe que medite no seu passado e no seu futuro. Tem uma filha, que a deve prender tanto á virtude como a ligariam os votos.

Cohibiram-se apparentemente; mas correspondiam-se. Deviam de amar-se em extremo: ella, porque se expunha á desconsideração das religiosas austeras, revivia o desprezo antigo, e esquivava á filha o coração para

o transfundir nos ardores do amante; elle devia tambem amal-a perdidamente por que, furtando-se ás lides tão lustrosas da sua carreira militar, sentia-se agora deshonrado no conceito publico e no proprio.

As freiras, que ternamente queriam a Angela, olhavam-na com dó, e diziam entre si que, se um dia a mãe sahisse do convento pela porta da infamia, ellas se desvelariam na educação da creança, a quem a sorte orfanára tão desgraçadamente.

Como é de presumir, a prelada noticiara ás sobrinhas as leviandades de Maria Izabel; e o ouvidor, em linguagem menos ressabiada de saneta murmuração, referiu a Antonio de Cavide os amores da sua reclusa com o galante Veiga Cabral, ferido em seis batalhas contra os castelhanos, e finalmente morto em duello com os olhos homicidas de Maria Izabel.

Não sabemos se a rainha, na impenetravel recamara dos seus aposentos, a só com o infidelissimo rei, o remoqueou á conta do seu successor no coração da viuva de Domingos Leite; é, todavia, mais de presumir que D. Luiza de Gusmão rejubilasse inferindo das novas affeições de Maria Izabel o desaffecto e desprezo do marido. Se assim foi, naturalmente calou-se para lhe não accordar no peito o basilisco do ciume que é, ás vezes, o galvanismo dos corações regelados e mortos pelo tédio.

Quem se não calou foi Antonio de Cavide. O rei leu a carta do ouvidor, espremeu em contrafeito riso o fel do despeito, mascou umas palavras regougadas, e, atirando a carta com desprezo ao manticiro, disse afinal:

—Foi educada pelo padre Luiz da Silveira...

—Nunca se disse tão conceituosa phrase, meu senhor!—exclamou o ministro batendo as palmas com o estupido enthusiasmo da lisonja. E repetiu:—*Foi educada pelo padre Luiz da Silveira*! Admiravel, e digno de Juvenal, de Marcial, e... de vossa magestade!

—E que monta ser rei quando se é fragil como qualquer homem!—disse D. João IV com direito aos louvores do valido meditabundo.

—Estou pensando, real senhor!...—disse o ministro—Vossa magestade n'estas poucas expressões compendiou um livro: *E que monta ser rei, quando se é fragil como qualquer homem*!? Puro Seneca e Platão!...

XVIII

Um dia, o sargento-mór de batalha recebeu aviso peremptorio para se apresentar sem intermissão de tempo ao general das armas na Beira, sob pena de deserção em tempo de guerra; e, ao mesmo tempo, a prelada do mosteiro benedictino recebia, mediante o ouvidor, um traslado da seguinte *Lei:*

Dom João por Graça de Deus, Rei de Portugal, etc. Faço saber aos que esta minha Lei virem que, sendome presente o excesso com que muitos seculares se hão na continuação e assistencia das grades de alguns mosteiros, devassidão e demasia com que em este particular se procede com notorio escandalo e menos observação de minhas leis, sendo todas dirigidas ao maior serviço de Deus, credito e estimação de religião que eu tanto devo zelar e fazer guardar; e, como por ordenações e leis extravagantes não está bastante provido, o se evitarem de todo tão prejudiciaes correspondencias; hei por bem declarar, que, além das penas contheudas nas ditas leis, toda a pessoa de qualquer qualidade e

condição que seja que por summaria informação ou devassa constar que continua ou assiste nas grades das religiosas, encorram em dois mezes de prizão, da qual não será solto sem d'ella pagar oitenta mil réis applicados para as despezas da guerra; e de fazer este caso de devassa, que, no regimento das residencias que dão os corregedores e juizes de fóra se perguntará se faltaram ao cumprimento d'esta minha lei, ajuntando-se por capitulo aos de mais; e em esta côrte serão obrigados os julgadores do crime de darem conta na Mesa do Desembargo do Paço, no mez de dezembro, das devassas que, n'aquelle anno, houverem tirado dos conventos das religiosas que cahem no bairro da sua repartição e do que d'ellas resultar, para sobre isso se me consultar o que parecer; e, quando faltem com esta obrigação, lhes mandarei muito estranhar; e, achando comprehendidas algumas pessoas ecclesiasticas, mais o farão a saber para se lhe dar remedio conveniente. Pelo que, em consideração de tudo, encommendo aos Desembargadores do Paço façam accrescentar no Regimento das residencias o particular de que n'esta se trata, e juntamente dar copia d'ella aos julgadores do crime para que em conformidade d'esta Lei procedam, e com effeito executem o que por ella ordeno; e para que chegue á noticia dos mais julgadores do reino e pessoas d'elles, o que assim fui servido resolver, mando ao meu Chanceller-mór a faça publicar na Chancellaria, e enviar o traslado d'ella sob o meu sello e seu signal ás comarcas para se proceder na mesma fórma; e esta se registará nos livros do Desembargo do Paço, casa da supplicação e Relação do Porto, onde semelhantes leis se costumam registar. Dada n'esta cidade de Lisboa aos 30 de Abril,

Antonio de Moraes a fez. Anno do nascimento de Nosso Senhor Jesus-Christo de 1649. Pedro Sanches Farinha a fez escrever. Rei. [1]

A prelada inferiu logo que tão severa lei era o impulso violento da inconsiderada paixão ou vingança do monarcha; e, forçada a fazel-a cumprir, anteviu os dissabores que se lhe preparavam. Chamando a sua casa todas as religiosas e noviças, mandou lêr em voz alta o avizo. Alguns rostos rosados impallideceram; rórejaram as lagrimas em alguns olhos; apenas algumas senhoras maiores de cincoenta annos murmuraram:

—Essa lei era precisa.

—Já devia ter vindo.

—Isto de namorices ia de foz em fóra.

—Bem haja sua magestade.

As novas atravessavam-lhes uns olhares vêsgos de raiva.

As noviças cochixavam uns «ápartes» em que tão satyrisadas eram as velhas inválidas como as novas, fulas de colera, no momento em que uma das religiosas mais audazes disse:

—Devemos este obsequio á senhora D. Maria Izabel.

Chilrearam muitas a um tempo, excedendo os limites da honestidade, com apódos e chufas aos ciumes do alto personagem —expressões que não serviam ainda n'aquelle tempo de resalva á injuria contra pessoas inviolaveis.

[1] Alvarás, Decretos, e Provisões, desde Philippe II a Pedro II. Traslados feitos nas diversas secretarias. *Manuscripto meu. O decreto é assim intitulado: Lei sobre os mosteiros das freiras, que se não falle nas grades d'elles.*

A prelada fez signal de silencio, e disse:

—Não consinto reflexões descompostas ás ordens de el-rei, nem tão pouco serei indulgente com as senhoras que offenderem de qualquer maneira a pessoa que julgam causadora d'esta lei. Seja ou não seja, a observancia é indispensavel.

A prohibição do locutorio e os rumores da communidade alvorotada soaram logo na cella de Maria Izabel; e, ao mesmo tempo, as irmãs de João da Veiga Cabral, levando-lhe uma carta do mano, já sabiam que elle fôra avisado para sem demora partir para o exercito.

Maria leu a carta, e fez-se escarlate. As lagrimas, apenas apontavam, seccava-as o queimor da paixão que he esbrazeava as faces.

João da Veiga, succumbido á intimação, dizia que mais se não veriam n'esta vida, por que elle ia pedir a uma bala inimiga o remedio da morte; e, como derradeiro grito da sua sincera paixão, ajuntava que só assim, morrendo, podia salvar-se dos ciumes de tão poderoso rival. «Esquece-me, e vive!—Terminava elle—Eu nada valho, emquanto vivo, se me comparas ao rei; mas, depois de morto, serei para ti uma saudade. Sê tu d'elle, e dá-me de ti sómente uma lagrima.»

Respondeu-lhe, sem detença, Maria Izabel. Eram poucas as palavras; mas fulminantes, decisivas para o homem que lhe não mentia no proposito de ir morrer na fileira com suicida bravura.

«Não vás, que eu quero ir comtigo. Se me deixas, «ou me não amas, ou és menos corajoso que eu. Es«conde-te, e espera que eu te procure.»

Escondeu-se. Era desertor desde aquelle instante. A

honra dava-lhe na consciencia angustiosos rebates. Sua mãe, unica pessoa que lhe sabia o esconderijo, rogava-lhe que não se expozesse á vingança do rei, destruindo por amor de uma mulher o seu futuro, com tanto sangue e tantos perigos, perdido.

O valente, abatido como as crianças, chorava, deplorando o homem feliz que resvalára á posição em que se via; mas aquellas palavras de Maria Izabel soavam-lhe como a sentença de Deus ao precito insanavel.

—Se a deixo, vou morrer!—disse elle entre si—Pois que me matem, mas hão de arrancar-me dos braços d'ella!

As senhoras Veigas Cabraes, instadas pela mãe, pediam a Maria Izabel que convencesse o irmão a obedecer á ordem do general. Por entre choro, increpavam-se de ser causa na desgraça do irmão por lhe haverem tanto encarecido a formosura da sua amiga; e, voltando-se para ella com supplicante carinho, pintavam-lhe as afflicções da mãe, e a deshonra imminente da sua familia.

A viuva de Domingos Leite promettera-lhes, por fim, submettel-o á vontade de sua mãe, e acabar com a desgraça de ambos, pondo ella termo á vida.

—E a tua filhinha?—objectava uma das freiras—Pois tu não pensas n'este anjo! Não tem ella o primeiro logar no teu coração, Maria Izabel?

—Calem-se!—exclamava a mãe de Angela—Não reparam que a minha filha foge de mim? A Providencia não quer que ella me salve... Quando a aperto ao peito com desesperado amor, ella encara-me assustada, e não tem palavra que responda ás perguntas que

a minha alma lhe faz. N'este convento, ha senhoras cruelmente perversas que tem lançado, no coração innocente de minha filha, revelações da minha vida disfarçadas em compaixão. Fallam-lhe no pae que morreu no patibulo, e arrancam-lhe segredos que não se perguntam a uma criança... Querem saber o que se passava com o rei, as mais frivolas palavras que elle lhe dizia!... Sei tudo, porque esta canalha o que tem de perfeito é denunciar-se uma á outra. E assim vingaram roubar-me o amor de minha filha, e d'aqui a pouco hão de conseguir que ella me odeie, e se envergonhe de me chamar mãe.

Queriam despersuadil-a; mas argumentavam froixamente, como convencidas dos queixumes de Maria Izabel. Eram notorias as friezas de Angela, e as indiscretas insinuações que a mestra e outras religiosas faziam no espirito precocemente pensativo da educanda. Além d'isto, a scena do frade na casa capitular, e o dizerem-lhe que aquelle homem era tio de seu pae, e morrêra assim traspassado de paixão com saudades do sobrinho, impressionaram mais o animo de Angela que as lastimas carinhosas das freiras.

No entanto, a correspondencia entre o homisiado sargento-mór e Maria Izabel continuava assidua. Elle esperava-a, e ella almejava a opportunidade da fuga, sem que a filha lhe fosse estorvo, ou lhe abrisse os olhos como a lampada providencial á orla d'uma voragem. A vigilancia, porém, da prelada e das porteiras era tão cautellosa que Maria Izabel não dava um passo sem ser espiada.

A abbadessa, por sua parte, deixal-a-hia fugir, e cantaria um *Te-Deum*; mas o ouvidor tão restricta vi-

gilancia lhe recommendára derivada da mais alta origem, que a prelada, abrindo-lhe occasião de escapúla, recearia commetter crime de lesa-magestade. Um dia, porém, Maria Izabel, observando que a vigiavam, enfureceu-se, prorompeu em berros e injurias taes que as freiras velhas encorporadas foram pedir á prelada que abrisse as portas á energumena, porque a temiam. A este tempo, a menina tiritava chorando ao pé do leito onde a mãe escabujava em contursões histericas.

A prelada avisou o magistrado, e este aquietou-a, dizendo-lhe que muito breve sahiria do mosteiro Maria Izabel, e que a filha provavelmente ficaria a educar-se, se isso não desagradasse a sua senhoria.

—Todas nós estimamos a creança—disse a abbadessa—e cremos que a filha não ha de chorar por ella. Tem uncção do céu esta menina! Quando visita as senhoras mais respeitaveis d'esta casa, pede-lhes sempre que rezem por alma de seu infeliz pae.

XIX

Annunciou-se, um dia, na portaria do mosteiro o ouvidor acompanhado de um homem forasteiro em Bragança.

A prelada recebeu-os, demorou-se com elles alguns minutos, e sahiu; o ouvidor sahiu tambem, e ficou no locutorio o desconhecido.

Pouco depois, assomou á porta da grade Maria Izabel; e, olhando fixa a pessoa que a esperava, sem se nomear, com o penetrante olhar de quem duvida e treme da certeza, estremeceu, e exclamou abafada de sobresalto:

—O sr. Antonio de Cavide!

—Eu, minha senhora. Estava v. s.ª bem longe de pensar que ainda me encontraria n'este valle de lagrimas...

—Decerto—respondeu ella, bascolejando no espirito estranhas conjecturas.

—Não encareço a minha visita de amigo e respeitador para que v. s.ª m'a agradeça. Eu não venho aqui

espontaneamente, como quizera e devêra, se a sr.ª D. Maria me houvesse tractado com mais justiça e menos crueza n'aquella fatal noite da estalagem do Porto. Recorda-se?

—As impressões deliciosas nunca esquecem...—respondeu ella sorrindo.

—Diz v. s.ª exactissima verdade. As impressões deliciosas nunca esquecem. Aqui venho eu, senhora minha, provar quanto é verdadeira a maxima. El-rei, meu senhor, tambem assim pensava e sentia, quando aqui me enviou dizer a v. s.ª que nunca, em algum instante da sua vida, desde o 1.º de agosto de 1646, pôde esquecel-a.

—A mim?!—acudiu ridentissima de ironia e sarcasmo a viuva—A mim?! Quem zomba? é el-rei, ou o seu... ministro?

Antonio de Cavide cuidou que as reticencias iam disparar-lhe uma injuria. A imprevista risada estupidificou-o. Tornado a si do choque, recompoz o carão com a solemnidade ultrajada pelo desplante da Traga-Malhas, e proseguiu entre ironico e severo:

—El-rei, meu senhor, não zomba. Eu, o ministro d'el-rei, lido ha muitos dias com damas, e tenho os habitos derivados da educação nas salas: não zombo das senhoras. Pergunto, sr.ª D. Maria Izabel: pode ou quer escutar-me com seriedade?

—Posso e quero.

—Bem. Sua magestade deseja que V. S.ª volte para Lisboa.

—Irei. Ha muito que desejo ir apossar-me dos bens que foram de meus pais. Agradeço a boa nova; não agradeço a mercê, porque não considero favor o consen-

timento. Eu nunca fiz algum mal a sua magestade, de que deva pedir nem acceitar perdão. Irei para Lisboa, repito, e desejo que seja já.

—Esse é tambem o desejo d'el-rei; porém, minha senhora, escuso de lhe encarecer a gravidade do segredo que se faz mister guardar n'esta sahida.

—Segredo! pois não hade toda a gente d'este convento saber que eu vou para Lisboa! Pois eu vou ás escondidas? ora essa!

—Não quer comprehender-me, sr.ª D. Maria?

—Quero; mas, pelos modos, não posso... Queira explicar-se, senhor.

—Não percebeu que el-rei, meu senhor, ama a sr.ª D. Maria Isabel?

—Percebo agora — respondeu ella prompta e jovialmente.—Agora percebi que el-rei manda buscar ao convento a mulher que aqui metteu quando se enfastiou, e que d'aqui leva porque a deseja.

—Não é assim — contrariou Cavide.—Dá-me licença que discuta com o seu injusto genio e temperamento nervoso, minha senhora?

—Discutir para quê?— obviou ella.—Se V. S.ª vai dar-me razões de estado, com o intento de justificar o modo como o sr. D. João IV se houve commigo, eu não lh'as desejo ouvir, porque as acho inuteis, e de todo em todo indifferentes para mim, e tardias para sua magestade. Essas razões serviriam para uma amante offendida e irritada; ora eu, como vê, não me queixo, nem me dou por offendida. Tudo esqueci, tudo inteiramente, comprehende? Nem me lembro das ingratidões, nem dos carinhos, nem dos protestos, nem do abandono. Tudo me esqueceu!

—E não se lembrou que el-rei foi forçado a...

—Se eu lhe estou dizendo que tudo me esqueceu, como quer que eu me lembrasse que o rei foi forçado a... forçado a que?... a mandar-me para este inferno?... Não, senhor—proseguiu ella casquinando—não, senhor, na minha ultima lagrima, sahida do coração, sahiu tambem dissolvida a imagem de sua magestade. Está V. S.ª espantado a olhar para mim como quem contempla uma douda! Pois que esperava o senhor e que esperava el-rei? Que eu viesse aqui purificar-me no fogo da suprema desgraça para voltar mais depurada aos braços d'el-rei nosso senhor? Enganaram-se ambos; e eu, a fallar verdade, tambem me enganei com ambos. Nem cuidei que el-rei viesse bater com uma nova affronta no peito onde está o coração que elle matou, nem esperei que V. S.ª, depois de ter ultrajado a filha do tanoeiro, na tal noite fatal na estalagem do Porto, aqui viesse com as mesmas cortezias palacianas que tão primorosamente empregou na minha casa do Salvador.

—Depois do que acabo de ouvir, concluo que...—balbuciou Cavide.

—Não sahirei do convento? é isso que V. S.ª conclue? quer dizer que o carcere continua até que eu me resolva a sahir da cella religiosa para a alcova de concubina real?

—Eu não disse isso... não queria dizer isso!... que palavras! que desatinados pensamentos, minha senhora!

—Mas responda: V. S.ª tem ordem de me dar a liberdade sem condições? posso sahir d'aqui sem ser levada como as odaliscas negociadas para o sultão?

—Seja equitativa, sr.ª D. Maria — replicou brandamente o ministro. — Medite as suas palavras, pese as

acerbas condições em que estava el-rei quando V. S.ª sahiu de Lisboa, pondere que a senhora não podia estar na terra onde seu marido...

—Foi enforcado por ordem do meu amante?—disse ella com rispidez e desassombro.

—Por ordem da lei—objectou Cavide.

—A lei seria infame, se mandasse matar um homem que viera a Portugal com a desesperada resolução de levar sua filha...

—Quem lhe disse isso, senhora!?

—Disse-o aqui n'esta casa um homem, um santo, que talvez lh'o diga ao rei na presença de Deus.

—Esse homem de que me falla era um frade mentecapto.

—Tambem não quero discutir o direito com que el-rei consentiu que meu marido padecesse como o derradeiro scelerado. Isso que o decida elle no tribunal da sua consciencia, onde eu não quero ser chamada. Em summa, sr. Antonio de Cavide!... Tenho ou não tenho liberdade? posso sahir ámanhã, hoje, já, d'este convento?

—Pode, minha senhora, se quizer em Lisboa acceitar as explicações de el-rei. Acceite um conselho—proseguiu elle de prompto, impedindo-a de replicar-lhe.—Vá para Lisboa; ouça el-rei; e, se elle a não convencer de injusta e ingrata, regeite-lhe as suas homenagens, lance-o de si, diga-lhe que o não ama, que el-rei, por maior que seja a sua angustia, nunca deixará que o despeito se vingue de tão immerecido desprezo.

—E' escusado ir eu a Lisboa para lhe dizer que o não amo. Vá V. S.ª, e diga-lh'o; mas não me communique depois, nem as angustias, nem os despeitos, nem as vinganças d'el-rei. Eu cá estou engradada como a fe-

ra. Se sua magestade entender que é pouco, diga-lhe que n'este convento ha uma possilga sem luz que se chama o *tronco,* onde as rebeldes á regra de S. Bento são castigadas pela nudez, pelo frio e pela fome. Sua magestade que ordene á prelada a minha remoção da cella para o tronco, e vingue-se d'esta sua creada, sr. Antonio de Cavide!

Ella fez uma cortezia de côrte com o mais gentil tregeitar de cintura e braços, e sahiu.

—Sr.ª D. Maria! sr.ª D. Maria!—exclamou o ministro, quando a porta da grade estrondeou no batente.

Encerrada no seu quarto, Maria Izabel escreveu longo tempo a João da Veiga, relatando o dialogo com o ministro; mas, levando a carta á amiga que as transmittia, a sóror recusou, dizendo que sua mãe amaldiçoaria a filha que enviasse cartas de tal procedencia ao irmão. Maria Izabel rogou, chorou e ajoelhou aos pés da religiosa, promettendo ser aquella a ultima carta. A freira compadecida ia acceitar-lh'a, quando a viuva, alguns instantes pensativa, disse alvorotada por subito pensamento:

—Então, se tens pena de mim, não hade ser esta carta... Vou escrever outra... só tres linhas... a despedir-me... e a dizer-lhe que me deixe... que eu ámanhã vou para Lisboa.

—Vaes?!—acudiu a freira com disfarçada tristeza.

—Vou. Teu irmão está livre de mim... e vossês, as que já eram menos amigas da infeliz Maria Izabel, tambem se desembaraçam do escandalo que eu lhes tenho dado com a minha desgraça.

—E tua filha? vai?

—Minha filha!...—murmurou ella intalada.—E' verdade!... a minha filha... não sei...

E sahiu rapidamente de ao pé da amiga, e foi ao quarto onde sua filha costumava costurar áquella hora.

A menina voltou o rosto para ella; e, vendo-a a contemplal-a com os olhos convulsos de lagrimas, perguntou-lhe com tristeza:

—A mãe está a chorar?

—Estou, filha, estou! — e, abraçando-a vertiginosamente, beijou-lhe as faces e as mãos, articulando suffocadamente expressões de ternura.

Depois, reparando com immovel fixidez na carta, levou a mão á testa, fez um gesto de angustia, inclinando a cabeça e gemendo um profundo suspiro. Sentou-se prostrada ao pé da filha, chamou-a para si, encostou-lhe a cabeça ao hombro, e coou-lhe ao seio dois fios de lagrimas.

Arrancando-se de salto a este lance, quasi indecifravel n'aquelle coração enigmatico de mãe, foi sentar-se á sua escrevaninha, e escreveu um bilhete de seis linhas. Ergueu-se para o ir levar á irmã de João da Veiga; mas, tendo de passar pelo gabinete onde a filha estava, recuou, e foi em busca de outra sahida para o dormitorio. A religiosa prometteu-lhe, sob juramento, que o seu bilhete seria immediatamente entregue.

Em seguida, Maria Izabel voltou para a meza da escripta, e escreveu a seguinte carta:

«Illustrissimo senhor Antonio de Cavide:

«Pensei. Acceito o conselho de V. S.ª Quero e desejo «ouvir el-rei. Se sua magestade me convencer de que «nem a minha felicidade nem a minha desgraça depen«de d'elle, porque os destinos é Deus que os determina, «pedir-lhe-hei perdão de o haver julgado cumplice nas «desventuras conjuradas para a minha perdição. Áma-

«nhã sahirei d'aqui. V. S.ª me dirá onde heide ir ter, «quando sahir d'esta casa. Peço-lhe que me diga se será «prudente e honesto que minha filha aqui fique por al-«gum tempo n'esta casa a continuar a sua educação. Sei «que ella ama estas senhoras, e é muito querida de todas.»

«De V. S.ª respeitadora agradecida—*Maria Izabel.*»

Antonio de Cavide, recebendo a carta, quando estava deplorando com o ouvidor a paixão do rei por tão brava mulher, pulou de jubilo, e mostrou a carta ao magistrado.

—O sr. Cavide não desconfia d'isto depois do que ha passado?—perguntou o suspeitoso doutor.

—De que heide eu desconfiar?

—Que a avesinha, em pilhando a porta da gaiola aberta, desfere o vôo ahi para os lados da Beira Alta, e vai pousar no hombro do sargento-mór?

—O doutor não conhece as mulheres...—disse o rufião por entre frouxos de riso.—As que fallam muito e rijamente como a Traga-malhas, rompe-se-lhes a bexiga do fel; e, depois, é dar-lhes alpiste que ellas chegam-se ao comedoiro com a mansidão de pombas. Bem lhe importa ella o sargento-mór! O palerma foi o arco de que ella se serviu para desempolgar a frecha do ciume ao coração d'el-rei. Acertou a pontaria, e atirou o arco ao monturo.

—Homem! V. s.ª veja lá em que se mette!—redarguiu o ouvidor.—Olhe que o João da Veiga é um galhardo moço que desculpa a cegueira de mulheres mais isentas que a educanda do tal padre Luiz da Silveira.

—Elle é rico?

—Não: é filho segundo, tem o seu soldo, e uma mezada de doze cruzados.

— Estou descançado. Maria Isabel é mulher que teve liteira, teve coche, teve palacios, pagens e aias... Nada, não tenha medo, doutor. De mais a mais, o homem foi para a Beira, ha oito dias, não foi?

— Eu sei lá se foi! Sei que ha oito dias o intimaram.

— Mas que duvida tem o doutor quanto á ida? Se não obedecesse, seria espingardeado dentro de quarenta e oito horas como desertor, logo que o apanhassem. Com toda a certeza, deve ter partido; e, a esta hora, está nas linhas do Alemtejo.

— Mais perto está de Lisboa... Cuidado lá, ouviu? Que não vá elle, pelo menos, concorrer com o rei.

— Hade ter bons espiões. A moira vae viver encantada nas visinhanças do paço de Cintra. Agora vou eu escrever ao meu mordomo para que me tenha o ninho bem tecido de folhagem e afestoado de flores, e convide todos os cantores do bosque a saudarem a chegada da philomela. Vossa mercê não imagina os pinchos de alegria que me dá o coração no peito! El-rei, se eu lhe não levasse esta fada, estourava como qualquer mortal, sujeito a estourar de amor. Que quer o meu amigo? Nunca topou outra que o tratasse mano a mano e com a sem ceremonia d'esta. Pelo que tenho ouvido da propria bocca de sua magestade, ella, quando se arrufava, batia o lindo pé no tapete...

— E el-rei?... consentia!

— El-rei... beijava-lhe o pé.

— Ó monarchas portuguezes!—exclamou o ouvidor.

— Que está vossa mercê a chamar ahi os monarchas portuguezes!? Convença-se, amigo, de que foram assim todos... ou peores...

XX

A resposta de Antonio de Cavide, inspirada pela exultação, louvava o tino de Maria Isabel, quanto á reforma das suas impensadas recusas, e não menos pelo que era da educação de sua filha, n'aquelle mosteiro, temporariamente. Sentia, accrescentava o alcaide de Borba, não poder confiar ao papel os jubilos de sua alma, satisfação antecipada ás enchentes de goso em que ia ver innundar-se o coração do mortal mais digno de ser querido:—lyrismo esparramado com que o lançarote indigitava cautelosamente seu real amo. Dispunha os pormenores da sahida: ás Ave-Marias do seguinte dia, se s. s.ª quizesse, iria elle esperal-a na portaria do mosteiro; pernoitariam em casa do ouvidor; e, na seguinte manhã, começariam a sua feliz jornada, com tão alegres alvoroços quantas haviam sido as maguas da outra jornada que trouxeram, dois annos antes.

Ao mesmo tempo, recebeu Maria Isabel resposta do escripto que enviára a João da Veiga Cabral. Leu-o com os olhos vivacissimos de contentamento, e começou des-

de logo com febril actividade os preparativos da sahida, consentindo que Angela passasse a noite na cella da sua mestra. A presença da filha quebrava-lhe a energia, agonisava-lhe o coração, e era-lhe um como despertador pungente de voluptuoso sonho.

Fechada na sua alcova, Maria Isabel costurou uma charpa de seda, modelada pela sua cintura, com algibeiras interiores que abriam a todo o circuito. O seu cacifo de joias era preciosidade de alguns mil cruzados, herança de avós, amealhadas desde as primeiras que o Oriente enviára á sumptuosa rainha dos mares. Tirou os pingentes, anneis, manilhas, relhos e collares, e embolçou tudo na charpa, exceptuados dois brilhantes de muito valor, engastados em um par de arrecadas. Feito isto, enfardelou em uma malêta ou escarcella alguma roupa branca. Depois, queimou todas as cartas de João da Veiga, lendo as primeiras e as ultimas. Finalmente, fechando cuidadosamente a charpa com as joias em uma arca de moscovia atauxiada de pregaria branca, foi em demanda da prelada, que a recebeu com bom ar e muita cortezia. A irmã do camaréiro-mór já sabia que o desconhecido devia ser um «commissario regio», designação que hoje recende a *burocracia*, e n'aquelle tempo e occasião aspirava perfumes de amores. Aos olhos da prelada, Maria Isabel, amante restabelecida do monarcha, social e não religiosamente fallando, valia mais que Maria Isabel inclaustrada, pallida de jejuns, e mordida pelas puas dos cilicios.

Conversaram detidamente ácerca da menina. Louvou a abbadessa o bom accordo da mãe no deixal-a confiada a senhoras que tanto lhe queriam. Condicionou, porém, que Angela não seria considerada pensionista, quando

Maria Isabel lhe perguntou quanto devia estabelecer mensalmente para as despezas de sua filha.

— Se ella, no futuro, quizer ser freira, dê-lhe então o dote.

— Minha filha, se Deus não desfizer o que está feito, será rica. Eu herdei vinte mil cruzados de meus pais, e tudo que herdei está intacto. Os meus rendimentos sobram ás minhas despezas. Entretanto, como não ha nada seguro n'esta vida senão a morte, quando venha a succeder um tufão de infelicidade arrasar o edificio das minhas esperanças, desejo que minha filha tenha seguro o dote para poder ser religiosa n'este convento, se a vocação a chamar. Deposito nas mãos de v. s.ª estas arrecadas, que valem mil e duzentos cruzados, o dobro, segundo ouvi dizer, do dote de uma freira de S. Bento. Se eu tiver morrido ou empobrecido, v. s.ª, ou quem no futuro tiver a prelasia d'este mosteiro, fará vender estas pedras, e converter o producto na profissão de minha filha.

A abbadessa recusava acceitar o deposito intempestivo; mas venceram-na as instancias de Maria Isabel, e até certo ponto uns agouros, que lá no interior futuravam desastre á fascinadora amasia d'el-rei, fundados nas particularidades que suas sobrinhas lhe contavam dos ciumes da rainha.

Angela, procurando a mãe, entrou quando as duas conversavam. A prelada mostrou-lhe os pingentes, e disse-lhe:

— Olha, menina, que lindas e ricas arrecadas tua mãe te dá... vês? gostas muito d'ellas?

— São bonitas... — respondeu Angela friamente.

— Queres que eu t'as ponha?

— Não, minha senhora — volveu a menina. — Tenho estas a que estou affeita.

E, mostrando umas argolinhas de ouro com pingentes de coraes em fórma de romãs abertas, continuou:

— Foi meu pae que m'as deu.

— Como ella ainda se lembra!— observou a prelada olhando intencionalmente para o aspecto mal assombrado da viuva de Domingos Leite Pereira.

— Lembro-me como se fosse hontem — proseguiu a menina. — Foi no dia dos meus annos. O meu pai levou-me comsigo á rua dos Ourives,.. e, a cada passo, me apertava muito a mão, e abaixava-se para me beijar...

Maria Isabel ergueu-se de golpe, e disse:

— Não incommodemos a sr.ª dona abbadessa, que são horas da sua ceia. Tenha v. s.ª muito boas noites, e haja commigo a caridade de pedir ao Senhor que me não desampare. Estou farta de viver...

E, arrancando um profundo ai, abraçou-se na religiosa a chorar.

. . . . . .

Por noite alta, sahiu da sua alcova, e passou á da filha. Angela dormia serena como estatua de jaspe nas almofadas alvissimas de um sepulchro. Maria Isabel tomou a lamparina do oratorio, collocou-a de modo que a flamma tremeluzia no rosto da menina, e contemplou-a largo espaço, quanto a torvação das lagrimas lhe permittia. Quiz embargar os soluços com a colcha da cama; porém a afflicção rompera em tremulos gemidos. Angela acordou espavorida, e sentou-se na cama, estendendo os braços á mãe para se assegurar de que não sonhava.

— Sou eu, sou eu, filha...—murmurou Maria Isabel — não tenhas medo...

— Eu cuidei que sonhava... A mãe que tem?...

— Deita-te, deita-te, Angela, que eu vou-me embora...

E, de repente, curva-se para a filha, comprime-a com ancias ao peito arquejante, e diz-lhe em convulso arrancar de voz:

— Perdoas-me? perdoas-me, filha da minha alma?

— Ó minha mãe!... — exclamou a menina, passando-lhe as mãos pelas faces com muita meiguice.

— Perdoas-me, sim? lembra-te sempre que me viste estas lagrimas... Olha bem para mim... Não te esqueças... E, quando te disserem que me desprezes, dize tu que me viste chorar muito, na ultima noite em que vim dizer-te adeus... Não te esqueças, não, Angela, minha pobre filha?!

E, sahindo pressurosamente, disse á creada que fosse para a beira da menina até que ella adormecesse.

Oh! a noite que Maria Isabel vellou devia resgatal-a de parte de suas culpas na justiça, não direi já na misericordia, do Altissimo!

XXI

Por volta da uma hora da manhã de 10 de maio d'aquelle anno de 1649, rentes á casa do ouvidor estavam dois homens attentos para uma sacada do unico andar do edificio. Quando uma luz vasquejou nos rotulos e recuou tres vezes, João da Veiga, auxiliado por um possante barbaçudo, hasteou uma escada contra o peitoril da janella; pela qual, pouco depois, foi lançada uma escarcela de viagem; e, em seguida, Maria Isabel, transpondo destemerosa o peitoril da janella, desceu os degraus da escada com firmeza e gentil denodo. O cavalleiro, logo que a poude receber nos braços, desceu-a amparada no seio; e ella, acingindo-se ao pescoço no amplexo dos dois braços, segredou-lhe melodiando a voz com alegre alvoroço:

— Estou livre, e tu estás meu escravo.

— Até á morte — disse elle.

D'ahi caminharam a pé até ás margens do Fervença, que banha os muros da cidade. O creado de João da Veiga entrou no portão de uma quinta, e sahiu com tres

cavallos. Maria Isabel tremeu de subir á cella de encontros, pela feição das modernas andilhas; mas não se denunciou ignorante de equitação: apenas disse:

— Queres fazer de mim cavalleira? Má discipula te prometto...

Caminharam em trilhos pessimos: era-lhes preciso ganhar a raia de Hespanha meia legua á esquerda de S. Julião, para evitarem o encontro de tropas do conde de Atouguia postadas na fronteira.

Ao alvorejar da manhã transpunham o Manzanas, que divide os dois reinos, e ao fim de doze dias haviam feito um passeio de quarenta e quatro leguas, que tantas se contavam de Bragança a Zamora. Pouco mais de tres leguas em dias de maio! Não era andar pouco para amantes, sejamos cordatos. E, depois, a primavera, aquellas madrugadas fragrantes, e as noites trinadas pelos rouxinoes das ourelas do Miste e do Esna! Uma, duas, tres noites passadas na *Barca de Manzanal*, onde a pá do barqueiro chofra na onda limpjda, e esparge dos sinceiraes as revoadas das arvéolas! Outras duas ou tres noites nos bosques de Alcanices, onde havia um marquez, aparentado com João da Veiga Cabral, que os hospedou galhardamente, e os acompanhou a Zamora! Muito andaram elles em doze dias, se me não illudem as vagas memorias que ainda conservo de como andavam, ha trinta annos, os amantes fugitivos, quando as estradas pareciam combinar-se com o amor para lhes retardar o goso de fugirem.

Agora, deixemol-os ir. Sejam felizes, se poderem; vejam lá se conseguem ser os primeiros.

O que se passou em Bragança, pouco mais ou menos, foi o seguinte: ao arraiar da manhã o ministro foi

bater á porta do quarto do ouvidor, annunciando-lhe que era dia; que mandasse chamar as duas liteiras, e fizesse avisar D. Maria Isabel.

Chamaram-se os liteireiros, e foi uma creada tocar de mansinho, e depois mais forte, e por fim rijamente na porta do quarto da hospeda. Como ninguem respondia, a creada espreitou; e, vendo o quarto alumiado pela claridade da manhã, bateu dois murros inuteis nas almofadas das portas. Por fim, acudiu o amo á bulha, e presenciou, com a bocca e os olhos escancarados, que a janella estava aberta, e que no quarto não tugia folego vivo. Averiguado isto com rara subtileza, deu de murros e joelhos contra a porta, partiu-lhe a lingua da chave e entrou. A cama estava como se a fizessem n'aquelle momento: a dobra do lençol irreprehensivelmente lisa, as rendas das fronhas engommadas e lustrosas, tudo como quando a hospeda entrára, menos a janella aberta, e menos ainda a escada petulantemente debruçada no peitoril, espreitando para dentro o ouvidor.

Antonio de Cavide tambem era espreitado pela escada. O seu horror era o grau supremo da embaçadella que põe na cara de um homem um provisorio ramo de stupor. Todas as fulminações contidas em todas as apoplexias conhecidas lhe pesavam no queixo inferior. Era a bestialidade no assombro!

— Que lhe disse eu! — rosnou o ouvidor. — Ali tem a escada... Fugiu!

— Fugiu!... Agarre-se! — exclamou a sacões o alcaide-mór.

— Agarre-se?... agora!... nem nas botas, que ella usa chapins — disse o magistrado com extemporaneo chiste. — E sabe com quem fugiu? com o Veiga

Cabral!... Vá procural-os a Hespanha, se lhe parece...

— Providencias em nome d'el-rei, sr. ouvidor da comarca de Bragança! — exclamou o mantieiro.

— Vão dar-se! — respondeu solemnemente o magistrado — mas, sr. ministro, lembre-se do *abyssus abyssum:* o escandalo chama o escandalo. Quererá el-rei que se assoalhem estes tão tristes quanto irrisorios casos?

— Cumpra o seu dever! Mande perseguir o desertor e a... e a... meretriz!

— Immediatamente.

O ouvidor mandou chamar quadrilheiros, embargar cavallos, e avisar o governador do castello. Em pouco menos de uma hora, marchavam peões e cavalleiros para a fronteira.

Publicou-se logo em Bragança a fuga de Maria Isabel com o fidalgo Veiga Cabral, e a marcha dos aguasís e soldados na perseguição do desertor. No mosteiro ia um redomoinho de habitos e veos brancos de caza para caza, de grade em grade, a receber noticias, a ouvir o falario das praças contra a recolhida que deitára a perder um senhor que era a alegria e o brazão da terra. As irmans do fugitivo não sahiam do côro pedindo a Deus o livramento do irmão. Diziam-lhe as religiosas, como conforto, que João da Veiga seria arcabuzado, se o apanhassem.

Houve senhoras por tanta maneira irritadas contra Maria Isabel que proposeram á prelada a expulsão da filha de tamanha devassa para que não se pensasse que, na caza de Deus, se amadurecia para a perdição o fructo de tão maldita arvore.

Angela ouvia e percebia tudo; escondia-se a chorar,

e perguntava á creada se a sr.ª abbadessa a mandaria para a mãe.

—A menina já não tem mãe—respondia-lhe a creada.

—Peça a Deus que estas senhoras tenham compaixão da sua miseria.

E a creança, de mãos erguidas, pedia a Deus o que a creada lhe ensinava.

Ao fim da tarde, voltou a escolta. Soube-se que João da Veiga, com uma mulher e um creado, haviam sido encontrados em uma povoação castelhana. O almocreve, que os encontrára, era portador de uma carta do fidalgo para suas irmans. Maria Isabel, á margem d'essa carta, escrevêra: *Minhas inimigas, pelo amor de Jesus que vos recommenda a caridade, amai minha filha; não lhe falleis mal de mim: deixai-a ignorar as terriveis luctas em que a mulher é sosinha a pelejar contra todo mundo.*

As religiosas Veigas rasgaram a margem escripta por Maria Isabel, e disseram:

—Não tem vergonha!

—Forte descarada!

—Cara estanhada!

. . . . . .

. . . . . .

Angela expiava a ignominia de sua mãe. As santinhas monjas, que tanto se deliciavam na sisudesa precoce da menina, afastaram-na da sua companhia. A mestra falecêra, e abraçara-a na hora final, murmurando: «Infeliz anjo! eu vou pedir ao Senhor que te chame.» A prelada, coagida por escrupulos, intendia que a filha de tal mulher não podia crear-se para freira de ordem, onde se inquiriam costumes precedentes dos pais das pos-

tulantes ao noviciado. Quanto ao pai, morrêra inforcado como regicida; quanto á mãe, corria fadario de concubinato por esses mundos de Christo. Impossivel dar o habito de Santa Escolastica, irmã do patriarcha S. Bento, á filha de semelhantes paes! Toda a gente applaudia a prelada, e a justificava com os artigos da Regra da Ordem.

Não sabiam, porém, que destino dar á menina, quando ella prefez os dez annos.

Consultaram o ouvidor, que já era corregedor em Lisboa. Antonio de Cavide foi consultado, e respondeu:

—Não me falle n'esse canalhismo de Traga-malhas! Diga á prelada que lhe dê uma roca e um fuzo.

Foi a resposta textual do corregedor.

—Esta rapariga—optou uma freira oriunda do Minho—deve ter parentes em Guimarães por parte do pai. Se a sr.ª dona abbadessa quizer, eu escrevo a minha irman cazada em Guimarães, pedindo-lhe que indague.

—Bom será — assentiu a prelada — Eu tenho ahi os brincos que a tal douda deixou; se a pequena tiver parentes, entrego-lh'a, e mais os brincos, e lá se arrangem.

XXII

Antonio Leite, o cuteleiro, recebeu ordem de ir a caza do sr. de Abadim e Negrellos, Gonçalo Lopes de Carvalho.

Fallou-lhe na sala de espera a fidalga, n'estes termos:

—Mandei-o chamar para responder a minha irman que me escreveu do convento de Bragança. Pergunta-me ella se ainda vivem em Guimarães alguns parentes do infeliz Domingos Leite Pereira.

—Vivo eu que sou seu pai, e vive minha mulher que é sua mãe.

—Eu sabia isso mesmo. Ora, agora, diz minha mana freira que no convento, onde ella está, vive uma menina de dez annos, filha de Domingos Leite...

—Filha de...—exclamou o velho com arrebatada alegria.—A minha neta vive n'esse convento?!

—Com toda a certeza, e em ruins circumstancias, porque a mãe hade haver seis mezes que fugiu com um militar para Castella, e deixou a filha abandonada á caridade das religiosas. Ora vossê bem sabe que as mães

mal comportadas não são boa recommendação para as filhas. Minha irmã pergunta-me se, no caso que a rapariga tivesse parentes, elles quereriam ir buscal-a...

—Querem, sim, minha illustre senhora, querem...— atalhou o velho.—Eu não posso partir já que é noute; mas, assim que romper a manhã, metto-me ao caminho, e vou mais alegre do que iria buscar uma herança de cem mil cruzados, minha senhora! Muito obrigado, muito obrigado a V. S.ª. Deus lhe dê as consolações que me dá a mim, quando já tinha perdido a esperança de encontrar a minha neta!

—Pois se vai buscal-a, eu lá lhe mando a caza uma carta para minha irman.

—Bem haja, minha senhora!

O pai de Domingos Leite contou á mulher, a impar de jubilo, a imprevista felicidade que Deus lhe dera. A noite parecera-lhe infinita. Ao repontar da aurora, estava a caminho, cavalgado na sua egua, com outra de andilhas muito secias, pintalgadas de amarello e azul, destinadas ao transporte da neta. A exultação remoçara-lhe o sorriso, que havia quatro annos lhe não rossára os labios. O espectaculo do filho no patibulo e o phantasma de Roque da Cunha a escabujar-lhe debaixo do joelho, espancara-os a visão incessante da sua netasinha, d'aquelle rosto desconhecido que elle composera com as feições que o saudosissimo pai lhe delineara em Castella.

No termo de quatro dias de apressado andar, chegou a Bragança, informou-se do mosteiro, mandou a carta á freira, e esperou com anciosa impaciencia.

Conduziram-o a uma grade. Momentos depois, a primeira pessoa que lhe appareceu foi a neta esbofada de cançasso, alvoroçada, radiosa de jubilo.

—Meu avô!—exclamou ella.

O velho estirou os braços a dentro das rêxas de ferro, como se podesse apertal-a n'elles. Não fallava: soluçava, e engulia as lagrimas. Era um chorar suffocativo em arquejos de creança.

A menina encarava-o tão respeitosa e enternecida que sentia impulsos de ajoelhar diante d'aquelle ancião de barbas alvissimas que lhe cobriam o peito. N'este conflicto, chegou a prelada. Antonio Leite enxugou as lagrimas, e balbuciou:

—Eu, minha senhora, sou o pai de Domingos Leite, que morreu por amor d'esta filha que ahi está. Venho buscar minha neta, e pedir com as mãos postas que m'a entreguem.

—Não tem precisão de pedir, bom velho!—respondeu a abbadessa.—Tu queres ir para teu avô, Angela?

—Sim, minha senhora.

—E quando quer partir para a sua terra? perguntou ao cuteleiro.

—Hoje mesmo, se V. S.ª der licença.

—N'esse caso, menina, vai-te preparar. Estão ahi duas arcas de tua mãe, creio que são roupas; onde quer que lh'as mande?

—O quê, minha senhora?—perguntou o cuteleiro.

—Os bahus de sua nora? onde quer que lh'os mande pôr?

—Eu não os acceito.

—Isso é singular! pois se elles são de sua neta!

—A minha neta não os acceita, já disse a V. S.ª

—Esta agora! Em fim que hei-de eu fazer-lhe?! Dêsça vossemecê ao pateo, e espere lá sua neta, que ella vai despedir-se de algumas senhoras...

—Angela—atalhou o ancião—vai beijar os pés da senhora freira que escreveu para Guimarães a perguntar pelos teus parentes.

—Sim, meu avô... eu não tenho que despedir-me senão d'ella e da sr.ª dona abbadessa, e de duas creadas que me tratavam bem. As outras senhoras desprezam-me, sem eu lhes fazer mal... Mas irei a todas, se a sr.ª dona abbadessa o quer.

—A culpa teve-a tua mãe, menina!... Vai, vai... Despede-te de quem quizeres.

Antonio Leite esperou encostado ao raro do locutorio longo tempo.

Abriu-se a portaria. A neta pendurou-se-lhe do pescoço; elle estreitou-a ao peito, ergueu-a ao alto como se fosse uma creancinha, e, parecia acalental-a nos braços, ao som de umas palavras cortadas de gemidos. E, como se não podesse ter-se, sentou-se em um degrão, com a neta nos braços, e murmurou:

—Deus não consentiu que a dôr me matasse; não hade permittir agora que a alegria me mate; mas se eu morrer, Angela, irei dizer a teu pai que te vi, que te beijei, que chorei nas faces onde elle tantas lagrimas chorou.

—Eu lembro-me...—disse ella.

—Lembras-te de teu pai? tu, minha filhinha?

A prelada chamou o avô de Angela ao limiar da portaria; e, tirando de uma caixinha adamascada os dois pingentes que Maria Izabel lhe destinára para a profissão da filha, mostrou-os ao velho e disse:

—Estas arrecadas deixou-as em meu poder, sua nora, para um fim que infelizmente é impossivel. Se Angela estivesse no caso de ser freira, estes quatro dia-

mantes, que valem mil e duzentos cruzados, seriam vendidos, e o producto applicado ao dote de Angela. Assim, tome vossemecê conta das arrecadas, e converta-as em dote da sua netinha.

Antonio Leite não estendia a mão a receber a caixinha, que a prelada lhe offerecia.

—Ahi tens, Angela, toma as tuas arrecadas—tornou a abbadessa.

A menina estendêra o braço com a mão aberta para recebêl-as; mas o avô pegou-lhe do braço, retrahiu-o para si, e disse:

—Minha neta não acceita!

—O homem é esquisito!—disse a prelada á porteira e ás criadas.—Então pelos modos vossemecê é muito rico?—perguntou ella sem intender a magestade d'aquelle désapêgo das arcas e dos pingentes.

— Se sou muito rico, minha senhora? — disse o pai de Domingos Leite. — Então v. s.ª não sabe que eu sou cuteleiro?

— Sei, mas...

— Mas entende v. s.ª que um homem não póde ter honra sem ter brilhantes!... Eu sou rico bastante para vestir a minha neta de linho no verão e de estamenha no inverno; mas qualquer das roupas muito limpas, sem nodoas, não é assim, Angela?...

— A final de contas — concluiu a prelada — aqui fico eu feita guarda-roupa e guarda-joias da sr.ª Maria Isabel.

— Ella virá pedir as arcas e as joias um dia, sr.ª abbadessa; a minha neta pede a v. s.ª que as dê então como esmola a sua mãe... porque, emfim, é sua mãe.

E, reparando nas lagrimas da neta, perguntou-lhe:

— Porque choras, Angela? Tens pena de tua mãe?

— Tenho, sim, meu avô... Ella pediu-me, a chorar, que... lhe perdoasse...

— Pois perdoemos-lhe todos...— murmurou o ancião.

XXIII

Quem procurar o propulsor involuntario dos actos que pozeram Domingos Leite no caminho da forca, topa Francisco Mendes Nobre, o moço hebreu, que, em Madrid, prestou ao marido de Maria Isabel as chaves dos seus dois predios em Lisboa. (1) Se Domingos Leite não viesse então á côrte resolvido a levar a filha, desconheceria o adulterio da esposa com o frascario D. João; e, quando mesmo a noticia d'esse vulgar infortunio o alcançasse em Madrid, não se teria dado a contingencia acerba de saber o marido ultrajado, pela confidencia do marquez de Gouvêa, que a mulher e o amante o mandavam prender nas casas da rua dos Vinagreiros e das Olarias.

N'esse lance, entranhou-se-lhe no animo a ancia de vingar-se, e logo a tentativa na procissão de *Corpus-Christi*, e por fim o plano de fugir com Angela para Hollanda, onde o esperava a valiosa e verdadeira amizade do hebreu.

(1) *O Regicida*, pag. 124 e seguintes.

Se ninguem accusava Francisco Mendes, arguia-se elle a si com excessiva severidade. Quando chegou a Amsterdão a noticia do supplicio de Domingos Leite, foi tamanha a paixão do israelita, excruciavam-no uns remorsos tão inconsiderados, que houveram os da sua nação receio que a tristeza o endoudecesse.

Quizera elle despontar os espinhos da magua, liberalisando os seus haveres á filha extremecida do amigo morto; mas, por mais que pedisse esclarecimentos aos seus amigos de Lisboa, ninguem sabia onde paravam a mãe nem a filha: apenas lhe informavam que os bens de Domingos Leite haviam sido confiscados, vendidos, e convertidos em beneficio do fisco e da camara real, segundo rezava a sentença, e que aos descendentes do justiçado se mandaram impôr as penas de infamia perpetua, que por direito lhes eram impostas.

Francisco Mendes Nobre, lembrando-se que Domingos Leite era de Guimarães, teve modo de descobrir a existencia do cuteleiro. Escreveu-lhe, offerecendo-lhe dinheiro, e pedindo-lhe noticias de sua neta. Quanto á offerta do dinheiro, respondeu que o acceitaria para comprar a lingua de Roque da Cunha, se Roque da Cunha vivesse; quanto á neta, deplorou-se por não poder informal-o.

Dobraram-se os annos e cresceram as amarguras do hebreu. A mulher, que o seguira de Lisboa a Hollanda, era morta. Aos vinte e nove annos, rico e estimado, errava por todos os paizes em busca de diversões á raladora idéa do honrado marido e carinhoso pae, inforcado e esquartejado.

Impulsavam-no as saudades para Portugal; mas o santo officio offerecia-lhe pessimo termo e repouso ás suas maguas.

Concorreu, no entanto, um successo que lhe abriu as portas da patria.

Em 1649 ou 1650 D. João IV mandára levantar um emprestimo em Hollanda para comprar armaria. Seis mezes depois, as letras eram protestadas por falta de pagamento. Alguns hebreus salvaram a firma do rei de Portugal, pagando-as; e um dos mais generosos n'este lanço de extremado patriotismo fôra Francisco Mendes. Tanto a este, como a Jeronimo Dias da Costa, bem assim aos outros christãos-novos foi decretado o perdão e concedida licença de voltarem a Portugal. A Francisco Mendes Nobre agraciou o rei com o habito de Christo, e a Jeronymo Dias da Costa nomeou seu ajudante. S. Domingos, envergonhado da villania do rei falido de credito, cobrira o seraphico rosto com o capuz. Entretanto, a Inquisição, para applacar as iras de Moloch, ia queimando os hebreus, esquivos a pagar os petrechos da guerra e o salario das tropas.[1]

Em 1652, demorava em Lisboa Francisco Mendes Nobre. Admittido á convivencia dos grandes senhores, acaso ouviu fallar de Maria Izabel Traga-malhas em uma assemblea onde estava Antonio Cavide. Acudiu logo o cavalleiro de Christo, dizendo que havia conhecido essa formosa mulher, a primeira tafula de Lisboa, ainda na companhia do marido. Referiu o mantieiro de el-rei o que podia contar sem opprobrio seu ácerca de Maria Isabel, e concluiu que ella desgraçára João da Veiga Cabral, um valente môço, fugindo com elle para Castella, pelo que fôra condemnado á morte.

—Mas está gordo, segundo me informam, não ob-

[1] Veja *Carta ao Principe D. José* por D. Luiz da Cunha, e o REGICIDA, pag. 123.

stante a sentença — disse o ministro Pedro da Motta. — Se era cá sargento mór, é no exercito hespanhol mestre de campo. D. Luiz de Haro tem-o em grande estimação, e equipara-o aos seus mais valentes cabos de cavallaria. A tal Traga-malhas vive em Madrid pomposamente, e lisongeada em dôbro porque, sobre ser mulher do desertor, é tambem viuva do homem que tentou assassinar el-rei.

—Eu ouvira dizer, se bem me recordo — interveio Francisco Mendes—que Domingos Leite Pereira tinha uma filha... e até me parece que o vi com ella algumas vezes.

—Tinha—respondeu Cavide.

—Morreu?

—Não sei... Quando a mãe fugiu do convento com o tal Veiga Cabral, a pequena ficou no mosteiro.

—Talvez lá esteja...—disse com alvoroço o christão-novo.

—Não está — explicou o corregedor que havia sido ouvidor em Bragança— Essa rapariga, segundo me escreveu de lá a prelada do convento, foi para a companhia do avô, que era ferreiro, serralheiro, ou não sei que, em Guimarães. Agora, se é viva ou morta, não sei. Se é viva, e sahir á mãe, hade ser boa peça; se sahir ao pae, tambem ha de ser cunha de bom páo.

A palestra mudou de assumpto, cortada pelo alcaide-mór de Borba, que se confrangia, quando lhe espertavam recordações de Maria Izabel. Era magua que lhe doia no imo do peito pintar-se-lhe na fantasia a cara d'el-rei, na hora funesta em que lhe levou ao paço de Alcantara a noticia da fuga pela janella, e as insolencias e zombarias com que a despejada mulher o injuriara e

escarnecera. D. João IV mordêra a polpa do beiço de baixo, expedira um rir asperrimo, e escondera-se do rufião para esvurmar o amor e a raiva em lagrimas e tregeitos.

E nunca mais, entre o rei e o ministro, se fallou de Maria Izabel.

Havia umas dores que prevaleciam ás do coração ludibriado: eram as da pedra na bexiga, e as da gota nos artelhos reaes.

XXIV

Angela illuminou de contentamentos a casa lugubre onde nascêra seu pae. A avó, que a tristeza regelára e encolhêra a um canto da lareira, absorvida na imagem do filho, desde que viu a neta, fiel retrato d'elle, sentiu nas arterias, com os estos da alegria, uma vitalidade remoçada.

Fez-se n'aquella casa a resurreição do filho redivivo em Angela. Os velhos cuidaram em dar á neta os possiveis regalos domesticos. Prepararam as ruinas, caleiaram as paredes encarvoadas da fumaça das forjas, desbravaram o quintal em que haviam murchado as plantações de Domingos, deram á neta o quarto renovado em que dormira o filho, esmeraram-se na delicadeza das comidas para que a menina, affeita a bons manjares, não estranhasse; em fim, como a viram muito entretida a lêr nos velhos livros de seu pae, não a desviaram d'esse recreio para as lides grosseiras da casa.

Angela, á volta dos doze annos, promettia extraordinaria belleza, sem todavia se parecer com a mãe. Do-

mingos Leite havia sido a gentileza varonil mais peninsularmente accentuada. Era moreno e anguloso de rosto; no brilho coruscante dos olhos e na finura aquilina do nariz dava a lembrar a raça hebraica. A filha herdara-lhe as linhas proeminentes, a côr trigueira, o fulgor dos olhos, o conjuncto de harmonia ou desharmonia que forma umas certas bellezas que, a um tempo, fazem inlevos na alma e ardores no sangue.

As fidalgas de Guimarães, quando a viam na missa e nas festas de egreja, buscavam occasião de a ouvirem, em quanto os fidalgos aproveitavam o ensejo para a vêrem. Tinha ella um conversar atilado e melancolico. Se indiscretamente lhe fallavam na mãe, ou lhe perguntavam por ella, abaixava os olhos, e não disfarçava subterfugios: retirava-se, e evitava o encontro de pessoas que fazem officio de caridosas para dar pretexto ás lagrimas das infelizes que lastimam.

O templo, a casa, a leitura e alguns passeios ao campo, em dias santificados, eram o agradavel viver de Angela.

Em um d'esses passeios, escolheram o souto de castanheiros que cobria o valle por onde corre a estreita rua que entra em Guimarães com a estrada do Porto. Era por ahi mesmo n'esse tempo a estrada que levava da ponte de Negrellos ao berço da monarchia.

Chegados ao souto, ao cahir da tarde, viram ao longe uma liteira com dois criados a cavallo.

—Aquillo deve ser grande fidalgo!— observou Antonio Leite.

—Será talvez o senhor de Abbadim, — disse Angela.

—Talvez seja o sr. Ruy Pinheiro, que vem de Barcellos a visitar os seus vinculos...—conjecturou o velho.

E esperaram sentados no recosto de um vallado.

Aproximou-se a liteira. O viandante mandou parar o liteireiro. Os criados apearam a receber as ordens.

Francisco Mendes Nobre sahiu da liteira, e, descobrindo-se diante do velho, que se erguera, disse:

—Peço-lhes o favor de sentarem-se.

—Estamos bem, senhor,—disse Antonio Leite.

Francisco Mendes encarou fixamente Angela, a termos de a fazer córar e descer os olhos.

—Esta menina—disse o hebreu—não é filha de Domingos Leite Pereira?

—É, senhor—respondeu o avô.

—Vi o pai nas feições d'ella. Eu desejo abraçal-a; mas é mister que eu primeiramente diga quem sou. Talvez se recorde, sr. Antonio Leite, que ha tres annos e meio lhe escreveu de Hollanda um homem chamado Francisco Mendes Nobre.

—Muito bem recordo; minha neta já muitas vezes leu a carta de vossa mercê. Dá-lhe um abraço, Angela...

Francisco Mendes, apertando-a ao seio, disse:

—Assim abracei seu pai, e sinto ainda no rosto o ardor das lagrimas d'elle.—E depois que a menina voltou escarlate de pejo para junto da avó, Francisco Mendes disse ao cuteleiro:

—Bem. Vamos d'aqui, sr. Leite. Eu venho de Lisboa a visital-os; espero que me não recebam a visita n'este castanhal.

—Muito me honra e alegra vossa mercê; mas terei eu casa digna...

—Tem, pois não tem?! Um amigo de Domingos Leite achará sempre na officina do honrado cuteleiro duas tabuas sobre que repouse.

—Hade ter duas tabuas e uma manta—accrescentou o ancião.—Eu fazia-o mais velho cá na minha imaginação! Quantos annos tem?

—Vinte e nove. Tinha vinte e tres quando conheci seu filho em Madrid, quero dizer, quando o conheci para o estimar como se estima um irmão; quanto a conhecel-o, muitas vezes o vi em Lisboa com esta menina pela mão, assim pequenina, com os cabellos em trancinhas pelas costas, e uns chapins escarlates... Isto me parece que foi hontem; e d'então para cá envelheci... A minha mocidade morreu quando seu filho foi assassinado... Silencio! não venho aqui pedir lagrimas a corações que já não podem têl-as... Perdôe-me...—disse commovido, apertando as mãos á mãe de Domingos Leite.

Debalde quiz o hebreu divertir o espirito para outros assumptos. D'ali até á rua de Infesta, fallou sempre em Domingos Leite, referindo por miudos todas as palavras que lhe ouvira a respeito de sua filha. Em Maria Izabel não fallou nunca, nem lhe fallaram n'ella. Immudecêra-os um santo melindre, que d'ambas as partes denotava primorosas almas.

Liteireiros e lacaios albergaram-se na estalagem da terra; Francisco Mendes foi habitar o quarto chamado do sr. frei Gaspar. Era ali que se alojava o irmão de Antonio quando vinha a Guimarães esparecer saudades da familia, dos seus arvoredos, e dos seus conventuaes franciscanos com quem noviciára.

Attentando na limpeza com que viviam, na abastança da meza, e lavor activo da officina, o hebreu concluiu que Antonio Leite era remediado. Frustrou-se-lhe assim o proposito de lhe offerecer ou dar delicadamente recursos.

— Eu poderia fechar a officina — disse o velho, passados alguns dias de hospedagem — porque tenho para ahi amealhados uns tostões, que bastariam para o passadio de dois velhos em fins de vida; poderia, graças a Deus, mas tenho esta neta, e é preciso arranjar-lhe um dotezinho...

— Não é — interrompeu Francisco Mendes.

— Não é! pois vossa mercê não sabe que ella é pobre!?

— Sei que é rica.

— Rica! do pae nada tinha que herdar; da mãe nada herdaria, ainda que a mãe viesse a morrer rica. D'onde lhe hade vir?

— Do homem em cujo coração Domingos Leite deixou gravada a obrigação de lhe adoptar a filha. Esse homem sou eu. O dote de Angela será maior que os vinte mil cruzados que seu pai esperava deixar-lhe, se a fatalidade o não abatesse quando a fortuna o tinha levantado tanto. Sua neta é rica, sr. Antonio Leite. No dia em que se lhe deparar marido digno d'ella, serei chamado para ditar a escriptura; e, se eu já não viver, o dote de Angela estará seguro em poder do meu testamenteiro. Agora, uma supplica: não diga a sua neta que eu lhe offereci dois punhados de ouro, que muitas vezes são dois punhados de lama petrificada que as lagrimas hãode diluir. Não lh'o diga, para que ella se não considere dependente de um estranho; não o diga a ninguem para que os ambiciosos lhe não ponham cêrco á sua innocencia. Quando ella, passados tres ou quatro annos, escolher um homem, cujo dote seja a probidade e a virtude no amor, então lhe dirá que é rica, para que ella não recuse a mão do homem honrado e pobre.

Antonio Leite enxugava os olhos marejados de gososo pranto, abraçava-o ternamente, e dizia:

— Não, meu querido amigo, eu não quero a minha neta opulenta, assim como não agourei bem da riqueza de meu filho. Eu penso em casal-a com homem do meu officio; dar-lhe esta casa, e alguns centos de mil réis com que ella possa resgatar umas terras que empenhei, quando fui levar dinheiro a Madrid ao meu Domingos, e quando depois fui a Lisboa... sim... quando fui a Lisboa... depois que morreu meu filho...

— Então vossemecê, depois da morte de seu filho, foi a Lisboa?... Que animo... que intento o levou? Procurar sua neta, provavelmente...

—Sim, eu procurei minha neta; mas... não era isso que me levava a Lisboa... Meu filho pedia vingança...

Coriscavam as pupillas do velho, incendiam-se-lhe as maçans do rosto, crispavam-se-lhe os beiços, e os braços estiravam-se tremulos ao longo do tronco. Francisco Mendes via-o assim a desfigurar-se, e entrou-se do receio de uma apoplexia.

—Que é? que tem, sr. Antonio? Sente-se mal?

—Não, senhor... Não tenho nada... Não está ninguem na saleta? veja... vá vêr...

—Ninguem...

—Venha cá... venha ao meu quarto...

Francisco Mendes seguia-o ainda temeroso de algum assalto de sangue á cabeça.

Antonio sentou-se na borda da sua cama, e proseguiu murmurando-lhe em segredo:

—O sr. Mendes soube que meu filho foi levado á forca pela mão de um homem a quem elle chamava amigo?

—Sei— respondeu o israelita mais confiado na sere-

nidade do velho.—Conheci em Lisboa e em Madrid esse infame Roque da Cunha que mataram...

— Matei-o eu!—exclamou cavernosamente o cuteleiro.

— Foi o sr. Antonio!— tartamudeou o hebreu.

— Matei-o eu... com esta faca!

E, tirando d'entre o catre e o enxergão o cutello, proseguiu:

—Veja.. aqui tem o sangue do traidor.. Fui eu.. assim..

E fez o gesto de dobrar o joelho sobre o agonisante.

— Foi assim... n'uma estrebaria, porque não pude enforcal-o na praça publica... O senhor horrorisa-se? Não vê que eu era pai! que só tinha aquelle filho, que morrêra innocente! que fôra Roque da Cunha quem o pozera nas mãos do carrasco!... E depois, senhor, não sabe que o rei encheu de beneficios, de riquezas, de pompas o traidor! e que eu não via a justiça de Deus nem a dos homens vingar meu pobre filho, que apodrecêra espetado em varas nas esquinas das ruas... Que havia de eu fazer, sr. Francisco Mendes? Eu, que tinha um braço ainda forte, que tinha esta faca, e a desesperação na alma... que havia de eu fazer, santo Deus!

—Eu não o censuro, sr. Leite; admiro-o com assombro de homem nascido em tempos tão degradados de heroismo!— disse Francisco Mendes.—Mas que desgraça! sr. Leite, que desgraça, se o descobrissem, se o rojassem no rasto de sangue de seu filho!... Matar um homem no meio de uma cidade, matal-o, e salvar-se!... Foi um prodigio! A providencia cobria-o com a bandeira da justiça... Parece que n'este mundo ha perversos, que Deus se peja de julgar no seu tribunal... Esses, quando a infamia dos julgadores os salva, permitte Deus que morram inultos como Roque da Cunha!...

XXV

Em quinze dias de convivencia, o hospede grangeára a estima de Angela e a paternal affeição dos velhos. A descerimoniosa facilidade do hebreu opulento não dava azo a constrangimentos nem sequer cuidados. Francisco Mendes regalava-se com os ares sadios, com os copados arvoredos, com os monumentos da ancian Guimarães, cuja população e actividade n'aquellas eras corria parelhas, se é que não se avantajava ás do Porto. Dizia elle que, a demorar-se em Portugal, edificaria casa em Guimarães; mas receava que, fallecido D. João IV, os hebreus que lhe acudiram nas pressas de dinheiro, seriam outra vez perseguidos para acudirem aos apertos do successor na corôa vacillante e arriscada á sorte de uma batalha decisiva.

Ao fim de dois mezes, Francisco Mendes Nobre annunciou a sua proxima ida para Lisboa. Antonio Leite não lh'a impugnou porque já se maravilhára da condescendencia do hospede. A velha encarou a filha com sobresalto. Angela ergueu os olhos para o avô, espe-

rando talvez que elle perguntasse a Francisco Mendes se não pertencia já á familia onde era tão querido de todos. Porém, contra a sua expectativa, Antonio Leite approvou que o seu amigo se fosse ás grandes terras onde havia regalos e divertimentos; ao passo que o inverno em Guimarães era somente soffrivel a quem o passava no escabello da lareira, assando castanhas, com o pichel do vêrde sobre a trempe da lareira... Alem de quê...

Angela ouvira desgostosa o avô, e não teve mão de si que não o atalhasse:

—Mas o sr. Francisco Mendes não ha muito que...— e susteve-se retida pelo rebate do pudor.

—Diga, diga, Angela!— pediu o hospede.

—Dize o que ias dizer...—instou o velho.

—Não ha muito — obedeceu Angela, entre timida e risonha — que o sr. Mendes dizia que, se ficasse em Portugal, havia fazer casa em Guimarães, porque se dava muito bem n'esta terra...

—E' verdade que disse — confirmou o hebreu.

—Então... depressa mudou...— redarguiu ella, animada pelo sorriso dos avós, que folgavam de a ouvir censurar com tal qual razão a versatilidade de Francisco Mendes.

—Não mudei, menina — replicou elle, interiormente regosijado da contenda. —Vou a Lisboa; mas volto na primavera.

—Pois é o que eu disse; — justificou o velho — quem está affeito á côrte não pára aqui os invernos. Os fidalgos de Guimarães quasi todos para lá vão n'este tempo, e por lá arruinam as suas casas. E' o que tem dado cabo da maior parte das familias antigas d'esta provin-

cia. Dizia meu pai que no tempo do sr. D. Sebastião os senhores dos passos, que eram muitos por esse Minho, se foram todos a Lisboa, por lá ficaram, e as casas acastelladas por ahi estão cheias de malvas e ortigas. Agora mesmo se vai vender a casaria do sr. Fructuoso de Freitas, que foi um morgadio d'aquella casta, creado ha mais de cento e cincoenta annos, dizia meu cunhado fr. Gaspar de Santa Thereza—Deus lhe falle n'alma—por um grande senhor chamado D. Gonçalo Lobo, que está sepultado em S. Gens de Monte Longo. Estes senhores Freitas esbandalharam os seus patrimonios lá por Lisboa, e agora vendem a sua casa do Toural.

—Pois, se elles vendem a sua casa do Toural—disse Francisco Mendes—vá vossemecê cuidar de m'a comprar, que então por aqui ficarei o inverno.

—Então não tem a nossa casa para passar o inverno?!—perguntou Angela.

—Responda já, sr. Mendes, á espivitada da minha neta—disse o velho, a rir.

—Respondo, sim;—redarguiu embaraçado, mas alegre—eu tenho esta casa; mas não me convindo ter outra fechada em Lisboa, mudo para aqui as alfaias que por lá tenho; de mais a mais, estão ahi os meus creados e cavallos em muito má pousada; convem-me ter casa accommodada, visto que heide provar á Angelazinha que não vario tanto que mereça a sua accusação de mudavel. Para a desmentir fico em Guimarães, ouviu? Mas, tendo eu casa minha, hade haver muito quem repare na esquisitice de ser hospede em terra onde sou proprietario, não é verdade, Angela?...

—Sim, isso é razão—applaudiu o avô.—Olhe, sr. Mendes, em quanto vossa mercê estiver aqui n'este ca-

sebre da rua de Infesta, ou alem no palacio do Toural, heide sempre cuidar que tenho em Guimarães tudo que ainda me faz pensar que meu filho não morreu de todo. Compre vossa mercê a casa, se quizer; vá viver n'ella, e venha estar comnosco todos os dias uma migalha de tempo; que eu tambem, em despegando cá da faina das forjas, lá irei, e mais a minha neta, porque a pequena vezou-se ás coisas que vossa mercê lhe conta lá d'esses reinos extrangeiros; e, se se vê sosinha comnosco, fica para ahi esterrecida. Eu bem me lembro que o pai d'ella, quando ia tambem nos treze annos, já não queria conversar senão com estudantes e sabios; fugia-me de casa para o frade boticario de S. Francisco, e ninguem o tirava de cima dos livros. Tudo se hade compôr... Eu não lhe dou tempo a mudar, sr. Mendes; vou já d'aqui procurar o sr. Fructuoso de Freitas, e saber quantos mil cruzados lhe custará a vossa mercê a casa e a quintazinha que é terra que dá açafrão.

Realisou-se a compra sem delongas. O escudeiro de Francisco Mendes foi a Lisboa, e voltou ao Porto nos hiates fretados de alfaias com as quaes a casa de Toural foi trastejada pomposamente. O cavalleiro da ordem de Christo, transferindo-se com a sua liteira, coche e parelhas para o restaurado palacete, tornou-se digno de ser visitado pela copiosa fidalguia de Guimarães, gente somnolenta com o gravame do grosso sangue suevo e gothico, a qual folgava de cabecear refastelada nas espaldas almofadadas d'aquellas cadeiras do hebreu, nunca vistas na terra de Affonso Henriques.

Aconteceu, um dia, concorrer o cuteleiro com os Carvalhos, senhores de Negrellos, com os Machados, senhores de Villa Pouca, com os Lacerdas, senhores de Pou-

ve, com os Fagundes, senhores dos morgadios do bispo D. Manuel Affonso da Guerra, etc. O hebreu ergueu-se da sua cadeira, e fez sentar n'ella o pai de Domingos Leite Pereira — o regicida — de quem o chronista fr. Francisco Brandão dissera *que Guimarães se envergonhava de ter produzido tal monstro.* Os fidalgos desde este conflicto do brazão com o cutello, dispersaram; e os mais espertos pegaram de rosnar que o ricasso da seita judaica, se ia á missa, era para encontrar a neta do cuteleiro, e acompanhal-a a casa com as cortezias e ceremonias dignas das senhoras Sodrés, das senhoras Lagartas, e das senhoras Prégos, tudo fidalgas da terra, oriundas das antigas Gozendes e Trucuzendas, Urracas e Ouroanas.

XXVI

Quando Angela prefazia quatorze annos, recebeu uma carta de sua mãe, enviada de Madrid. Esta carta fôra remettida á fidalga de Negrellos pela irmã religiosa em Bragança. Confidenciava a freira á irmã que, no mosteiro, se haviam recebido outras cartas de Maria Izabel para a filha; mas que a prelada as abria, lia e rasgava, dizendo que era peccado ligar, por meio de cartas, a rapariga innocente com a vádia da mãe. Accrescentava a religiosa que, por acaso, estando á portaria, recebêra aquella ultima carta, vinda de Hespanha por mão propria de um soldado desertor, o qual lhe dissera que o Mestre de Campo João da Veiga Cabral se havia recebido á face da egreja com Maria Izabel. *Maior motivo*— concluia a sóror—*para que eu remetta á filha a carta de sua mãe, que ja não é o que era, graças a Deus!*

Angela entregou a carta a seu avô, que não a quiz abrir. A menina, sem ordem d'elle, não ousava obedecer ao coração que lhe segredava: «é tua mãe que te

escreve.» Estava presente Francisco Mendes. Lançou mão da carta, e disse:

—Porque não? Leia a carta de sua mãe, Angela. Toda a infelicidade é uma expiação. Expiar é satisfazer á justiça de Deus, e o perdão de Deus principia com o castigo. Quem nos perdoará, senão perdoarmos?

Angela abriu a tremer a carta, e leu-a mentalmente, revelando no rosto alvoroços de prazer. Depois, entregando-a a Francisco Mendes, disse:

—Leia... Não estou triste... verá...

A carta de Maria Izabel dizia:

«Minha filha. N'este e no anno passado te escrevi todos os mezes. Se algumas cartas não passaram das fronteiras, sei que algumas chegaram ao convento. Se t'as não entregaram, praticaram uma inutil maldade; se as leste, e me não respondeste, permitta o ceu que as tuas filhas não venham a vingar tua mãe. De certo esqueceste, Angela, aquellas lagrimas que eu tanto e de joelhos te pedi que não esquecesses...

«Tens hoje quatorze annos. Deves ter coração e intelligencia para me entender. Aos dez annos, a tua razão era uma aurora a nascer clara e brilhante; hoje deves ter na alma, se não te houverem escurecido o entendimento, a luz que te guie atravez dos abysmos por onde o destino me arrastou.

«As minhas desgraças decerto as sabes, porque ninguem teria commigo e comtigo a caridade de as occultar. Se ao teu lado estivesse uma mulher que tivesse padecido, essa te diria que n'este mundo ha torturas que, se alguem devesse ser accusado por ellas, a victima decerto seria absolvida. A mim, filha, perderam-me. Eu nasci boa, timida, religiosa até ao fanatismo. Quan-

do tinha os annos que tens hoje, era tão digna de Deus como os anjos mais reveladores da sua gloria. Mas Deus permittiu que todas as minhas crenças e virtudes fossem despedaçadas. Rodearam-me as perfidias, illaquearam-me os laços da desgraça que eu não podia desfazer. Fizeram de mim o que... Basta, minha filha; este pudor de mãe dá-me recordações e santo orgulho de outro pudor que é esse que sentes ao ler estas linhas:

«Nas cartas a que não respondeste ou que não recebeste, minha filha, te dizia eu que o dia de voltares para tua mãe não estava longe. Agora te digo que essa felicidade, pedida a Deus, m'a concede a honra que teu padrasto me deu a mim ligando-me ao seu illustre nome, e o amor com que de ti me falla, considerando-te sua filha. Se esta carta não te é entregue pela pessoa que te hade conduzir á fronteira, onde heide ir esperar-te, é porque não conseguimos ainda licença do general, que ahi governa a provincia, a tua passagem na raia. Teu padrasto, que é mestre de campo no exercito hespanhol; foi condemnado á morte em Portugal: e o odio que ahi lhe teem impede que eu não possa ainda sentir-te nos meus braços como te sinto na viva saudade do coração; porém...»

—Basta!—exclamou Antonio Leite, não podendo soffocar a colera.—Basta, sr. Mendes! Não consinto que minha neta responda a essa carta!—E, arrancando-a da mão do hebreu, rasgou-a, e lançou pela janella os fragmentos.—Pois essa mulher—proseguiu o velho arrebatado—cuidaria que me levava a neta, a filha de meu filho!... Essa devassa pensava que...

—Sr. Antonio Leite—interrompeu Francisco Mendes—note que a mãe d'esta menina ignora que ella

está em casa de seu avô; presume que está no convento; pensa em leval-a para sua companhia, porque não sabe que os seus avós a recolheram. Não acho justos os motivos da sua irritação. O que me parece acertado é não se affligir por tão pouco, e conceder a sua neta que lhe responda, agradecendo-lhe o amparo offerecido, sem o acceitar, visto que se acha feliz na mediania em que vive.

—Não consinto que lhe responda! — sobreveio mais desabridamente o pai de Domingos Leite.—Se minha neta me quer matar, que o faça como essa mulher fez a meu filho, que se vá para a mãe; mas que me não receba cartas d'ella a fallar-lhe do amor do padrasto. Pois essa loureira de padres, de reis e de desertores cuidará que está hoje bastantemente lavada das suas infamias para receber uma menina de quatorze ànnos em sua casa?!

Francisco Mendes Nobre, avincando a testa, quando o velho irado proferia aquellas expressões indecorosas na presença de sua neta, e contra sua mãe, fez-lhe um gesto de silencio, e tomando-lhe o braço sahiu com elle de ao pé de Angela.

—Não se proferem semelhantes palavras diante de sua neta, sr. Leite — disse o hebreu.

—Tem razão...— balbuciou o velho, repêzo da imprudencia — Eu nem reparei que a minha Angela estava alli.

—E, quando mesmo sua neta alli não estivesse, deveria vossemecê abster-se de accusar tão duramente Maria Izabel.

—Duramente!—clamou Antonio Leite—vossa mercê desculpa essa vil...

— Desculpo essa desgraçada — retificou o hebreu.

— Então que conceito heide eu ter da sua amisade por meu filho, sr. Mendes?!—acudiu espantado o velho.

—Tenha o conceito que seu filho teve, quando me disse que se podesse ir para Hollanda com Angela, diria a sua filha que eu o salvára a elle da morte e a ella do opprobrio de sua mãe.

— Que mais quer? Ahi tem a conta em que meu filho tinha a mulher! Pois sabe d'outra mais digna de desprezo?

—Não sei quem são as despreziveis; o que sei é que são muitas as desculpaveis. Vejamos o que tem sido Maria Izabel... Quer-se recordar, sr. Leite?

—Eu lhe conto a vida d'ella.

—Não, que a sei. Seu filho não me occultou a maior nem a menor de suas desgraças. O primeiro, o fundamental infortunio de Maria Izabel, não se chama delicto. Ia nos quinze annos. Não se diz que uma mulher se deshonra quando ainda se lhe não alumiou a consciencia da honra. Se ella delinquisse, se a sua desgraça podesse chamar-se crime, que nome dariamos á perversidade do homem que seus pais lhe deram como mestre?

—Mas acceitou meu filho como esposo.

—Cégou-a o amor de seu filho, a ponto de não se vêr a si mesma. Não previu os resultados de um desastre em que o coração fôra estranho. Cuidou que a alma sem nodoas perservava tambem o corpo dos vestigios da culpa. Depois, como os olhos da razão lhe fossem abertos pelas desconfianças do marido, a desgraçada defendeu-se primeiramente com a mentira, depois com as lagrimas, e por fim com a confissão da sua involuntaria queda. Que se seguiu? Roque da Cunha matou o padre,

seu filho não se esconde da cumplicidade d'esse feito aos olhos da esposa, ella teme-o mas não lhe foge, quer seguil-o a Castella, roja-se a supplicar-lh'o e elle repulsa-a, já lhe concede a filha para que a leve, a menina olha com dôr para a mãe, diz não sei que expressões enternecidas, e seu filho vai sósinho para Hespanha. Maria Izabel esforça-se por passar a Madrid com a filha: quer vender os bens, pede protecção ao marquez de Gouvêa, que não lh'a dá, vai pedil-a ao rei, que se colloca na mesma linha do padre Luiz, e lhe abre a segunda voragem. O rei, pela bocca do ministro, levanta-lhe maiores difficuldades para passar-se á companhia do marido. O proprio D. João lhe diz que Domingos Leite apregoára em Madrid a sua queda, e as ignobeis relações de solteira com um padre assassinado. Apertam-na, cerram-na, abafam-lhe no coração os alentos da dignidade. A infeliz succumbiu n'um deslumbramento que bastaria a fazer cahir mulheres da mais alta linhagem rodeadas dos poderosos esteios dos respeitos publicos. E ella estava só, ultrajada, desprezada, e alvo de chocarrices dos fidalgos que a encontravam nas ruas. Para uns era rascôa do clerigo: para outros era a mulher do ex-escrivão do civel que se passára a Castella deshonrado a vêr se mesmo assim o lá queriam á mingua de traidores espertos. Eu vivia em Lisboa n'esses dias, e escutava indifferente a voz da canalha, que vestia saragoça, e da outra canalha que se ajaezava com perpões de sêda e casacas de Hollanda. A expiação de Maria Izabel aggravou-lh'a o terror de ser assassinada pelo marido. Valeu-se do rei para que a defendesse. Se ella estivesse a esse tempo defecada do vicio pelo remorso, iria offerecer-se ao punhal do esposo ultrajado. Teriamos então uma quasi san-

ta, e não uma mulher trivial como são noventa e nove mulheres onde está uma assembléa de rem. A hora da sua expiação ainda não tinha soado. Começou quando o rei a fez encerrar n'um convento. As torturas que precederam a fuga do mosteiro não as sei; mas o que tenho colhido das revelações de Angela é que sua mãe soffrêra aviltadores desprezos, e atravessou horrendas noites depois que fr. Gaspar entrou á casa capitular apontando-a como carrasco de seu marido. A fuga do convento, com um homem, póde ter sido um acto de desesperação, ou talvez fosse o effeito de uma paixão. Como quer que fosse, a mãe de Angela não praticou as asquerosas torpezas que assignalam nobilissimas mulheres que pizam tapetes do paço. Não lhe avultemos as infamias: até por piedade de sua filha não lh'as devemos incarecer. Diga vossemecê a sua neta que a esposa de seu pai foi victima de uma cadeia de fatalidades de que não podia resgatar-se, sem o auxilio de um amigo. E ella não teve só um. Quantos se aproximaram d'ella conspiraram em perdel-a.

Antonio Leite, ouvida a generosa desculpa, com a fronte apoiada nas mãos, deteve-se reconcentrado até que o hebreu, tocando-lhe na espadua, proseguiu:

—Não é isto verdade, meu amigo? que lhe diz o seu coração?

—Que meu filho foi enforcado no dia 21 de agosto de 1647. O meu coração não me diz mais nada.

XXVII

—Lidei muito e soffri muito... Vou nos setenta annos... Nenhum homem com os meus trabalhos chegava a esta idade... Agora, sim, conheço que é chegada a hora, meus amigos...

Assim fallava o cuteleiro a Angela e Francisco Mendes, em 1654.

Estava sentado no leito, em que a enfermidade o prostrára. Sua mulher intrevecera, intanguira-se no marasmo, perdera a memoria das dores e a sensibilidade moral, esquecera-se de si mesma, não tinha passado nem futuro. Pode ser que ella ouvisse o marido; mas como a toada remota de vozes inintelligiveis. Desde a morte do filho, a noite do sepulcro involvera-lhe a alma. Assim que deixou de chorar, tambem a luz da razão, quasi apagada pelas lagrimas, apenas bruxuleava por um milagre de amor á sua neta.

O velho, desde o leito, olhava para a sua companheira dos cincoenta annos trabalhosos e acerbos de sua vida, e dizia-lhe:

— Cá ficas ainda, pobre mulher: mas não hasde ser tu quem me hade fechar os olhos!... Serás tu, Angela, quem amortalhe a tua avó... Mal sabes tu que martyrios queimaram aquelle peito de mãe e de esposa.... Quando eu voltei de Lisboa, ha seis annos, sr. Francisco Mendes, ella abraçou-me a rir e a chorar... Chorava e alegrava-se porque me via, e esperava que eu lhe dissesse que o filho não era morto... Depois chorou muito, ficou ahi morta ao canto da lareira, e resuscitou nos braços de Angela. Ahi t'a deixo, filha... Nada de lagrimas, ouviram? Ahi t'a deixo, e... que farás tu, quando te faltar a companhia d'esse cadáver!? Vamos a saber, sr. Francisco Mendes... Ha muito que não fallamos de Angela... Ahi está a minha officina que ainda é a mais afreguezada de Guimarães... Seria bom conserval-a em quanto os melhores officiaes não mudarem de rumo... Se a trespassares, não faltará quem t'a pague vantajosamente. N'esta arca em que está sentado o sr. Francisco Mendes tenho as economias de seis annos. Se queres entrar em algum convento, Angela, chegar-te-ha o que ahi tens para dote. Não te peço que o faças, nem te desvio, se o queres fazer...

— Seria triste!... — murmurou o hebreu.

— O que, sr. Mendes? — perguntou o enfermo.

— Seria triste que os meus amigos ambos me fugissem, o sr. Antonio Leite para a sepultura, e Angela para o convento!... Eu, que não tinha familia, e vim aqui buscal-a, e me afflig a julgar-me tão amado como filho e como irmão, quando a morte e a religião me levarem o pai e a irmã, onde irei? Voltarei pelo caminho do desterro, e de lá direi a Angela as felicidades que encontrei...

— Eu não vou para convento nenhum... — atalhou Angela, assalteada de repentinas lagrimas.—Nunca imaginei que nós haviamos de separar... Tambem eu lhe chamava irmão, sr. Francisco Mendes, e o via sempre apparecer-me, se pensava que meu avô me faltasse um dia... Quando essa desgraça acontecer, heide pedir-lhe que me proteja como orphã e como filha do seu infeliz amigo...

Antonio Leite passou a mão pelo rosto da neta, e disse-lhe, sorrindo:

— Olha, minha Angela, vou dizer-te um segredo... Não quero morrer sem que o saibas... A tua orphandade não hade durar muito tempo... És muito rica, e ás orphãs ricas é permittido escolher o marido que as conforte das saudades de pais e avós. És muito rica... Pergunta ao sr. Francisco Mendes quanto somma o teu dote...

O hebreu encarou agitadamente o velho, em quanto Angela, não menos inquieta e estranha, esperava a resposta de Francisco Mendes.

— Diga o dote que tenciona dar a minha neta para ella se casar, sr. Mendes—tornou o velho.

— Para eu me casar!? — acudiu Angela com as faces illuminadas de pudor e sobresalto afflictivo, desviando a vista do hebreu que a olhava muito a fito.

— Não me disse que lhe reservava mais de vinte mil cruzados? — instou o cuteleiro.

— Disse e cumprirei — titubeou o israelita — vossemecê é que não cumpriu a sua promessa...

— É verdade, não cumpri; mas quem diria a minha neta que ella é rica, se não fosse eu?...

— Não, meu avô — atalhou Angela entre humilde e

altiva—eu sou pobre... O sr. Francisco Mendes não terá occasião de praticar a virtude de me dar um marido que custe os vinte mil cruzados... Irei para ó convento, se meu avô me deixa escolher o meu destino.

—Não, Angela, não irá para o convento, se seu avô me encarregar do seu futuro—disse Francisco Mendes commovido, com a mão de Angela nas suas.—Eu tenho querido escutar os intimos silencios da sua alma; nunca ousei pedir-lhe que a deixasse fallar alto; mas, agora, na presença de seu avô, e pelo descanço eterno da alma de seu pái lhe rogo que me deixe ver o que eu sou no seu coração... Falle...

—O que, sr. Mendes?—balbuciou ella, fitando-o e logo fugindo-lhe do penetrante olhar.

—Diga-me se, assim como me presa como irmão, me acceitaria como esposo...

Ella ergueu para elle os olhos aguados de subitas lagrimas, e não poude exprimir a palavra que lhe tremia nos labios.

O ancião estendeu os braços convulsos para Francisco Mendes, apertou-o ao peito, e soluçou em vozes cortadas:

—A minha neta já respondeu; ha muito que me respondeu a mim a essa pergunta... eu já sabia, sr. Mendes, que ella o adora... Eu lh'a dou em nome de meu filho... A sua alma está entre nós... Eu não tardo a ir dizer-lhe que abençoei a vossa união, quando só me restavam forças no braço para vos abraçar, meus queridos anjos... Vai, Angela, vai ver se tua avó põde perceber que te deixamos tão feliz; dize-lh'o; Deus hade querer que a pobresinha tenha ainda esta alegria no fim da vida...

O cuteleiro, suffocado pela crescente commoção, encostou a face ao hombro da neta, e murmurou a custo:

— Se esta alegria me não acabar, meus filhos, Deus hade querer que eu ainda viva algum anno mais... porém, se eu morrer, não me choreis, que as felicidades, que me faltaram em tão longa vida, m'as reservou Deus para esta hora...

XXVIII

D. João IV morreu em 25 de outubro de 1656, com cincoenta e dois annos de idade. As intemperanças da meza, as lubricidades de moço e de velho, a inercia dos annos que reinou, as maguas secretas, os terrores da queda do throno ao estrado do patibulo, os sustos das conjurações, e por ventura os remorsos, — de fóra parte as nevroses da gotta e as lancinantes puas dos orgãos mais lesados na golodice e na libertinagem — corroeram-lhe as fibras duras e ferinas d'aquellas pessimas entranhas. Á volta do seu leito da agonia, deviam de alvejar-lhe, á luz do dia eterno, os fantasmas dos assassinados com o cutello, como o innocente Lucena, e dos assassinados com a crueldade do desprezo, como seu irmão D. Duarte, e seu filho D. Theodosio, que a historia lamenta, capitulando o pai de parricida. Quanto á sangoeira dos fidalgos de 1641, no açougue do Rocio, condemnados pela lei e pela voz das turbas, o ferocissimo Bragança, que negociára depois com Filippe IV a fuzão de Portugal com Castella, na hora dos pavores

da eternidade, o negrume d'esse espectaculo devia lembrar-lhe que, elle, o maior traidor á patria, expirava rei, sob um esparavél franjado de ouro.

Assim que a noticia estalou em Hespanha, os generaes quebrantados pelos revezes de Arronches e Oliva, recobraram alentos.

N'este tempo, o mestre de campo João da Veiga Cabral militava na Catalunha, onde a rebellião já frouxamente resistia ás tropas aguerridas de Filippe IV. D. Luiz de Haro, protector do valente portuguez, mandou-o visinhar das fronteiras de Portugal, com dois mil soldados de cavallaria, que se uniram a doze mil de infanteria, commandados pelo duque de San-Germano. A primeira operação do duque foi pôr cerco á praça de Olivença, defendida pelo governador Manuel de Saldanha. Na defeza d'aquella mesma praça havia João da Veiga recebido as suas feridas mais gloriosas, e a patente que tão esplendido futuro lhe abonava. Amargurou-se-lhe a alma, quando avistou as muralhas da praça e distinguiu o baluarte que defendera, até cair exhaurido de sangue.

Na vespera do ataque á praça, mal defendida por quatro mil homens, o mestre de campo da cavallaria escreveu a sua mulher, sob a impressão de um funesto presagio. Pulsava-lhe no coração talvez o preconceito de ter sepultura debaixo das muralhas por onde, tão de subito, subira na escala da gloria á elevada patente com que D. João IV galardoava os cabos de guerra encanecidos.

Apesar do rigoroso cêrco, os sitiados defenderam-se quinze dias; mas, n'este em meio, o duque de San-Germano, sabendo que o inepto general portuguez, o conde

de S. Lourenço, em vez de descercar Olivença, marchava sobre Badajoz, enviou áquella praça João da Veiga, em quanto o conde atacava o forte de S. Christovão, áquem do Guadiana.

O mestre de campo resistiu com poucos soldados, sepultando ás abas dos muros de Badajoz setenta portuguezes, pela maior parte officiaes de provada bravura e da flor da fidalguia portugueza. João da Veiga, além do natural denodo, arrojava-se como todos os que lançados em Castella, para suffocarem o grito surdo do opprobrio, rompiam como ebrios um sulco de sangue por onde attingissem a gloria no triumphe ou o esquecimento na morte bem vingada.

Logo que o general portuguez levantou o assedio de Badajoz com trezentos feridos, João da Veiga voltou a Olivença, que ainda se sustentava na frustrada esperança de soccorro. Ao decimo quarto dia, correu no arraial a nova da vergonhosa capitulação, offerecida pelo governador Saldanha; não obstante, ao cair da noite 28 de abril, quando Saldanha mandou ceder aos sitiantes os baluartes exteriores, os soldados enfurecidos contra a ordem do commandante, accenderam as escorvas da artilheria. Uma das balas que varejaram as barracas de campanha encontrou o peito do mestre de campo, e o matou fulminantemente, como annos antes ahi mesmo acontecera ao engenheiro João Cosmander, que de Portugal se passára ao serviço dos castelhanos.

Em Portugal attribuiu-se a morte do desertor á immediata intervenção da Providencia, á qual já haviam tambem imputado o homicidio do jesuita Cosmander, a quem D. João IV concedera que despisse a roupeta e envergasse a farda de coronel engenheiro-mór. N'estes

assassinios, e ainda nas victorias mais celebradas, temos sempre rendido preito á Divindade, como no Campo de Ourique, a S. Jorge como na de Aljubarrota, e algumas vezes ao diabo como nas batalhas em que soffremos derrota. A intermissão divina, porèm, na capitulação de Olivença, bem que matasse o desertor, não nos compensou com isso da mais vilipendiosa das capitulações.

Filippe IV, avisado da morte de João da Veiga, mandou desanojar a viuva, e entregar-lhe um titulo de pensão vitalicia egual á patente de seu marido.

As pessoas desventurosas, se a desgraça lhes dá treguas, estranham por tal modo a variante de sua sorte, que recorrem ao sobrenatural para explical-a. Se durante o infortunio, descriam da acção divinal nos actos humanos, depois que a felicidade as visita, compenetram-se de que foi Deus compadecido que lhes propiciou o contentamento. Reviçam então os desbotados sentimentos da fè; o coração envia aos labios a prece fervente, as lagrimas reconhecidas; e—quantas vezes—as virtudes se acrisolam a um bafejar de casual felicidade!

Era assim Maria Isabel, quando, ajoelhada no seu oratorio rogando a Deus que lhe salvasse o esposo, recebeu a visita do camareiro-mór de Filippe IV. Antes de ouvir a noticia da generosidade do rei, esvahira-se de alentos, e cahira nos braços amparadores do fidalgo. A nova, levada ao paço, rodeou a viuva do mestre de campo das mais illustres damas da côrte, porfiadas em a transferirem aos seus aposentos.

Quando pôde formar plano do seu futuro, pediu que lhe dessem uma cella em mosteiro pobre. Louvaram-lhe o intento, com a esperança de que a intercadencia

do tempo lhe esfriasse o proposito. Era ainda muito formosa senhora aos trinta e cinco annos. Os homens diziam entre si que, antes de cruzar os umbraes do mosteiro, Maria Isabel se veria assediada de muitos competidores a merecel-a. N'aquelle tempo de guerra, a facilidade da viuvez trouxera a facilidade das segundas nupcias, e muitas damas da melhor raça dotavam os segundos maridos com os serviços dos primeiros, abatidos nas variadas e infelizes luctas de Filippe IV.

Quando, porém, damas e cavalleiros esperavam attentamente o proceder da viuva de João da Veiga, Maria Isabel desappareceu de Madrid.

XXIX

A madre porteira do convento de Santa Escolastica viu entrar no pateo uma senhora de luto rigoroso com a face velada por espesso veo, e perguntou-lhe, quando ella se aproximou da portaria, quem procurava.

—Uma secular chamada Angela—respondeu Maria Isabel com a voz tremula.

—Angela!... Ah!... parece-me que a conheço pela voz... Não é a sr.ª D. Maria Isabel?!

—Sou.

—É?... já sabiamos que está viuva... Tem ido muitas afflicções n'esta casa. As irmãs do sr. João da Veiga sentiram muito a morte do seu querido irmão... Foi uma perda muito grande; mas Deus perdoe a elle... e a todos. Pois, minha senhora, se procura sua filha, aqui não é que a deve procurar...

—Não está cá? então...

—Poucos mezes depois que a senhora de cá saiu, veio aqui buscal-a o avô de Guimarães... Mas quem lhe deve contar por menor essas cousas é a sr.ª abbadessa,

que ainda é a mesma. Aqui tem a chave da primeira grade á mão direita. Queira subir e esperar, que eu vou dar parte.

Subiu Maria Isabel para a grade, e sentou-se na mesma cadeira onde vira, pela primeira vez, João da Veiga Cabral, o mancebo gentil, que lhe reconstruira a virgindade da alma com o milagre do amor. Afogavam-na os gemidos. Não era a imagem da filha, era a do esposo que lhe estalava o coração.

A porteira, no entanto, annunciava a vinda de Maria Isabel. Estavam presentes as tres freiras irmãs de Veiga Cabral, as quaes prorromperam em vociferações contra a cunhada, dizendo a mais desbocada que seu irmão morgado, quando soubesse que ella estava em Bragança, a mandaria atagantar por um lacaio. A prelada, sem commedir os excessos das suas subordinadas, declarou que tambem não queria ver Maria Isabel, e pediu a outra religiosa, a irmã da senhora de Negrellos, que lhe fosse fallar, pois que tinha sido ella quem promovera a sahida de Angela, e lhe entregasse os pingentes de diamantes e as arcas que sua filha não quizera receber.

Foi a religiosa á grade, e com bom rosto referiu á viuva tudo que acontecera desde a sua partida, com referencia a sua filha.

—Por compaixão da menina—disse a freira—escrevi a minha irmã, e nunca me arrependi de o fazer, por que hade haver um anno que minha irmã, fallando-me de sua estimavel filha, me participou que ella casára com um cavalleiro da ordem de Christo, muito rico, e muito boa pessoa. Se vossa mercê vai a Guimarães procurar sua filha, póde primeiro dirigir-se a minha irmã, diga-lhe quem é, e ella a encaminhará.

— Obrigada, minha senhora. Agora vejo que minha filha nunca recebecia carta minha.

— Se recebeu, foi uma que por casualidade me foi dada na roda, e eu enviei a minha irmã. Outras cartas cá chegaram; mas com certeza não passaram d'aqui. A sr.ª abbadessa encarregou-me de lhe entregar estas arrecadas, que vossa mercê lhe deixou para fins que não se realisaram. Quiz a prelada entregal-as á menina, quando sahiu; porém, o avô prohibiu-a de as acceitar, bem como duas arcas que terá a bondade de mandar buscar. Receba na roda as arrecadas, e diga-me se quer que mande trazer os bahus para a portaria.

— Eu avisarei, minha senhora... Serei imprudente perguntando como vivem... minhas cunhadas?

— De saude bem; mas muito consternadas com a morte do irmão, e em seguimento a da mãe, que se enterrou faz ámanhã quinze dias. Se me pede conselho, dir-lhe-hei que as não procure. Estas senhoras tem mais orgulho que humanidade.

— Deus lhes alivie as suas maguas — respondeu Maria Isabel erguendo-se. — Se ellas soubessem quanto hei soffrido, ou me perdoariam, ou se dariam por bem vingadas... Minha senhora, beijo-lhe as mãos pela caridade com que me recebeu. Levo as arrecadas de minha filha. Quanto ás roupas fechadas nas arcas, peço-lhe que as reparta pelas encostadas mais pobresinhas do convento; e, se essas tiverem escrupulos em acceital-as, mande a sr.ª dona abbadessa dar-lhes o destino que bem quizer.

Dias depois, Maria Isabel, ao apontar da noite, apeava de uma liteira na estalagem de Guimarães.

A anciedade não lhe deixou esperar o dia para se informar da paragem de Angela, procurando a morgada

de Negrellos. Fez chamar ao seu quarto o estalajadeiro, e perguntou-lhe se conhecia em Guimarães alguem da familia de Domingos Leite que fôra condemnado á morte em Lisboa.

—Conheci-o a elle e os pais e a filha—respondeu o estalajadeiro.

—E a filha?—acudiu Maria Isabel.

—Sim, senhora. A filha casou hade haver anno e meio com um senhor de Lisboa que comprou no Toural a casaria dos Freitas, uns fidalgos que deram á casca. A senhora hade ter ouvido fallar d'estes banaboias...

—E vive lá a filha de Domingos Leite?

—Eu lhe conto. D'ahi a dois mezes, o avô d'ella, que era cuteleiro, morreu, e poucos dias atraz do avô foi tambem a avó, a tia Maria Pereira, que estava entrevadinha. E vai depois o sr. Mendes...—sim, o sr. Mendes era o marido da neta do cuteleiro que vinha a ser filha do Domingos Leite—e vai depois o sr. Mendes, como eu lhe vinha contando—repartiu tudo que os velhos deixaram, casa, horta, dinheiro, officina e ferramenta, repartiu tudo pelos officiaes da cutelaria, e d'ahi a pouco, fechou a casa, foi para a côrte com a mulher, e nunca mais cá voltaram. Quem depois para ahi veio, e está na casa como mordomo ou feitor do sr. Mendes, é um velhinho, chamado Bernardo, que pelos modos já tinha tido o mesmo officio em casa do pai da sr.ª D. Angela. Contou-me elle aqui ha dias que, ouvindo dizer que a filha de seu amo estava na côrte, casada com um ricasso, a fôra procurar, e ella ainda o conhecera, quando o viu; e vai depois—onde não se espera está ás vezes a boa e má sorte de cada um!—o sr. Mendes mandou-o para aqui passar regaladamente a velhice. Pois é o que

eu sei... Então a senhora, ainda que eu seja confiado, vinha procurar alguma d'estas pessoas?

—Não... eu, passando por aqui—tergiversou Maria Isabel—e sabendo que o tal Domingos Leite era de Guimarães, quiz saber se ainda vivia alguem d'esta familia... Vossemecê conhecia a tal D. Angela?

—Ora! via-a muito a miudo, desde que ella para aqui veio, hade haver seis para sete annos. Era a mocetona mais linda que cobria a rosa do sol quando casou. Parecia-se muito com o pai, era tal qual; que o Domingos Leite era um moço esbelto e guapo como não havia outro cá na ordem dos mecanicos. E foi por isso que elle casou na côrte com uma mulher que não sabia o que tinha de seu; mas, a final, a ambição de ser fidalgo foi o que o levou á forca... A senhora hade saber como foi...

—Sei... sim...—balbuciou Maria Isabel.

—O homem foi para Castella, lá fizeram-no fidalgo... e vai, depois...

—Sim, eu sei essa historia... Pedia-lhe o favor de me deixar agora descançar, que tenho de sair cedo.

—Pois com bem passe a noite, senhora. Póde-se deitar socegada que a cama é limpa, e foi toda feita de novo. A que horas quer que se ponham os machos á liteira?

—Ao amanhecer... Espere...—disse Maria Isabel, depois de pensar alguns segundos.—Não me disse que o tal sr. Mendes tinha comprado...

—Comprou a casa do Toural e as quintas de Santa Cruz, e mais o casal da Carrapatosa, que deu a um... Ah! esquecia-me de lhe contar outra acção de fidalgo que elle teve com um Theotonio, que tambem foi criado do Domingos Leite. O tal Theotonio era filho de um

ferrador cá da terra. Foi para Lisboa, e esteve lá por criado da cocheira do Domingos Leite, quando elle chibanteava com a riqueza da mulher. E vai depois, aqui ha de haver dois annos apparece o Theotonio na officina do cuteleiro, e o velho assim que o viu, contou-me um aprendiz, abraçou-se n'elle a chorar de alegria, e lá se sumiram ambos na horta a conversar. Vai n'isto, casa o sr. Mendes, e d'ahi a pouco manda comprar em nome do Theotonio, que era um pobre de Christo, o casal da Carrapatosa, e elle ahi está um pimpão, que rompe ahi por esse Toural fóra em cima de uma egua travada que se vão os olhos n'ella!... Pelos modos este sr. Mendes devia de ser um grande amigo do Domingos Leite! Veja a senhora! Casa-lhe com a filha; dá a Carrapatosa a um creado; manda para ahi o outro que come e bebe á tripa forra, e não tem nada que fazer!... Que me diz a senhora?

—É admiravel a generosidade d'esse homem, decerto! Mas dizia eu que talvez elle me comprasse uma quinta... que tenho... não longe d'aqui — tartamudeou Maria Isabel, mal ensaiada para o intento.

— Ponto é querer elle... Nada se perde em fallar... se v. s.ª quer, eu digo ao mordomo que lhe escreva...

—Não, como tenho de ir a Lisboa, contentava-me saber onde elle mora, e eu lá me entenderia com elle.

—Pois tambem póde ser... Eu vou mandar saber isso ao Toural; e, quando a senhora sair, já sabe a resposta.

Maria Isabel esperou a estrella d'alva, sem repousar a fronte candente de febre. Oh! miserrimas expiações as que percutiam e despedaçavam aquella alma que, a cada hora, sentia afundar-se, escurecer-se mais o abysmo do seu abandono. «Que odio—dizia ella comsigo—me não

terá o marido de minha filha, o homem que tão liberalmente galardoa os criados de Domingos Leite! E porque? Talvez tão sómente porque elles depozeram na presença de Angela contra sua mãe criminosa! Vou ser repellida! ai! sim, vou! Que importa? Que venha da mão de minha filha o ultimo golpe! Eu abençoarei as suas injurias, os seus desprezos, comtanto que elles me matem, e levem a minha humilde alma á presença de Deus misericordioso!»

. . . . . .

Quando Maria Isabel desceu para entrar na liteira, o estalajadeiro entregou-lhe um papel com estas palavras:

O sr. Francisco Mendes Nobre mora no palacio de D. Braz da Silveira, na praça do Rocio, fazendo esquina para o palacio da Inquisição.

—Francisco Mendes Nobre! — dizia entre si a viuva de João da Veiga—eu nunca ouvi este nome!...

XXX

Francisco Mendes, como dissemos, temia que, fallecido D. João IV, o santo officio saldasse a divida da patria aos judeus, queimando-os. Não obstante, animado por amigos adquiridos na ante-sala do paço, differiu o projecto de voltar para Amsterdam, onde tinha a bom recado o mais grosso dos seus cabedaes. Admoestaram-o, porém, os seus protectores que apparentemente ao menos observasse todos os preceitos de bom christão.

Resolvido, pois, a remedar hypocritamente alguns dos catholicos d'aquelle tempo, tomou de renda o palacio de D. Braz da Silveira, na Praça do Rocio, porque o palacio tinha capella com a frontaria para a praça, e Francisco Mendes queria que o vissem quotidianamente assistir á missa do seu capellão com a possivel publicidade. Á ilharga da sua casa estava a Inquisição, e defronte os dominicanos inquisidores:—excellentes testemunhas.

A estima publica, segundo é costume, applaudiu a

devoção do suspeito christão novo, abstendo-se de escrutar-lhe a sinceridade. Os seus correligionarios, por insinuação d'elle, imitaram-o, os ricos particularmente, e ainda mais os credores do estado.

D. Angela Mendes Nobre, por boas razões, omittiu os appellidos paternos, e respondia á curiosidade das suas amigas, dizendo-se oriunda da provincia do Minho. A infamia constante da sentença, que lhe enforcára o pai, não preterira; e o facto de sua mãe ser viuva de um official desertor, que em Badajoz fizera morder o pó a muitos illustres cavalleiros, aggravaria decerto as malquerenças. N'aquelle tempo, o segredo podia conservar-se sem grandes precauções. Um caso identico n'estes nossos dias, em que ninguem se casa nem faz annos sem ser archivado nos annaes da nossa vida social, a razão de 10 réis, a filha do regicida não conservaria o incognito, logo que algum correspondente de Guimarães se fizesse estampar com a immortal aureola de *Amigo da verdade*, como são todos os chronistas do sertão.

Angela vivia tranquilla e amada; mas absolutamente feliz, não. Depois de casada, quizera escrever a sua mãe, escrevera; mas não havia modo de passar as cartas na fronteira, mórmente as enviadas á mulher do desertor Veiga Cabral. Este invencivel estorvo penalisava-a, e Francisco Mendes não lhe atinava com remedio. Quando em Lisboa, como consolação do desastre de Olivença, se festejava a morte do mestre de campo com assuadas nocturnas, em que estrallejavam alguns «morras» a Manuel de Saldanha e ao conde de S. Lourenço, D. Angela ouvia das suas janellas a vozeria da praça, e dizia magoadamente:

— Minha pobre mãe, muito desgraçada has sido!...

Occasionara-se, ao cabo de cautelosas diligencias de Francisco Mendes, um portador clandestino para Madrid. Angela escreveu á mãe, explicando o seu forçado silencio, e perguntando-lhe o seu destino depois de tão grande golpe.

O portador voltou com a carta. Em Madrid disseram-lhe que a viuva do mestre de campo desapparecera, quando o rei e a propria rainha D. Marianna d'Austria a protegiam liberalmente. Suspeitava-se que a infeliz senhora se houvesse afogado, porque ninguem lhe conhecia paragem.

Francisco Mendes escondeu da esposa este funesto e provavel desenlace da tragedia de sua mãe, e inventou que Maria Isabel tinha sahido de Madrid para a companhia de uma familia, parenta remota de seu marido.

Fiel ao seu programma devoto, o christão novo, todas as manhãs, mandava abrir a capella de sua casa aos fieis. Entre as oito e as nove subia o capellão os degraus do altar. A ermida trasbordava de senhoras da visinhança e das vendedeiras abarracadas debaixo dos Arcos.

Francisco Mendes e Angela, com uma cauda de servos, assistiam na tribuna lateral da parte do Evangelho, muito á frente, para serem vistos. A filha de Domingos Leite entrava com a maior seriedade e uncção n'este espectaculo, porque tinha sempre os olhos postos na imagem de Jesus a quem pedia os resplendores da gloria eterna para seu pai, para seus avós; e o socego d'esta vida para sua mãi. Em coração d'onde rebenta a oração em lagrimas não cabe a hypocrisia.

Mas, desde uma certa manhã, Angela não fixava tão assiduamente os olhos no painel do Redemptor. O marido, attentando na penetração do olhar da esposa para

o recanto sombrio de um altar lateral, perguntou-lhe:

— Que vês tão abstrahida?

— Logo t'o direi, no fim da missa.

E, quando o padre abençoou o povo, disse ella ao marido:

— Hasde reparar em uma senhora vestida de luto, que está entre o altar de Santo Antonio e a banqueta de S. Roque, n'um desvão que está quasi ás escuras...

Francisco reparou com disfarce, e disse:

— Vejo um vulto negro, e mais nada. Nem te posso dizer a côr que ella tem...

— O veo é tão denso que não deixa ver nada.

— Pois é isso; mas que é o que te chama a attenção?

— É ter visto, ha oito dias, sempre ali aquella mulher, sem despregar os olhos de nós...

— De mim?

— De nós; eu não sei...

— Querem ver a minha Angela com ciumes?

— Não, meu filho, juro-te que não. As mulheres que fazem ciumes não se vestem assim, nem olham como ella para as outras a quem querem tirar os corações dos maridos. O meu reparo é outro... Diz-me uma voz interior que aquella mulher é desgraçada, talvez uma viuva pobre de algum official morto na guerra; e, quando olha para mim, póde ser que esteja pensando que os meus sobejos bastariam á sua riqueza.

— Póde ser, filha — disse elle sorrindo — mas não é tambem possivel que ella te contemple porque te acha formosa?

— Estás a brincar, meu doido; parece-me que as damas de Lisboa não costumam fazer alarde d'essas admirações quando as formosuras são femininas.

Esta conversação continuára no interior da casa.

— Queres tu? — volveu o marido — eu faço indagar quem seja a tua contempladora; ámanhã, se ella vier á missa...

— Vem sempre, ha oito dias.

— Pois bem; ámanhã mando um creado seguil-a, notar a casa em que entra, e depois eu te descobrirei quem ella é.

— Isso não, o caso não é para tanta curiosidade; e de mais a mais não acho louvavel espreitar-se ninguem. Ha pessoas infelizes que sentem mais vergonha que pesar de o serem, ouvi dizer isto, era eu bem pequena, a minha mãe, e nunca me esqueceu. Se procurares nas minhas escriptas que trouxe do convento, hasde lá achar estas e outras cousas que a minha mestra chamava sentenças, *e as que sua mãe disser*, me dizia a mestra, *devem ser verdadeiras porque tem a prova real da desgraça.*

Francisco Mendes beijou com orgulho as faces da esposa, e murmurou:

—Ès uma creatura divina! Dás-me uma lição de delicadeza, pela qual eu te daria reconhecidas lagrimas, se não podesse beijar-te. Não espreitaremos a mulher. Quando ella olhar para ti, olha tu com bondade para ella. Póde ser que assim a animes a revelar-te os seus pezares, se o teu coração te não engana.

Na seguinte manhã, assim que se abriu a capella, a mulher vestida de luto foi das primeiras que entraram.

A leitora sorriria da minha candura, se eu cuidasse que s. ex.ª não reconheceu logo n'aquella senhora a mãe de Angela.

A filha de Domingos Leite, escondida e sósinha no

fundo da tribuna, já a esperava, e quedou-se alguns minutos observando-a, a ver se ella distrahidamente levantaria o veo, em quanto na capella eram pouquissimos os fieis.

Viu que ella, ajoelhada, orava fervorosamente: e, depois, sentando-se no costumado cantinho, depois de olhar para a tribuna, deixára pender a face para os braços cruzados sobre o regaço. E assim permaneceu até que o acolito foi tanger a campainha no limiar da porta. Ergueu a fronte, ajoelhou e esperou reverentemente o sacerdote. N'este momento, Angela abeirou-se do peitoril da tribuna, e fixou-a de golpe. Maria Isabel attentou n'aquelle lance d'olhos, e contrahiu-se convulsa; e, como não podesse ter-se nos joelhos, sentou-se, e por entre o veo levou aos olhos um lenço.

—Que é isto, meu Deus?—exclamou Angela a tempo que o marido vinha entrando, seguido dos creados.

—Que tens? tão pallida?!—perguntou Francisco Mendes.

—Logo t'o digo...—respondeu ella—repara, repara... Está a chorar, depois que me viu...

—Olha que não te illudisses, Angela...

Ella não respondeu, porque a mulher que chorava erguera-se amparada ao altar, e encostando-se á parede sahiu por entre a mó do povo, que a seguia com os olhos.

—Vae sahir...—disse Angela com sobresalto—conhece-se que não póde andar... Vae tu, vaes, meu filho? vae de volta ver o que ella tem...

—Eu vou, Angela... Isto não vale tamanha afflicção, menina!

Quando Francisco Mendes chegou á praça do Rocio,

sahindo pelo portão que se distanciava muito da capella, já não viu a mulher de luto. Foi á porta da ermida, cuidando que a encontraria ainda, e perguntou aos da ultima camada se não tinha sahido uma senhora vestida de luto pezado.

—Sahiu—respondeu alguem—e não ia boa; entrou n'uma liteira de mão em que tem vindo todos os dias; e ella lá vae, acolá defronte do hospital.

Francisco Mendes Nobre deu ainda alguns passos na direcção da liteira: mas conteve-se, reprehendido pela maxima: *Ha pessoas infelizes que sentem mais vergonha que pezar de o serem.*

Maria Isabel alojara-se em uma obscura estalagem do Terreiro do Trigo. Ahi demorava havia quinze dias sósinha e desconhecida. No dia immediato ao da chegada, foi á Praça do Rocio. Conhecia o palacio de D. Braz da Silveira. D'aquellas janellas vira ella as festas e procissões, no seu primeiro anno de casada, ao lado do marido, tão vaidoso d'ella, quanto bemquisto dos mais soberbos senhores da côrte.

Como visse aberta á porta da capella, entrou, ajoelhou; e vendo assomar uma senhora na tribuna, reconheceu a filha, dado que a lindeza da creança não promettesse tão deslumbrante formosura. Nos tres primeiros dias, chorára incessantemente durante a missa; mas o veo de escomilha espessado pelas dobras a defendera da curiosidade. Da quarta vez que foi á capella, encontrára os olhos de Angela que a observavam. N'aquelle instante, se a filha estivesse ao alcance de seus braços, ergueria o veo, e deixaria correr livremente o pranto.

Passados tres dias, deu-se o caso de Angela inesperadamente se debruçar no peitoril da tribuna, encarando

n'ella com profunda attenção. Ora, n'aquelle dia, a viuva entrára na capella tão quebrada de forças — em razão das vigilias febris das suas noites — que a menor commoção bastaria a prostral-a. Ao sahir da estalagem, pedia a Deus que lhe désse coragem para fallar á filha; e, na capella, quando abatera a face envolta em crepe sobre o regaço, ainda supplicava a Deus o alento que se lhe esvahia, ao aproximar-se a hora de a procurar, depois da missa. Erguendo os olhos, viu a filha que parecia fital-a como se a podesse conhecer ou adivinhar. Ancias indiziveis lhe arquejavam o seio n'este lance; aos labios rompera-lhe um grito da alma que ella abafou com o lenço sopesado na mão. Esta violencia deu-lhe agonias que lhe entorvaram a vista; ergueu-se então cambaleando, apegando-se á parede, e sahiu, emquanto na tribuna se passou a scena já descripta.

Nos dois dias immediatos, Maria Isabel não foi á capella. Angela, atormentada já pelo presentimento de que era sua mãe aquella mulher, não tinha hora de socego, e magoava-se, se o marido queria desconvencel-a da suspeita.

—Se fôr ella, voltará, Angela...—dizia, consolando-a, Francisco Mendes.

— E, se estiver doente que não possa... e, se tiver morrido...—contrariava a esposa.

—Se é tua mãe—raciocinava o hebreu—quando receiar a morte, chamar-te-ha onde estiver. Se saudades de ti a houvessem de matar, não seria a tua presença que lhe apressasse a morte: antes pelo contrario, o geito amoroso com que reparavas n'ella devia dar-lhe forças para se revelar. Eu, minha Angela, não creio que esta senhora seja tua mãe; todavia, desde este momento,

farei as indagações que puder; mas attende ao grande melindre d'esta diligencia. Não sei como heide perguntar pela viuva de Domingos Leite Pereira ou pela viuva de João da Veiga Cabral. Tanto do primeiro como do segundo marido houve a desditosa senhora um legado que a faz odiosa ao commum das pessoas. No entanto, principio hoje a mandar espiar as estalagens de Lisboa por pessoa insuspeita.

No dia seguinte, porém, Maria Isabel entrou na capella, quando a missa já ia adiantada. O concurso de fieis era então muito diminuto.

Angela viu-a entrar; ergueu-se de golpe, e sahiu da tribuna; lançou pelos hombros uma capotilha de seda com capuz, desceu á sachristia por uma escada interior do serviço do capellão, passou em frente de Maria Isabel, e ajoelhou-se ao lado d'ella, pouquinho distante. Francisco Mendes seguira-a, e ajoelhára no umbral da sachristia. As creadas de Angela, pasmadas da subita sahida da senhora, afrentaram-se na tribuna, e attendiam quasi nada ao sacrificio incruento.

Maria Isabel, quando viu a filha entrar na capella, ajoelhar diante do altar, erguer-se, descer até meio da quadra, e ir para o seu lado, cuidou que os seus olhos a illudiam, que era uma das suas visões febris, uma allucinação como tantas que lhe deliravam no cerebro enfraquecido.

Olhou de travez e pela espessura do crepe, com um movimento do arrebatado espertinar de um sonho. N'este momento, o acolito tangeu tres vezes a campainha, e o sacerdote levantou a hostia. Angela curvou-se, batendo no peito; Maria Isabel inclinou-se tambem; mas as forças abandonaram-na; ia bater com o rosto no ladrilho.

quando Angela, de repente, a amparou, cingindo-a com um braço pelo peito, e o outro pelos hombros.

Maria Isabel, ao sentir-se abraçada pela filha, apertou-a convulsamente, ergueu da face o veo com um repellão vertiginoso, e balbuciou afogada pelas lagrimas:

—Sou tua mãe!...

Francisco Mendes, logo que viu Angela amparar a mulher pendida ao chão, foi para junto d'ellas. Os assistentes da missa voltaram-se todos para o grupo das duas senhoras, enlaçadas, com as faces occultas nos pannos do capuz de uma e do veo da outra. O hebreu ajoelhou ao lado da esposa, quando o padre levantou o calix; depois, curvou-se-lhe ao ouvido, fez-lhe uma pergunta, á qual Angela respondeu com um signal affirmativo. E então, o amigo de Domingos Leite, passando para o lado de Maria Isabel, tomou-lhe a mão, levantou-a para si com branda violencia, offereceu-lhe o braço, e entrou com ella amparada na sachristia. Angela seguia-os. O capellão, distrahido pelo insolito reboliço, suspendeu o augusto ministerio. As interrogações e commentarios rumorejavam no recinto da capella, entre os fieis. Entretanto, Maria Isabel, ao entrar na sachristia, e abraçada outra vez pela filha, perdera a côr, e cerrára as palpebras aljofradas de lagrimas, a tempo que um sorriso de ineffavel doçura lhe aformoseava os labios, como se o halito de Deus compadecido lhe entrasse por elles a reviçar-lhe as alegrias do coração. Perdera o alento; mas a expressão da felicidade santa da mulher abandonada, sem algum esteio na vida, a ventura inesperada da mãe, que encontrou o perdão e o amor de sua filha, essas delicias, que lhe apagaram

por instantes a luz da vista, o coração as dizia no sorriso de Maria Isabel.

Transportada para a ante-camara de Angela, quando abriu os olhos, viu o rosto da filha pendido sobre o seu. Era no regaço de Angela que Francisco Mendes inclinára a fronte desfallecida da mulher de Domingos Leite. Elle estava em pé, com um vidro de espiritos, cujo effeito Maria Isabel começava a sentir. A viuva levantou a face, e olhou alternadamente para ambos.

—Minha mãe!... está melhor, não está?—perguntou Angela, desviando-lhe da face os opulentos cabellos destrançados.

—Sim... melhor... Estou bem... Creio que poderei abraçar teu marido... a sua caridade chegou até mim...

E, erguendo-se, abraçou-o.

—Não é caridade—disse o hebreu—é o amor de Angela que nos envolve na sua divina luz a ambos.

—Seja assim—tornou Maria Isabel com serenas e pausadas vozes.—Vi-te, minha filha; agora, vou perdoada.

—Vae?! minha mãe para onde vae?!

—Vou para o recolhimento de Nossa Senhora da Encarnação onde já tenho a minha morada... eterna. Não vou pedir a Deus que me perdoe... Creio n'Elle, e por isso creio que já expiei os meus delictos. Vou pedir a Deus que nunca te deixe provar uma gota do calix de tua mãe! Vou orar por ti, que és um anjo; eu tambem o fui, e tão desgraçada vim a ser...

Francisco Mendes interrompeu-a, tomando-lhe a mão amorosamente:

—Se nos deixa para ir orar por sua filha, não precisa de sahir de entre nós que lhe offerecemos esta

casa, bem menos valiosa que o nosso coração. Se deseja orar, senhora, aqui tem o oratorio de sua filha.

E, quando elle abriu as portadas do oratorio em que avultava a imagem de Jesus Christo crucificado, Maria Isabel abraçou-se na filha, e ajoelharam ambas.

E o hebreu, acostumado a prostrar-se sómente diante das imagens em publico, ajoelhou tambem, acreditando que a alma do homem não teria lagrimas dulcissimas como as d'elle, se Deus não fosse parte na alma que as pôde chorar.

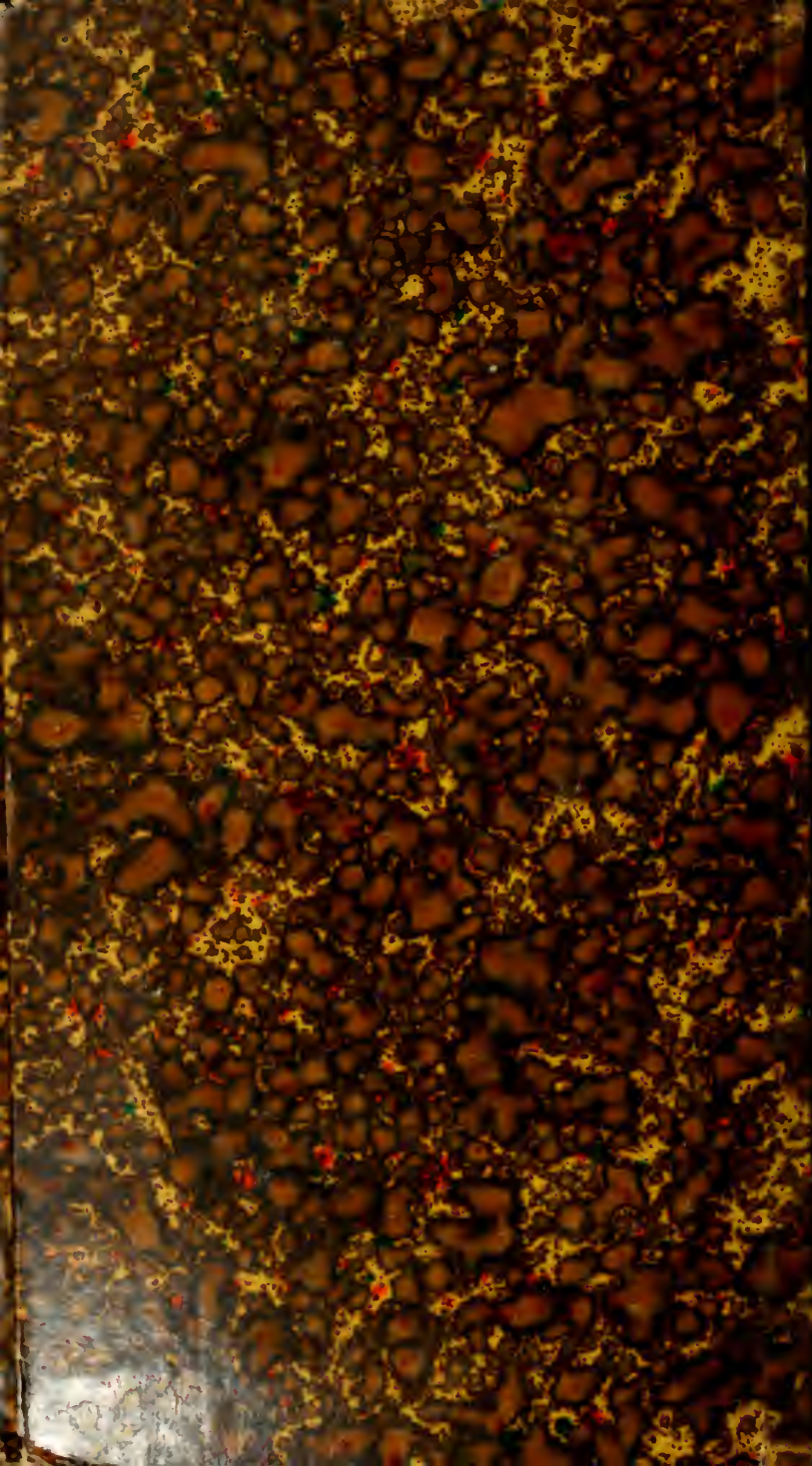
FIM

ERRATAS

Pag. 46, lin. 30—*A Deus a elle*; emende: *A Deus e a elle.*
» 65, lin. final: *gravidade*: emende: *gravidade.*
» 93, lin. 23: *fidalga?* emende: *fidalga!*

PQ 9261 C3F45 1875

Castello Branco, Camillo
A filha do regicida

PLEASE DO NOT REMOVE
CARDS OR SLIPS FROM THIS POCKET

UNIVERSITY OF TORONTO LIBRARY